Diário de Lisboa

Janeiro 1977
Terça-feira
11
Ano 56.º
N.º 19 249
6 escudos

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

JULGAMENTO ESTÁ PARA BREVE

Suspeitos bombistas não saem de Caxias

Os presumíveis implicados na rede terrorista, detidos em Caxias, não serão libertados em Fevereiro, conforme afirmou, esta manhã, ao «D. L.», o dr. Dário Raínho que se encontra no Porto a fazer novas diligências.

Como é sabido a última prorrogação da prisão preventiva dos suspeitos foi proferida há poucos dias, terminando assim nos dias 2 (para uns) e 4 de Fevereiro (para outros) tal prazo. Por via disso era grande a espectativa nos meios judiciários e democráticos, até porque corriam rumores de que Ramiro Moreira, Júlio Regadas e quejandos seriam libertados. A preocupação era justificada, apesar de, nos tempos que correm, não haver lugar para grandes admirações.

Conforme nos sublinhou o juiz instrutor da P. J. M. os processos individuais, que serão apensos ao processo geral do terrorismo bombista, estão praticamente concluídos e, até dez dias antes do termo do prazo da prorrogação, serão passadas as vistas aos advogados dos arguidos. Estes manter-se-ão detidos depois à disposição do tribunal até julgamento.

Confirmou-nos também o dr. Raínho que não chegam a meia centena os processos individuais relativos a algumas dezenas de atentados cuja responsabilidade pesa sobre alguns dos suspeitos. Por outro lado, esbatendo a nossa intrigante questão de estar a ser instruido tão reduzido número de processos individuais, quando ascendeu a cerca de 400 o número de atentados, disse-nos o dr. Raínho que grande parte dos rebentamentos em automóveis, pelo menos daqueles que ocorreram no Porto, serão incluidos no processo, mesmo sem instrução individual.

O juiz-instrutor da P. J. M. disse-nos ainda que apesar de ter sido solicitado a todas as comarcas do País o envio de todos os processos relativos a atentados terroristas para a P. J., muitos deles ainda estão por chegar. Aliás, será no sentido de os conseguir que o dr. Dário Raínho fará determinadas diligências no Norte.

LISBOA À TARDE

Lisboa à tarde: no Chiado, onde há o «shopping» mais elegante da capital, dois tipos de comércio fazem esta estranha vizinhança. A pobreza de um contraste com o soberbo apelo estético do outro, enquanto os transeuntes, indiferentes, passam olhando alto

António Celeste em Moscovo

«As exportações portuguesas para a União Soviética deverão aumentar este ano em 30 por cento», declarou em Moscovo ao correspondente da R. D. P., o secretário de Estado do Comércio Externo, António Celeste, que chefia uma delegação do nosso país à reunião da Comissão Mista Luso-Soviética.

O responsável português mostrou-se satisfeito com os resultados da reunião, concluída ontem, e disse que, com a formação do grupo de trabalho permanente «se resolverão dificuldades e se criarão as condições para o incremento de novas trocas entre os dois países».

O ESCÂNDALO DOS "PIDES"

Vasco da Gama Fernandes recebeu antifascistas

● A.E.P.P.A. manifesta-se em Santa Clara

O dr. Vasco da Gama Fernandes confirmou ontem ter assinado em 31 de Dezembro último o decreto-lei relativo à incriminação dos agentes daquela organização fascista e que o mesmo está presentemente a correr os seus trâmites legais, esperando-se a todo o momento a sua publicação.

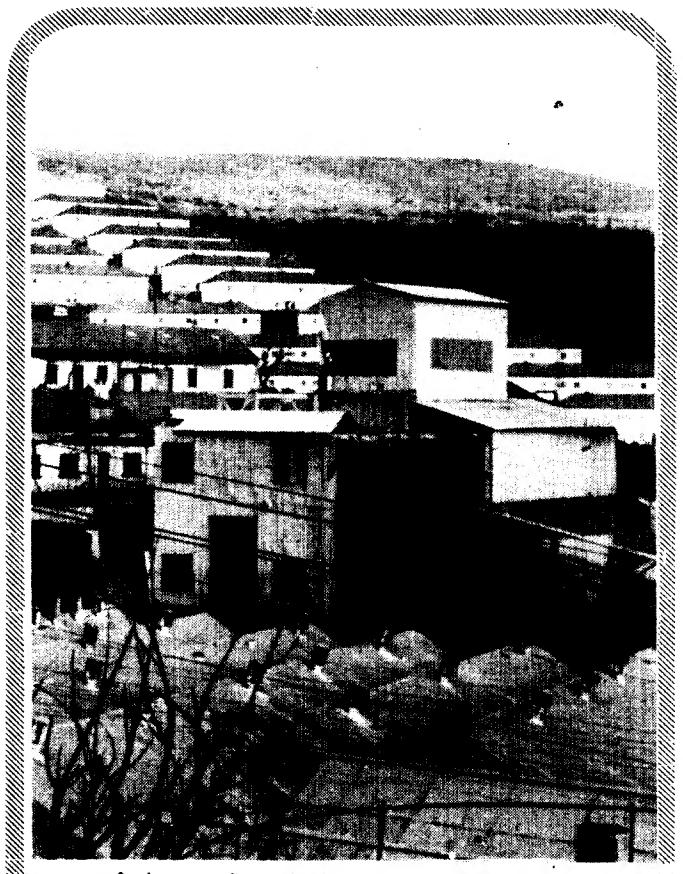
Esta declaração do Presidente da Assembleia da República foi feita a um grupo de antifascistas constituído pela dra. Alcina Bastos, Edmundo Pedro, Tomaz de Aquino, Aníbal da Silva Bizarro e Manuel Alpedrinha, que lhe haviam solicitado uma audiência no sentido de pedirem a máxima urgência na publicação das alterações introduzidas ao referido decreto-lei.

Entretanto de todo o País e do estrangeiro sucedem-se as tomadas de posição contra o que já é considerado internacionalmente um verdadeiro escândalo judicial — a libertação dos «pides» através de simbólicas condenações a penas já inteiramente absorvidas pela prisão preventiva sofrida.

Em Lisboa, a Comissão Distrital do Movimento de Unidade Popular reunida em plenário aprovou uma moção em que condena «os tribunais burgueses» que «em vez de condenarem severamente os agentes e as instituições a que eles pertenciam — a criminosa PIDE e o regime fascista — tem vindo a enaltecê-los com elogios, glorificando o seu bom comportamento e as medalhas recebidas, por terem assassinado dignos defensores da causa popular».

A moção, protestando «da forma mais enérgica contra a traição à luta antifascista do Povo Português, que aquelas farsas de julgamento representam» refere a decisão daquele Movimento de «apoiar com todas as forças as acções que sejam levadas a cabo para a constituição de um tribunal que julgue o fascismo e a PIDE, e desmascare os tribunais fantoches». Termina apelando aos activistas do MUP e a todos os antifascistas, democratas e progressistas com ou sem partido «no sentido de não pouparem esforços para repudiar e denunciar todos estes atentados contra o nosso Povo e de se associarem a todas as iniciativas que contribuam para o seu desmascaramento, não permitindo que um só «pide» se passeie nas nossas ruas».

Continua na pág. 20



As instalações mineiras com o bairro em fundo

NAS MINAS DA PANASQUEIRA

Renasce optimismo para reintegração dos cabo-verdianos

As duas grandes questões que preocupam os trabalhadores das Minas da Panasqueira — o rescaldo do conflito com trabalhadores cabo-verdianos, com as diligências consequentes para a reintegração de 87 deles, e a greve dos mineiros do subsolo — conheceram ontem novos factos que poderão influenciar decisivamente o evoluir daquelas questões.

Quanto á quebra de produção dos mineiros do subsolo (tratada exaustivamente em artigo do nosso enviado especial na página 5), a empresa comunicou que ia processar os responsáveis e controlar as quebras diárias de produção para descontos proporcionais no salário. Escusado será dizer que, independentemente de conseguir levar à prática estes desejos, o que não é lá muito crível, esta atitude poderá custar muito caro à Beralt Tin an Wolfram Portugal, S. A. R. L., pois os mineiros denotam uma disposição dura para continuar a luta que parece mais que justa.

Em contrapartida, a questão surgida com a deslocação dos 132 mineiros cabo-verdianos que se encontram ainda na Foz do Arelho conheceu, ontem, aspectos positivos na reunião da comissão eleita por estes trabalhadores emigrantes e da Comissão Intersindical de Delegados das Minas, sob os auspícios do Ministério do Trabalho. Resultou da reunião que os delegados sindicais prometeram iniciar acções de esclarecimento sectoriais, cada delegado com os individuos filiados no seu sindicato, dos vários que têm representação nas Minas da Panasqueira. Ficou igualmente claro para todos que a empresa tem larguíssimas culpas na questão, já que como única responsável pelas relações de trabalho e sociais no couto mineiro da Panasqueira deixou degradar a situação até ao ponto de ruptura. Agora quer furtar-se ao pagamento de eventuais indemnizações aos trabalhadores africanos suspensos. Este ponto, aliás, vai ser objecto de uma interpretação legal por parte do M. T.

O dr. António Fonseca, que tem tido um papel positivo nas tentativas de ultrapassagem do problema, afirmou à Anop que «a reintegração dos trabalhadores compete à empresa. O Ministério tem-se limitado a fazer o enquadramento político e jurídico do problema para evitar que ele se deteriore».

Para hoje (meio-dia) estava marcada uma reunião do ministro do Trabalho, Marcelo Curto, com o embaixador de Cabo Verde, Corsino Fortes.

YUSSUF DADOO ENTREVISTADO PELO "DL" (CENTRAIS)

20 PÁGINAS

Nacional

Política de A a Z

DAS PALAVRAS À ACÇÃO

Não haverá aí quem conteste que é necessário «vencer a crise e construir uma sociedade melhor para todos». Mas não haverá por aí quem não sinta que estamos a perder tempo, a adiar decisões, a tergiversar nas soluções, a hesitar, a regressar. Não falamos, apenas, dos que regressam, solicitados ou não; falamos do regresso às velhas formas, às velhas soluções, aos velhos hábitos, ao velho espírito. Falamos da incapacidade para, organizada e responsavelmente, prosseguir a tarefa iniciada: construir, sobre as ruínas do regime fascista, um «País novo». O que, como bem se compreende, não se poderá fazer recuperando o pessoal velho, abrindo os braços e as inscrições nos «partidos» aos tecnocratas do «marcelismo».

Belos serão os discursos, convincentes as promessas, sugestivos os planos, mas urge a acção. O tempo corre contra um Portugal em mudança que hesita e espera. Só a criatividade e a participação na acção transformadora das forças do Trabalho e da Cultura, poderá recompensar-nos do tempo perdido, evitar novos erros, corrigir mais graves desvios. A tarefa de concretização do projecto nacional (e constitucional) de avanço para «uma sociedade melhor para todos», implica trabalho e clareza. A democracia tem nome. O socialismo tem nome. E porque estes nomes estão inscritos na Constituição da República, mal se compreende que sejam omissos do discurso oficial e nos momentos solenes.

A vontade popular no processo eleitoral confirmada, deverá inspirar-nos, a todos, para uma referência sem ambiguidades, sem circunlóquios, aos objectivos reais ... populares, democráticos, socialistas ... que resultam da vitória «Revolução Portuguesa de 25 de Abril de 1974». A esses objectivos, repetidamente, nas urnas, o povo português reafirmou a sua adesão. Mas antes de aderir votando, mas antes de aplaudir pelo voto, abraçara esses objectivos ... populares, democráticos, socialistas ... descendo às ruas e praças para, com os militares antifascistas, proclamar a boa nova da liberdade reconquistada.

UM PACTO DEMOCRÁTICO

O general Ramalho Eanes, no discurso proferido no acto de posse do novo C. E. M. F. A., general Lemos Ferreira, afirmou: «Os militares estão apostados em quebrar o fatalismo historicamente cíclico, em que à instabilidade liberal ou democrática se seguiu a estabilidade ditatorial suportada pelas Forças Armadas. Em século e meio os militares corresponsabilizam-se por um sem-número de modificações corresponsabilizam-se por um sem-número de modificações cíclicas abusivas. Neste curto espaço de tempo o País sofreu dezenas de golpes de Estado e pronunciamentos militares.»

A todos esses golpes de Estado e pronunciamentos a Nação sobreviveu, como o general Ramalho Eanes não deixou de acentuar. Mas sobreviveu mergulhando, por um meio século, na mais triste, apagada e vil tristeza. O general Ramalho Eanes não deixou de se referir ao facto de «a estabilidade ditatorial» ter sido «suportada pelas Forças Armadas». Agora, com a confiança fria mas determinada, que nas suas palavras transperece, dá acento tónico a uma nova aposta, a um novo empenho histórico. Cabe às Forças Armadas constituírem-se garantes da «ordem constitucional»; cabe às Forças Armadas num País que reencontrou a vida democrática e que inicia a jornada da construção de uma nova sociedade na qual, na letra da Constituição, as classes antagónicas venham a ser abolidas ... cabe às Forças Armadas dizíamos defender a Democracia. A Constituição, e o comprometimento das Forças Armadas nesta fase transitória, constituem um «pacto democrático» que é a base da nossa vida política. Esse «pacto democrático» deverá eliminar a instabilidade da nossa vida política; mas não deverá desmobilizar os militares para a defesa da Democracia. O problema da educação política das Forças Armadas põe-se. Não parece que tenha sido resolvido.

Todavia, sem uma educação política que torne consciente o empenho dos militares na defesa da «ordem constitucional», o «pacto democrático», a aposta de defender a Democracia, estarão à mercê das flutuações de opinião da própria hierarquia. A cadeia hierárquica tem as suas limitações. Dessas, não são as políticas as de menor importância. O «pacto democrático», o empenho constitucionalista, justificam, como o general Ramalho Eanes justamente defendeu, as «soluções excepcionais».

LEGITIMIDADE REVOLUCIONÁRIA

Foram as Forças Armadas que suportaram a «estabilidade ditatorial». Disse-o Ramalho Eanes e é certo. Não exclusivamente, contudo. Há que somar ao suporte proporcionado pelas Forças Armadas, o suporte das forças de segurança, da P. I. D. E. / D. G. S., da Legião Portuguesa e outros. Mas, de todas as forças de suporte, as que se decidiram a romper a cadeira de uma disciplina que servia a opressão fascista, foram as corporações militares propriamente ditas: a Aviação, a Marinha, o Exército. Com particular relevo para este.

Assim surge uma categoria nova: a «legitimidade revolucionária». Foram homens que romperam com a disciplina (que servia os interesses reaccionários) e que desrespeitaram a vinculação hierárquica (que servia os interesses reaccionários) que honraram as suas fardas, nobilitaram as Forças Armadas, reconciliaram os militares com os civis, ofereceram à Pátria a Liberdade e essas festas cívicas de 25 de Abril e do 1.º de Maio de 1974.

Da «festa» passemos ao «trabalho», das palavras aos actos, mas mantenhamos vivos os valores da «legitimidade revolucionária» e não tenhamos receio de depositar a defesa da «ordem constitucional» nas mãos daqueles que se revoltaram contra a «estabilidade ditatorial».

Os «indisciplinados», os «desrespeitadores da hierarquia», são os melhores defensores da «ordem democrática». Só eles têm «legitimidade revolucionária» para garantirem a esta Nação, a este Povo, que o caminho em Abril iniciado não conduzirá a um Maio (o do Gomes da Costa) ou a um Dezembro (o de Sidónio Pais).

J.S. DA MADEIRA ACUSA

"Governo regional é desonesto, incompetente e irresponsável"

A Juventude Socialista da Madeira tornou público um comunicado ao povo da Madeira protestando violentamente contra a decisão do Governo Regional de aumentar os preços dos transportes públicos naquela região autónoma.

«Estes aumentos quanto a nós representam bem a desonestidade incompetência e irresponsabilidade do actual governo social-democrata-fascista da Região», lê-se no comunicado. E explicitando: «O governo regional é desonesto porque escondeu que tinha dado o seu consentimento ao aumento de tarifas antes das eleições para as Autarquias Locais... É incompetente porque não tem capacidade para averiguar, nas actuais condições a escrita e contabilidade das empresas concessionárias... Os srs. secretários do governo regional do PPDF (F de fascista), além do mais, são também mentirosos. São mentirosos porque mentem quando dizem que no continente, em 1976, os transportes aumentaram 75 por cento».

Ao mesmo tempo a Juventude Socialista da Madeira enviou ao ministro da República naquela Região Autónoma, coronel Lino Miguel, na sua qualidade de representante do Presidente da República, do Conselho da Revolução, do Governo Constitucional, logo garante do espírito do MFA, do 25 de Abril e da Constituição Política, uma carta em que lhe pede para suspender os aumentos dos transportes públicos, à semelhança do que se verificou com os fretes marítimos para o continente.

Mourão-Ferreira justificou política teatral da S.E.C.

O secretário de Estado da Cultura apresentou ontem em conferência de Imprensa a sua versão acerca da actual situação no teatro profissional justificando, ainda, a política de atribuição de subsídios que tem merecido uma violenta e generalizada contestação por parte da larguíssima maioria dos grupos de teatro existentes no País.

Segundo David Mourão-Ferreira a política teatral que está a ser seguida «insere-se nas grandes linhas de política geral do Governo, nomeadamente no que respeita à coexistência concorrencial entre o sector público e a iniciativa privada», repetidamente invocada pelo Primeiro-Ministro. Por outro lado, os subsídios a atribuir são condicionados pelo «espírito de austeridade económica e de moralização financeira em que o Governo está empenhado para salvaguarda da Democracia e da independência nacional», ao que afirma o secretário de Estado.

A partir destas duas condicionantes, Mourão-Ferreira reptiu as razões já conhecidas do público e das companhias de teatro, tal como repisou a tecla das «arbitrariedades do gonçalvismo» e das companhias que muito terão recebido para pouco trabalho teatral prestado. Ainda admitiu que nunca existiram em Portugal tantas companhias de teatro como actualmente, mas deixou passar em claro a actividade de tantas delas e a contribuição indubitavelmente positiva que deram ao avanço da cultura neste País e o progresso, técnico e político, que hoje se pode constatar na maior parte dos grupos de teatro independentes.

De salientar o facto de David Mourão-Ferreira ter convocado de urgência esta conferência de Imprensa para tentar amortecer os efeitos de uma outra reunião que o Sindicato dos Trabalhadores havia marcado, há muito, para essa hora no Teatro Aberto com os jornalistas. Apesar de o secretário de Estado se lhe ter expressamente referido o jornal «O Século» abre a notícia das declarações do secretário de Estado assim: «À mesma hora a que, segundo constava, se estaria realizando algures em Lisboa, uma conferência de Imprensa, em que determinados grupos de teatro, dito «independente» tratariam de contestar a política de subsídios teatrais da Secretaria de Estado da Cultura, o responsável máximo desta reunia-se com...»

CINCO ANOS DEPOIS

P.J. reabre processo contra aluna de Ciências

A Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa, num comunicado à Imprensa, «quer informar e denunciar junto do povo português mais um caso em que é flagrante a cedência da justiça aos fascistas, e que desta vez diz respeito a antigos elementos da nossa faculdade».

Com efeito, aquela Associação denuncia o facto de ter sido reaberto, pela Polícia Judiciária, um processo «que data de há cinco anos e cuja acusada era a então presidente da AEFCL, expulsa da Universidade por dois anos, perseguida pela PIDE, porque sempre se manteve na 1.ª linha da luta contra o fascismo».

E o comunicado prossegue: «O acusador é um professor, que sempre se distinguiu como servidor do fascismo na escola, responsável por processos disciplinares de vários estudantes, e a que nem o próprio Conselho Escolar fascista acedeu em renovar o contrato, enviado-o para o estrangeiro com uma bolsa, tal era a repulsa que provocava entre os estudantes que nunca permitiram que este exercesse as suas funções de professor-polícia». «A testemunha afirma a AEFCL é um «pide» ex-contínuo da nossa faculdade e saneado logo após o 25 de Abril».

A terminar: «Os estudantes estarão presentes, mas como testemunhas de acusação, contra os «pides», os professores-polícias, aqueles que eram os sustentáculos do fascismo dentro das escolas, e mais uma vez, mostrarão que estão dispostos a lutar, ao lado do povo português para que o fascismo não regresse ao nosso país».

Conselho de Imprensa pronuncia-se sobre distribuidora estatal

O Conselho de Imprensa apreciou o projecto de decreto-lei para a criação de uma empresa distribuidora de jornais concluindo que a sua entrada em vigor não constituirá «sérias limitações da liberdade à Imprensa», mas salientando que a distribuidora deverá estar aberta a todas as publicações periódicas «com ressalva das que legalmente venham a ser excluídas».

O comunicado do CI defende igualmente a constituição e funcionamento de empresas distribuidoras privadas, ao serviço de editoras também privados, as quais deverão ter facilidades de acesso à empresa a constituir em igualdade de circunstâncias com as estatizadas. O Conselho não aceita que a nomeação de gestores, por parte das empresas estatizadas, seja efectuada pelo Governo.

Sobre o projecto de portaria elaborado pela Comissão Interministerial para a Reestruturação da Imprensa Estatizada relativo à limitação da percentagem de sobras e do número de páginas na Imprensa estatizada, o Conselho de Imprensa considerou prejudicial a adopção de medidas parciais para aquele sector da Imprensa.

CASA DE IMPRENSA

Na Casa de Imprensa tomaram posse os novos corpos gerentes, sabendo-se que o saldo da direcção cessante é positivo e que a instituição vai receber um subsídio de 200 contos do Ministério da Comunicação Social.

Noticiário breve

P S EM BELÉM

O Presidente da República recebe esta tarde, em audiência, e no quadro dos contactos periódicos com os partidos políticos, uma delegação do Partido Socialista constituída por Salgado Zenha, Jaime Gamae António Reis

RELAÇÕES COM ISRAEL

«Israel tem o maior interesse no estabelecimento de relações diplomáticas com Portugal», afirmou o cônsul-geral daquele país durante uma visita à ANOP. O diplomata referiu a recente viagem de Lopes Cardoso a Tel-Aviv e anunciou visitas dos reitores das Universidades de Lisboa e Porto ao seu país.

ANIVERSÁRIO DA ACADEMIA

O aniversário da fundação da Academia Militar (140 anos), que decorre amanhã, terá a presença do vice-chefe do E. M. E. Contará ainda com a evocação do marechal Sá da Bandeira! seu fundador, feita pelo dr. Oliveira Martins e major Arrais Viegas.

ACORDO COM A CHECOSLOVÁQUIA

Foi assinado ao fim da manhã, no Palácio Foz, um acordo entre Portugal e a Checoslováquia no domínio da Radiodifusão. Manuel Alegre esteve presente.

P C P E P S EM MOÇAMBIQUE

P. C. P. e P. S. confirmaram presença no Congresso da Frelimo a realizar no próximo mês, no Maputo. Não é conhecida ainda a composição das delegações.

QUÉNIA E LIBÉRIA

Portugal vai estabelecer relações diplomáticas com o Quénia informa o M. N. E. Entretanto o Governo da Libéria deu o seu acordo à nomeação do dr. João Uva para o cargo de embaixador português em Monróvia.

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Vasco da Gama Fernandes reuniu com as comissões parlamentares a fim de se inteirar do andamento dos trabalhos, tendo em vista a reabertura das sessões plenárias que terá lugar no próximo dia 18.

post-scriptum

Escárnio e escândalo

Durante a ditadura de Salazar/Caetano, não havia Justiça; **era isso próprio do querer desses governos.** Hoje, a Justiça que há serve para justificar a injustiça; é o que se depreende do julgamento dos «pides». Pergunta-se: **é isto do querer de quem?** Se esta pergunta fosse feita a determinadas pessoas com grandes responsabilidades no destino deste país, certamente que não faltariam respostas: culpa minha não, não defendo a «P.I.D.E.», eu evidentemente sou contra. Bem, antes assim, mas palavras não custam a dizer. Contudo o povo português muito gostaria de vê-las concretizadas em actos que pusessem ponto final nesta farsa descarada que tem sido o julgamento dos «pides» e que, sendo como é, constitui desrespeito e grave ofensa ao povo português.

Estamos, pois, de acordo com as palavras do eng.º Lopes Cardoso: «amnistiem-se os ex-agentes, não se continue a insultar a memória dos que foram as suas vítimas. O arremedo de justiça a que se assiste não tem, sequer, a grandeza da generosidade. Tem, apenas, a dimensão mesquinha da cobardia».

Seja como for, de qualquer maneira, é preciso pôr fim a esta farsa, para que à dolorosa recordação que o povo português guarda de longos anos de terror e tortura, de indignidade cívica, de rebaixamento moral, não venha juntar-se o escárnio desses repugnantes indivíduos por viverem triunfantes, até ao fim, através do mal. Seria de mais.

F.N. — LISBOA

Que engraçado!...

Vimos há dias estampado num envelope emitido por uma grande empresa do grupo dos «pitrois» um carimbo, (daqueles que são apostos pelas máquinas de franquiar correspondência) com uma legenda muito engraçada que dizia assim: «DO POVO AO SERVIÇO DO POVO».

Ora, muito gostaríamos nós de saber qual é esse povo que tantos interesses tem nos «pitrois»!

A «gasosa» super a 17$50 o litro (e passa quanto?), a normal a 15$00 (e fica por aqui?), o «pitrolio» propriamente dito a tal..., os «oilios» a tal e tal...

Pois muito bem. Continuamos a perguntar: onde está o povo (aquele que necessita de comer e tem de se contentar com as espinhas) a gerir os destinos dos Petróleos de Portugal, por exemplo; a usufruir daquilo a quem tem direito e a que a própria Constituição não lhe nega, a ser efectivamente o dono daquilo que então lhe pertence?

Ou é para defender os interesses do povo que nas empresas nacionalizadas e que se diz serem do povo se reintegram aqueles que sempre foram seus inimigos, seus algozes, agentes activos da «FAC», (organização de criminosos, afectos à tristemente célebre ex-Legião Portuguesa) ex-Pides, bufos e quejandos?

Cremos bem que não. Os interesses do povo são defendidos com homens íntegros, verticais. Com homens que pelo seu próprio trabalho, trabalho honrado, ganham o pão de cada dia. Com aqueles que, com o seu esforço, com a força bruta do seu labor, com a mais-valia do suor do seu rosto deixada embora por mãos alheias vão contribuindo mesmo assim para o enriquecimento da economia nacional; vão contribuindo mesmo assim para garantir a própria sobrevivência desses espantalhos da nova sociedade que queremos construir.

Também já vimos algumas legendas alusivas à «nossa banca» (aos Bancos do Povo) a dizerem que sim. A dizerem que são «banco» para toda a gente: banco para o rico e banco para o pobre; banco para os da Reforma Agrária e banco para os pequenos e médios agricultores; banco para os pequenos e médios comerciantes e banco para o trabalhador aflito com problemas domésticos; banco para o povo e mais banco para o

Só com uma diferença: é que esse tal «Banco do Povo» não passa de um pobre banco de jardim...

Que se rectifiquem pois as legendas desses carimbos. Que se apaguem essas legendas. Que se rasgue o papel que as contém.

Oh! Perdão! Não façam isso. Não apaguem. Não rasguem o papel.

Que se justifiquem, antes, as legendas dos carimbos.

Luís G. Alves — LISBOA

A terra a quem a trabalha

É obrigação de todos nós interessarmo-nos pelos problemas do nosso país. E não é um dos menos importantes a Reforma Agrária. Em face do que actualmente se está a passar, várias interrogações se põem a muita gente.

No art.º 96 da Constituição não se estipula que a terra será para quem a trabalha? Podemos deduzir, em relação à U.C.P. «Margem Esquerda», que o senhor João Maria Cano vai trabalhar directamente a Herdade da Lobata? Se utilizar trabalhadores a quem paga, não será anticonstitucional essa devolução? Irão os agrários trabalhar directamente as terras que o Governo se propõe devolver-lhes?

Por outro lado será justo que se vá tirar terras a trabalhadores que com o seu salário contribuíram para o aumento da produção agrícola e consequentemente evitaram que mais divisas sigam o caminho do estrangeiro, para serem entregues a proprietários tantas vezes absentistas e que tanto os exploraram? Não será isso uma tremenda injustiça social? Não se fez o 25 de Abril de 1974 para acabar, entre outras coisas, com injustiças como estas?

E finalmente quem paga os gastos da GNR que está a ocupar as herdades da Lobata e outras, ao que parece? O Governo? Se assim é, não o faz com o dinheiro de todos nós, muitos dos quais discordamos de tais métodos, completamente ao arrepio da liberdade que neste momento se diz existir no nosso país?

Maria Josefa de Campos — LISBOA

A MULHER NA DINAMARCA

BRUNO FRAPPAT

Perante a legislação, as únicas discriminações que ainda existem na Dinamarca entre homens e mulheres são-no... em detrimento dos homens. O Conselho para a igualdade, criado em Setembro de 1975 junto do primeiro-ministro, influiu em todas as leis: quer se trate do trabalho, do regime matrinomial ou da segurança social, nada nos textos permite penalizar uma dinamarquesa a pretexto de que ela é mulher. Quando se tiver limpo alguns anacronismos que «protegem» as mulheres (reforma aos sessenta e dois anos quando os homens se reformam aos sessenta e sete), o combate pela igualdade lançado em 1850 por uma criada de nome Mathilde, terminará. Pelo menos ao nível dos princípios.

Porque quanto às realidades, os comportamentos e as mentalidades, a Dinamarca não atingiu a perfeição. Latino intimidade, sinto-me quase aliviado ao saber que não é tão grande assim o fosso entre os machos do Sul da Europa, que tão superiores se consideram, e os escandinavos. Todas as condições legislativas estão reunidas para que as mulheres não contem mais nem menos do que os homens na sociedade dinamarquesa. A verdade, porém, é que elas contam menos, e isto a todos os níveis.

As dinamarquesas conquistaram o direito de voto em 1915 nas eleições legislativas, mas o Parlamento (**Folketing**) só conta 16 por cento de mulheres (29 em 179). É certo que duas delas são vice-presidentes. O Supremo Tribunal tem uma mulher em quinze membros. A jornalista Eva Bendix chama-nos a atenção para o facto de a ordem judicial ser a única, na Dinamarca, em que, proporcionalmente, «há mais mulheres nas cúpulas do que na base visto haver 1 por cento de mulheres nas prisões e 7 por cento no Supremo Tribunal». No Governo, as duas únicas mulheres ministros gerem metade do orçamento do Estado, mas têm tarefas muito «femininas»: educação e assuntos sociais. Na Universidade, a contribuição das mulheres não é brilhante: em 32 000 estudantes só há 12 000 raparigas e contam-se quatro professoras do ensino superior para 113 professores. O ensino primário esse é fortemente dominado pelas mulheres que são 26 000 para 21 000 homens.

Embora ainda não tenham ascendido em massa aos escalões superiores da sociedade, as dinamarquesas nem por isso deixaram de entrar no mercado do trabalho. Elas representam hoje 40 por cento da mão-de-obra. Duas mulheres casadas, em cada três, trabalham fora de casa e metade delas fazem-no em «part-time» Nota-se, porem, como noutros países, uma espécie de resistência passiva — e muda — dos homens, que já não se atrevem a dizer em voz àlta que o lugar da mulher é em casa, mas que, conscientemente ou não, agem de modo a que ela não tenha grandes ambições sociais. E provavelmente neste terreno que a luta pela igualdade esrá ganha ou perdida.

A CASA DAS MEIAS VERMELHAS

Na Dinamarca são repostos em causa problemas que ainda é cedo para compreender se não terá sido simples momentos de dúvida ou até intervalos. Desde o início da sua actividade que o Conselho para a Igualdade recebeu mais pedidos de informações da parte de homens do que de mulheres. Após os debates do Ano da Mulher, que foram aqui muito vivos, surgiu a dúvida no espírito de certos intelectuais: a carreira, o êxito, o dinheiro, o **stress**, valerá tudo isso que se lhe sacrifique a família, os filhos, uma outra ideia de felicidade? «Nós vamos exigir muitas coisas dos homens — previne a senhora Karen Dahierup, presidente do Comité para a Igualdade — tanto na vida social como na vida familiar. É preciso falar muito do seu papel no futuro. É preciso organizar debates. De momento, eles receiam perder a importância». Os melhores sacrificam-se ao dever da igualdade e cita-se um casal de professores que trabalham ambos em «part-time» a fim de criar equitativamente os filhos; grupos de homens que se reúnem para esboçar o futuro da sua condição masculina; pais que fizeram pressão para que as férias de maternidade fossem partilhadas por eles (sê-lo-ão, de facto, em breve).

Mas não serão marginais, esses homens que se oferecem em holocausto à causa das mulheres? A economista Ester Boserup receia que assim seja. «Trata-se de uma pequena minoria de jovens intelectuais progressistas. Em geral, os dinamarqueses não são contra os bons salários». Mais visionária, a senhora Bendix, uma feminista razoável, pensa que toda a gente ficará melhor com esse novo equilíbrio. **«As crianças precisam das mulheres e dos homens. A sociedade precisa dos homens e das mulheres».**

As feministas dinamarquesas mais radicais, as «meias vermelhas» estão-se nas tintas, para tais debates, que, no entanto, são fruto das suas acções passadas. Elas instalaram-se num grande e sinistro edifício escuro, de vidros partidos, num velho bairro de Copenhague. Ocuparam-no há meses. O conselho municipal, que é o proprietário da casa, sente-se embaraçado com o facto, a vizinhança mostra uma curiosidade agressiva de início, depois simpática. Agora a casa das feministas já faz parte do cenário. Reúnem-se avisadamente. As lésbicas estão separadas das outras. Pratica-se o **self-help** (auto-exame ginecológico importado da Califórnia), há uma biblioteca, várias salas de reunião para os grupos de «tomada de consciência» (uns cem em toda a cidade) e mesmo uma cozinha, muito pequena, única concessão — utilitária — aos trabalhos do passado.

Um dia decerto próximo as feministas serão expulsas dessa casa que ocuparam. Mas, na Dinamarca, há repugnância em lançar a polícia sobre o povo. O conselho municipal não ousa enfrentar directamente uma organização que, por ocasião do seu festival anual (subvencionado pelo ministro dos Assuntos Culturais), pode reunir mais de trinta mil pessoas e tem o apoio de parte da Imprensa.

Continua na pág

TRÊS ESTUDOS SOBRE TRABALHO FEMININO

UMA QUERELA ULTRAPASSADA

O debate sobre o trabalho das mulheres assemelha-se, por vezes, em França, a uma autêntica guerra religiosa. Lançam-se anátemas: uns são a favor, outros contra, como se se tratasse de um caso de opinião e de crença e não de uma realidade sociológica a analisar e a organizar. As francesas que têm responsabilidades políticas, profissionais e sindicais, estão vigilantes: basta que um ministro, como foi recentemente o caso de Christian Beullac, pareça desejar o regresso das mulheres ao lar, para que se ergam os estandartes da revolta contra o obscurantismo.

Tais querelas parecem, na verdade, bizantinas se atentarmos nos factos. Um documento do Instituto Nacional de Estudos Demográficos mostra que o trabalho das mulheres é um fenómeno de notável estabilidade, quando observado durante um longo período (1).

Com efeito, desde 1896 que a proporção global das mulheres no conjunto da população activa, se situou constantemente entre 32 por cento e 40 por cento. Registaram-se três períodos de aumento: durante as duas guerras mundiais, o que se explica facilmente, e desde o início dos anos 60. Essa estabilidade esconde, no entanto, evoluções consideráveis: em 1901, em 6 300 000 mulheres activas, 2 660 000 trabalhavam na agricultura. Em 1975, em 8 250 000 mulheres activas só 630 000 eram agricultoras. Ao dar entrada nos sectores secundário e terciário, as mulheres mudaram principalmente de local de trabalho. Se era difícil a uma agricultora participar na actividade profissional e nas actividades domésticas, essa distinção está hoje inscrita no espaço e no tempo diário das assalariadas. Há três quartos de século que a evolução teve como consequência principal afastar as mulheres do lar e dos filhos mas não aumentar a sua carga global de trabalho.

Há quinze anos que se verifica um lento aumento da actividade feminina, que acelerou desde 1968 e atingiu os 33 por cento em 1975. Por outro lado, a actividade masculina diminuiu regularmente desde 1946, e em 1975 situava-se à volta dos 54 por cento. Num estudo do INED pode ler-se: «Entre os vinte e um e os cinquenta e oito anos, a actividade feminina é mais elevada em 1975 do que em 1954 (...) enquanto que a masculina baixou fortemente entre os vinte e um e os trinta anos. Entre os trinta e um e os quarenta e oito esta última só aumentou 1 por cento. Depois diminuiu».

«LADRAS DE EMPREGOS?»

Poderá prever-se a futura evolução do trabalho feminino? Para os especialistas do INED, a acreditar nas «percentagens de actividade atingidas nos países de Leste (em 1972, 51 por cento na URSS, 48,8 por cento na República Democrática Alemã), na propensão crescente das jovens para o trabalho, (sobretudo, as que estudaram), e na redução dos anos de maternidade devido à redução da natalidade, poderão aguentar-se no mercado do trabalho, vários milhões de mulheres potencialmente activas, nos próximos anos».

Uma tal perspectiva poderá assustar? Claro que as tensões no mercado do trabalho vão aumentar, para aqueles que receiam que as mulheres sejam «ladras de empregos». Mas poder-se-á refrear este movimento? E será isso desejável?

A senhora Paulette Hofman, secretária confederal da força operária, responsável dos assuntos femininos, é categórica. Ela escreve, no número especial sobre o trabalho feminino, que a sua confederação acaba de publicar: «Ainda são demasiado numerosos os que pensam, mesmo entre os trabalhadores e as trabalhadoras, que se o salário do marido chegasse, e se os abonos fossem maiores, as mulheres podiam ficar em casa e deixar lugares livres aos jovens e aos desempregados. De todas as ideias feitas esta é provavelmente a pior».

Mesmo sem ter em conta o facto de o direito ao trabalho estar inscrito na Constituição e o ordenado da mulher ser, em geral, de 40 por cento, a senhora Hofman vê outra razão para renunciar a essa ideia feita:

«Os empregos abandonados pelas mulheres que têm a possibilidade de ficar em casa ou de regressar a casa, nunca são dados a homens, nem eles o aceitariam. Tais empregos são sempre atribuídos a outras mulheres(...) obrigadas a trabalhar e que se continua a explorar imperturbavelmente.»

A querela mulher no lar mulher empregada parece pois à senhora Hofman «estéril, inoportuna e perigosa». (2).

Se esta querela do trabalho feminino tem lugar em muitos países desenvolvidos, ela tem um carácter muito teórico nos países em vias de desenvolvimento. Nestes, segundo o último número da revista **«Carnet de l'enfance»**, editada pela UNICEF, «a absorção da sua força pelos trabalhos de carregar água e lenha, fainas agrícolas, criar os filhos, que se saldam em dezasseis horas de actividades diárias, subendente e reforça as outras formas de dependência que paralisam as possibilidades de desenvolvimento das mulheres». (3). Este número da revista consagrado à diminuição do trabalho das mulheres, estuda entre outras coisas uma consequência, pouco conhecida, dos planos de desenvolvimento: «A maior parte das vezes eles tem o efeito de agravar a condição das mulheres».

(1) «Population et societés», Dezembro de 1976, editado pelo Instituto Nacional de Estudos Demográficos.

(2) «Force ouvrière», mensário da confederação Force Ouvrière, Dezembro de 1976.

(3) «Les carnets de l'enfance», Outubro-Dezembro de 1976. Unicef.

© Le Monde

C. P. — Caminhos de Ferro Portugueses

AVISO

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 17 de Janeiro de 1977, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a adaptação a bar ou cantina e subsequente exploração de duas dependências da estação de Évora, sendo todas as despesas a cargo do interessado.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação das instalações é de 16 600$0 e os concorrentes devem depositar em qualquer estação da C. P. a quantia de 2700$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais, que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

— Évora
Casa Branca
Beja
Serviço Comercial da Região Centro
LISBOA (SANTA APOLÓNIA)
— Serviço Comercial da Região Sul
BARREIRO
— Serviço Comercial de Passageiros
Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
LISBOA-2

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, Estação de Santa Apolónia, 1.º andar, Lisboa-2, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a adaptação e exploração a bar ou cantina de duas dependências, na estação de Évora».

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES TÉCNICOS DE VENDAS

ALERTA DA REUNIÃO GERAL DE DELEGADOS SINDICAIS DOS TRABALHADORES TÉCNICOS DE VENDAS A TODOS OS TRABALHADORES PORTUGUESES

Considerando a forma como está redigido o Dec.-Lei 841-C/76 sobre os despedimentos, altamente atentatório dos direitos arduamente conquistados pelos trabalhadores.

Considerando ainda ter sido o referido decreto elaborado à margem do que determina a Constituição, que manda expressamente ouvir os Sindicatos sobre legislação de trabalho;

A RGA reunida em 6 de Janeiro na Sede do seu Sindicato, decide

1. Manifestar ao Governo o seu firme repúdio por mais esta lei antitrabalhadores.

2. No seu conjunto todas as leis de trabalho ultimamente homologadas levam a concluir estar o Governo interessado em recuperar a economia apenas à custa do sacrifício dos trabalhadores, dando de mão beijada ao patronato todas as facilidades para melhor os reprimir.

OS DELEGADOS SINDICAIS

CDL a distribuição

PUB

EMENDAS À PUBLICAÇÃO DOS ESTATUTOS DA ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-CHECOSLOVÁQUIA NO «DIÁRIO DE LISBOA» DE 24/11/76:

— Art.º 21.º.

Quando se verificar impedimento do presidente ou do vice-presidente, substituí-os o 1.º ou o 2.º secretário.

— Art.º 23.º.

1 — A assembleia geral reúne ordinariamente uma vez por ano e será convocada pelo seu presidente com, pelo menos, oito dias de antecedência.

— Art.º 24.º

2 — A assembleia geral reúne extraordinariamente

— Art.º 33.º

Os poderes e deveres do conselho fiscal e dos membros são os consignados na lei em vigor.

Geral

Aquela criança tinha fome

DIAS DE MELO

Acabado o meu curso do Magistério Primário, fui colocado num pequeno lugarejo de camponeses e pescadores, acaçapado por trás dos extensos lagedos de basalto escuro da costa batida pelo mar e acocorado aos pés dos terrenos pertença de grandes proprietários — terrenos de milhos e de batatas, de vinhas e de amendoins, de matas e de pastagens, que se espraiavam por ali fora, até à encosta abrupta da montanha que acabava lá em cima, recortada no azul em dias de céu luminoso, enrodilhada em cinzas negras de nuvens pesadas em dias cobertos de céus de pesadelos.

A escola ficava ao fundo de uma ruela de chão escavacado, na esquina com a estrada velha que rabeava pelo meio do casario. Uma porta e três janelas para o exterior, uma porta mais, do outro lado, a abrir para o pátio lôbrego com uns seis metros quadrados de superfície, se tanto, e a retrete rudimentarissima a um canto.

Por dentro daquelas três janelas, por dentro daquelas portas, — quatro paredes de cal velha e um soalho esburacado. Nem um mapa, nem um quadro preto, não mais que meia dúzia de carteiras, de dois lugares cada uma, para quarenta e quatro alunos. No canto, à direita da janela da empena —, a secretária com a cadeira a desconjuntar-se.

Trabalhava-se no chamado regime de desdobramento: o sexo feminino de manhã, das oito e meia ao meio-dia, o sexo masculino de tarde, do meio-dia e meia-hora às quatro. Cabia-me o turno da tarde.

Durante o curso, para além do programa, lera alguma coisa sobre ensino e educação. Nas escolas anexas, encontrava-se um ambiente propício e dispúnhamos de material actualizado, que aprendíamos a manejar. Das leituras que fizera e do que naquelas escolas encontrara e praticara, antevira uma coisa. Outra, bem diferente, o que se me deparava.

Todavia, jovem, ainda acreditava, ainda confiava. Procurei conquistar, à minha custa, o mínimo do que me parecia imprescindível para que a minha escola deixasse de ser, pelo menos em parte, aquela desolação. Mandei construir, com o que me restava do pouco dinheiro que meu pai me dera, um quadro preto capaz, para utilização das quatro classes, fiz, para a primeira, com as minhas próprias mãos e com a ajuda de minha mulher, então ainda minha noiva, algum material didáctico adequado para a aprendizagem da leitura, da escrita, da tabuada.

Eram quarenta e quatro os meus alunos, distribuídos pelas clássicas quatro classes do nosso Ensino Primário, disse-o já. Embora se tenham passado mais de vinte e oito anos, lembro-os a todos. A alguns, um tanto vagamente. A outros, com nitidez perfeita: o Toju, o João Raposo, o Edgardo, o Manuel Mourato... Homens, derramados pelos caminhos da vida, que será feito deles? Gostava de os evocar a todos e à maneira de ser de cada um. Talvez o faça, um dia. Neste momento, todavia, apenas pretendo lembrar o Manuel Mourato — e faço-o pelos acontecimentos profundamente dolorosos que, por ele, vivi.

Manuel Mourato contava treze anos. Era alto, muito moreno, de olhos muito negros, vestia sempre roupa de cotim velho remendada e suja, e largava um cheiro desagradável que chegava a fazer-nos mal. Frequentava ainda a primeira classe, o que, atendendo à idade, era coisa, pelo menos, de estranhar. Apesar de tudo o que lera, eu, perante um caso destes, não fiz o que devia: indagar das condições da sua vida familiar, submetê-lo a um exame clínico — caso encontrasse médico compreensivo e esmoler que estivesse na disposição de me atender.

Manuel Mourato lá ia indo. Nuns dias, acompanhava normalmente os trabalhos da classe e convencia-me de que sabia alguma coisa; noutros — na maioria deles — olhava para tudo e para todos aparvalhado, com uns olhos muito redondos e imóveis, não dava nem o mais pequeno sinal da mínima compreensão do que acontecia à sua volta, e se acaso, enrouquecido, abria a boca, não lhe saí senão asneira.

Paciente, negando-me à aplicação dos castigos corporais, que vira condenados na maioria dos autores que lera, concentrava o melhor da minha atenção sobre Manuel Mourato — embora, de modo algum, pusesse de parte os outros. Um empenho: que, pelo menos, não saísse da escola, que no fim daquele ano teria de abandonar, sem a sua primeira classe completa.

Assim foram os meses passando: Outubro, Novembro, Dezembro... Apesar de praticar um ensino dirigido para a vida e para as realidades concretas que nos rodeavam, devo confessar que os progressos de todos os meus alunos, pelo menos no que respeitava ao estipulado no programa, não eram muitos. Os de Manuel Mourato, esses, eram nulos. Se nuns dias, sim senhor, parecia que dava um ar da sua graça, nos outros dava-nos a impressão de um pedaço de pau espetado na nossa frente.

Às vezes, à chegada à escola, encontrava-me com a colega professora do sexo feminino, já com muitos anos de serviço. Cumprimentos, dois dedos de conversa banal, e lá vinha a troca de impressões sobre o andamento das aulas. Eu queixava-me do fraco aproveitamento dos meus alunos, dizia dos métodos que utilizava, lastimava o muito esforço despendido. Ela ouvia-me, adiantava um ou outro comentário, acabava sempre com o mesmo chavão:

— O colega não se esqueça de que, se não tiver setenta e cinco por cento de aproveitamento, se sujeita a um deficiente no fim do ano...

Em meados de Janeiro, apareceu-me o director escolar. Pediu-me os cadernos das classes, folheou-os, deteve-se, de nariz torcido, nos excessos dos erros ortográficos, andou por entre as carteiras, andou por entre os magotes sentados no chão com os livros abertos sobre as pernas cruzadas, fez uma pergunta aqui, outra mais além, mandou ler este, aquele... E, à saída, estendendo-me a mão, que procurava mostrar-se compreensiva:

— O senhor professor é novo... Este é o seu primeiro ano de serviço... Lembre-se dos setenta e cinco por cento...

Eu não aceitava — nunca pude aceitar — que se submetesse o aproveitamento escolar a uma percentagem taxativamente aritmética. E que por aí se julgasse do mérito ou demérito de quem ensina e de quem educa. É transformar o professor num maquinista e a criança numa máquina. Não sei se isto vinha, de facto, gizado em alguma lei. O que sei, é que todos o aceitavam como tal, se lhe submetiam docilmente e se apavoravam à ideia de não alcançarem a meta assim estipulada.

Também me deixei tomar de pavor. De pavor e de pânico. Os meus alunos não sabiam, do programa, aquilo que deviam saber — ou como o deviam saber. Se, até ao fim do ano lectivo, pelo menos três quartos deles o não conseguissem papejar, não me aguardava senão o tal deficiente vexatório e desqualificativo, com consequências profissionais verdadeiramente degradantes. Deitei-me, pois, a fazer o que todos faziam: a atarrachar na mola da encornadela, a usar e abusar da pedagogia da pancada.

Manuel Mourato — o mais sacrificado. Se ele nuns dias dava e nos outros não, estava-se mesmo a ver que era um caso de malandrice. Pregava-lhe meia dúzia de bofetadas. Tantas havia de levar que se havia de curar. Ele ficava-se a olhar-me com olhos pasmados de cordeiro manso.

Até que, pelos princípios de Março, me mandaram, da direcção escolar, fazer um inquérito: todos os dias, durante duas semanas, perguntar, a cada aluno, quantas refeições tomara antes de vir para a escola, de que constavam, se trazia lanche, que iria comer quando regressasse a casa.

E foi então...

No primeiro dia, o Manuel Mourato viera para a escola sem comer — e já era uma hora da tarde.

— Mas não comeste mesmo nada? — estranhei.

— Bebi água...

— Trazes lanche?

Não respondeu. Deduzi que não compreendera.

— Trazes qualquer coisa para comer na escola?

— Não senhor.

— E que vais comer quando chegares a casa?

— Papas.

— Papas?!

— Papas de farinha com água.

— Sem leite?!

— Sem leite.

— Mas...

— O tempo está mau. Não deixa que meu pai vá ao mar...

O tempo continuou mau por aquele fim de Inverno adiante. Céu de chumbo. Chuva. Vento. Mar enraivecido. Vagas a erguerem-se contra os rochedos. Barcos varados. Pescadores sem poderem sair para a pesca.

Todos os dias, às minhas perguntas, — as mesmas respostas de Manuel Mourato:

— Não comi nada... Bebi água...

— ...

— Vou comer papas de farinha com água...

Eu batera naquela criança — porque aquela criança não aprendia, porque aquela criança não dava mais!

E aquela criança não aprendia, e aquela criança não dava mais — porque aquela criança tinha fome!

Senti-me com alma de carrasco cravada dentro de mim.

Atordoado, abandonei a escola. Não queria ser mais professor.

Durante quinze dias, deambulei pela cidade. Fugia de mim. Fugia à minha alma de carrasco.

Procurava novo emprego, nem que fosse o de varredor dos caminhos. Todas as portas se me fechavam. Todos os apoios se me negavam.

Tinha que ganhar o pão nosso de cada dia. Vi-me obrigado a regressar à escola.

Os rapazes esperavam-me:

— Bons dias, senhor professor! — saudaram-me, alegres.

No meio deles, Manuel Mourato. Olhava-me, como os companheiros, com olhos que me sorriam, com olhos que me perdoavam, ingénuos e generosos.

Fugiam-me os meus dos olhos dele. Afogavam-se-me na garganta as palavras que não cheguei a balbuciar.

A minha consciência não me perdoava a minha alma de carrasco.

A mulher na Dinamarca

Continuação da pág. 3

Tal como a comunidade selvagem de Christiânia, a Casa das feministas é um bicho no fruto liso da sociedade dinamarquesa. Ali onde tudo é rigor, seriedade e limpeza, essas duas instituições marginais trazem o deixar andar, sem, em todo o caso, provocar o escândalo. Mesmo as margens têm os seus limites. Aqui esses limites são possíveis.

Da rainha, que, logo após o seu casamento, anunciara que seria «a primeira no Estado mas a segunda em casa», às feministas das «meias vermelhas», o leque é muito amplo. Entre uma e outras, uma social-democracia muito tranquila e voluntariosa começou a tratar metodicamente da questão feminina, começando pela escola onde «é proibida a separação de sexos», excepto na altura em que as crianças se despem para a ginástica. Vai regular-se o regresso da mulher ao trabalho após as férias de maternidade, já que essas férias são compartilhadas com o marido, mas organizar isso com antecedência, seria «proteger a mulher de um modo reaccionário».

Entretanto, o Conselho para a igualdade lançou uma campanha de sensibilização da opinião, sobre o tema: «As mulheres sabem e podem fazer tudo». Muitas mulheres já fazem actualmente soldagem nos estaleiros navais ou então dirigem guindastes.

UM BEBÉ INTEMPESTIVO

Neste país onde em média há uma criança ou duas por família, a maternidade não pode por si só servir de justificação à existência das mulheres. «Vale mais melhorar a qualidade do que a quantidade», diz a senhora Eva Gredal, ministro dos Assuntos Sociais de um governo que quer manter-se «neutro» no que diz respeito à natalidade. Mas neste domínio a passividade não será uma escolha?

Esta escolha ninguém parece, de resto, contestá-la nos nossos dias.

Faz parte do conselho municipal de Copenhaga uma mulher contestatária que mora numa «roulotte» no bairro de Christiânia: a sra. Tina Schmeter. Há algum tempo ela chegou ao conselho com o seu último filho e resolveu dar-lhe de mamar durante a sessão. «Essa criança não faz parte do conselho municipal», disse o presidente que pediu a sua expulsão da sala. Mãe e filho foram conduzidos à porta. Neste país onde se vendem livremente revistas que mostram adultos a ter relações sexuais com crianças, a imagem de um bebé a mamar seria de natureza a chocar espíritos tão liberais?

Cada um é livre de interpretar o sentido dessa expulsão: anedota ou símbolo?

© (Le Monde)

Nacional

A GREVE DOS MINEIROS NA PANASQUEIRA

Uma luta autónoma não deixa de ser justa

As seis centenas de mineiros do subsolo continuam hoje a aplicar, nas Minas da Panasqueira, a decisão do plenário realizado na quinta-feira passada, segundo a qual a produção se limitará a uns 40 por cento da média até que a administração da Beralt Tim and Wolfram Portugal S. A. R. L. aceite pagar salários variáveis entre o mínimo de 7500 escudos, aos mineiros aprendizes até seis meses de serviço, e 12 500 escudos ao chefe da mina.

Esta greve, que o Ministério do Trabalho, secundando a actuação da concessionária do couto mineiro se esforça por declarar ilegal, reveste-se de aspectos exemplares, quer pelo que mostra da consciência que o proletariado português vai adquirindo, quer pela decisão que revela de não permitir mais aos capitalistas, sobretudo quando estrangeiros, os níveis de exploração praticados impunemente à sombra do fascismo.

Os mineiros da Panasqueira, ao proclamarem a justiça das suas reivindicações baseiam-se em três ordens de argumentos, todos atendíveis, ainda que a luta, por ter decorrido à margem do sindicato, possa parecer incorrecta.

Em primeiro lugar, ao olharem para trás, os mineiros encontram em toda aquela orla de aldeias as sequelas da exploração brutal que a multinacional britânica, sul-africana e «yankee» foi espalhando ao longo deste século, longe das vistas dos políticos citadinos, um tanto à margem das grandes lutas operárias, foi aumentando o número das viúvas e dos silicóticos: homens incapacitados, cerca dos 40 anos de idade, por força das condições de trabalho no interior da mina. Prometemos trazer a este jornal a memória terrível desses tempos, especialmente do período da última Grande Guerra em que o capitalismo internacional, na sua forma terrorista interna o fascismo e com o beneplácito de certos clérigos, explorou aqueles povos até à humilhação e à raiva.

Em segundo lugar, dentro da mesma empresa, os mineiros do subsolo encontram dois pontos de apoio que a companhia não lhes pode escamotear: por trabalho no interior da mina, os metalúrgicos da Beralt, impuseram um abono extra de mil escudos, enquanto aos mineiros são atribuídos apenas 500. A companhia paga aos primeiros escriturários 8500 escudos e pelo contrato colectivo de trabalho estes pertencem à mesma categoria profissional dos mineiros de primeira que recebem apenas 7600 escudos.

Por último, se olharem para o futuro, estes mineiros encontram todas as justificações para exigirem, hoje, algo mais do que exigiu a geração que passou. As certezas do dia a dia são o risco de ficar esmagado num qualquer desvão da mina ou de saber encurtada a expectativa de vida em 10 ou 20 anos com a incapacidade total ou parcial lá para os 40 de idade. Não é por acaso que a comissão negociadora, composta por 12 elementos eleitos, tem sido dura a conduzir o processo: pelo menos um dos seus membros tem o pai incapacitado há mais de 10 anos (viveu a juventude e a maioridade debaixo das fragas, respirando o pó da mina, oito horas por dia) e ele próprio, aos 28 anos de idade (com 10 de profissão) já sente os pulmões mirrados sempre que procura subir a pé as encostas da serra, na sua aldeia.

Quando assim é, que adianta falar de condução incorrecta desta luta operária na Beira Baixa?

O PROCESSO

Em Novembro foram pagos os retroactivos relativos ao contrato colectivo vertical assinado pelo Sindicato Livre dos Mineiros e Demais Similares das Indústrias Extractivas do Norte de Portugal. A reclamação de greve correu nesse mesmo dia de galeria em galeria, de chaminé em chaminé, de relevo em relevo. Certo que o contrato colectivo era recente e entrara em vigor apenas em Junho de 76; mas certo também que os mineiros da Panasqueira não tiveram intervenção na preparação do contrato: era o primeiro, o Sindicato é recente e inexperiente e, além disso, a sede fica longe, no Pejão.

Um plenário realizado em fins de Novembro elaborou o caderno reivindicativo e elegeu a comissão representativa para as discussões. Uma carta de 24/11 deu conta à administração do que se passava.

A 7 de Dezembro a administração responde, recusando entrar em negociações baseadas nas disposições legais que atribuem a exclusividade da representação dos trabalhadores aos sindicatos para a celebração de contratos colectivos e alegando que o contrato em vigor só seria denunciável no prazo de um ano. A réplica dos trabalhadores, em plenário de 21 de Dezembro foi a quebra progressiva de produção. Nova carta da empresa, a 28 considera a greve ilegal, ameaça responsabilizar os agentes directos e anuncia que descontará as remunerações proporcionalmente a quebra na produção.

O Ministério do Trabalho intervém a 5 de Janeiro (quarta-feira passada) através do delegado na Covilhã, dr. Aires de Sá. Em reunião com a comissão negociadora e com os delegados sindicais (que se apresentam apenas como observadores já que a luta decorre autonomamente do sindicato) fica o delegado a saber que a profissão envolve grande risco profissional e é praticada em condições extremamente duras; também é informado que os mineiros do interior não participaram na elaboração do contrato e consideram que a arbitragem não contemplou suficientemente as suas exigências mínimas. Só agora os mineiros estariam a abrir os olhos e a conhecer melhor a raça de exploradores que lhes coube por herança.

Nova reunião com os mesmos participantes, no dia 6: o delegado do Ministério do Trabalho faz notar aos mineiros a incorrecção da luta, por se fazer desligada do sindicato. É-lhe comunicado que o plenário dessa mesma tarde havia ratificado a quebra de produção, agravando-a. Mais ainda: os mineiros não se consideram em greve: apenas produzem uns 40 por cento do habitual pois, entendem que isso chega para pagar os salários e que o resto é mais-valia.

A luta endureceu, portanto, e não parece susceptível de parar sem a Beralt aceitar negociações. As propostas de suspensão temporária da quebra de produção foram já rejeitadas por unanimidade. O que mudou, foi a passagem para o Sindicato dos Mineiros do Norte da incumbência de denunciar, já, o contrato colectivo e tentar negociar cláusulas específicas para os mineiros do subsolo, mais de acordo com a realidade das condições de trabalho, e para a empresa das Minas da Panasqueira.

Trata-se da mais forte empresa mineira do País com 1377 trabalhadores e uma produção declarada, em 1975, de 310 000 contos: os salários que deverá pagar não podem afectar, indirectamente, as empresas menores, de capitais exclusivamente nacionais e sem produção que se assemelhe.

DANIEL REIS

**Quanto lhe rende uma gaveta?
ou uma arca?
ou uma caixa de sapatos?**

**Nada!
E os riscos são muitos...**

Quanto lhe rende o seu dinheiro no Banco de Fomento Nacional?

**O máximo,
ou seja 10,5% ao ano.
E é dinheiro vivo!**

o dinheiro em casa é dinheiro morto

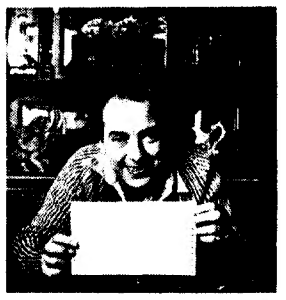
O seu dinheiro, em casa, não rende nada. Não se valoriza.
E pode sempre haver a hipótese de "acontecer" um incêndio ou de cair em mãos alheias...

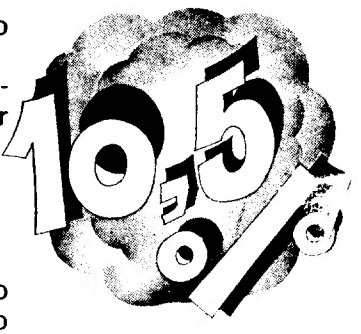
no Banco de Fomento Nacional o seu dinheiro rende o juro máximo do mercado

Ou seja, 10,5% ao ano.
E pode movimentar sempre os juros como entender.
Retirá-los ou capitalizá-los para defender o futuro.

coloque as suas economias ao serviço da economia

No Banco de Fomento Nacional o seu dinheiro transforma-se em matéria viva que vai dinamizar o progresso económico nacional.
Ganha você, ganha o País, ganhamos todos!





Efectue o seu depósito a prazo em qualquer das nossas delegações em todo o país.

Banco de Fomento Nacional

Para a economia de todos, as economias de cada um!

Sede: Lisboa – Rua Mouzinho da Silveira, 26

Delegações: Aveiro · Beja · Braga · Bragança · Castelo Branco · Coimbra · Évora · Faro · Funchal · Guarda · Leiria · Ponta Delgada · Portalegre · Porto · Santarém · Setúbal · Viana do Castelo · Vila Real · Viseu

Nacional

O Largo Barão de Quintela, citado n'«O Conde de Abranhos», tem hoje a estátua do escritor

S. R.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

P.º 218/75-CIT

O doutor Abílio Lopes Cardoso, juiz da 8.ª Vara do Tribunal do Trabalho de Lisboa.

Faz saber que pela 1.ª Secção e na acção com processo comum — ordinário — que o autor FERNANDO HENRIQUES DA CUNHA, move contra a ré EXCLUSIVOS GUENDOLINE — COMÉRCIO DE LANIFÍCIOS, S.A.R.L. com última sede conhecida na Cruz das Almas — Alverca do Ribatejo, corre o prazo de DEZ DIAS findo o da dilação de TRINTA dias, contado da data da segunda e última publicação do respectivo anúncio citando a ré para contestar aquela, sob pena de, não o fazendo se considerarem confessados os factos articulados pelo autor. Na referida acção o autor pede o pagamento da quantia de cento e cinquenta um mil setecentos e cinquenta escudos, proveniente de indemnização por despedimento, um mês de ordenado, férias e subsídio de férias.

Lisboa, 22 de Dezembro 1976

O JUIZ
Abílio Lopes Cardoso
O Ajudante
Américo Machado

Descubra Portugal viajando de comboio

Caminhos de Ferro Portugueses

Portugal queirosiano visto pelo arquitecto Campos Matos

Já nos fins de 1976 publicou a Secretaria de Estado da Comunicação Social o volume «Imagens do Portugal Queirosiano», do arquitecto Campos Matos, na sua colecção «Portugal Ontem Portugal Hoje». Com um sedutor aspecto gráfico, da responsabilidade de Tossan, a obra, prefaciada por João Medina (estudioso de longa data de Eça de Queiroz) é um roteiro precioso, uma peça da geografia queirosiana, conhecedora íntima da cidade lisboeta.

Muitos dos ambientes que Eça descreve ao longo dos seus romances foram desaparecendo nestes cem anos. Alguns, contudo, se mantêm: os cafés Martinho e Montanha, a Havaneza no Chiado, o Grémio Literário, o restanraute Tavares, a livraria Bertrand, a ourivesaria Leitão, a farmácia Azevedo, o S. Carlos, o D. Maria, o Trindade.

Trinta espessas páginas de texto, que mergulham na obra de Eça, no que ela tem de paisagem (caso da província) ou no que ela revela de crítica de ambientes e costumes (caso de Lisboa) preparam-nos para a peregrinação visual aos lugares biográficos e de ficção que percorrem toda a obra de Eça de Queiroz. Além de um mapa com a geografia queirosiana em Portugal (os locais biográficos, os locais de ficção, os locais de ficção e as paróquias do Padre Amaro), 104 fotografias (algumas delas coloridas) com legendas extraídas da obra de Eça de Queirós, dão-nos a conhecer que Portugal Eça viu, que Portugal Queirós imaginou ou criticou. Alguns dos lugares estão diferentes. Mas de qualquer modo ganham vida, tornam-se mais reais acompanhados da palavra ágil do autor de «Os Maias».

Livro para coleccionador, livro para quem tem o luxo da edição (de uma edição de quase luxo) mas obra também para os que já descobriram Eça e nele (se) descobriram, livro também para os jovens que o vão encontrando. E encontrar Eça é reconhecer quanto de actualidade cem anos foram incapazes de recusar.

Mesmo obra não fácil à bolsa comum, ela representa, no entanto, um contributo de amor e uma generosa homenagem a Eça de Queirós, o que se deve assinalar e reconhecer.

Teodoro, d' «O Mandarim», morava na Travessa da Conceição

Leiria (com o castelo), cenário d'«O Crime do Padre Amaro»

Gastar água em Lisboa custa mais caro

Invocando os encargos crescentes dos serviços de exploração e nos trabalhos em curso, os quais, conjuntamente com as obras projectadas, implicam um investimento de três milhões e meio de contos até 1980, o Ministério das Obras Públicas distribuiu ontem um comunicado em que informa que as tarifas de água na região de Lisboa, que desde Agosto de 1971 não tinham registado alterações, vão sofrer um aumento que começou a vigorar no dia 1 do mês corrente, afectando os concelhos de Lisboa, Cascais, Oeiras, Loures, Vila Franca de Xira e Sintra.

De acordo com o comunicado, as novas tarifas abrangem cinco escalões de consumo, assim discriminados: até 5 metros cúbicos, o consumidor passa a pagar 6$00 por cada metro; de 5 a 15 metros cúbicos pagará 7$00; de 15 a 25, 9$50; de 25 a 50, 14$50; acima de 50 metros cúbicos, cada unidade sairá a 18$00. Todavia, para os estabelecimentos comerciais e industriais, cada metro cúbico ficará a 6$50, taxa que é extensiva às instituições de beneficência, agremiações culturais, desportivas e colectividades de interesse público. À Câmara Municipal de Lisboa, foi fixada a tarifa única de 6$50 por metro cúbico, e para os outros organismos do Estado, de 7$50.

O comunicado refere ainda que «o plano de obras e novas adutoras à região de Lisboa só poderá ser cumprido se se criarem as condições necessárias ao equilíbrio económico e financeiro das entidades responsáveis e por recurso a crédito a longo prazo», adiantando que, com o aumento agora verificado, «cerca de 85 por cento dos consumidores domésticos se situam nos três primeiros escalões, para os quais, na hipótese mais desfavorável, apenas resultará um aumento de encargos mensais de 7$50, 27$50 e 92$50, respectivamente».

Coincidindo com este aumento, a água voltou ontem a faltar no concelho de Sintra, entre as 16 e as 18 horas.

Mercês fecha contas da campanha eleitoral

As contas para a campanha eleitoral para a Assembleia de Freguesia das Mercês (lista unitária) oferecem os seguintes números:

Total de receitas: 7211$20; e total de despesas o mesmo quantitativo.

Este quantitativo, discriminado, fornece, por sua vez, os seguintes números: material de propaganda eleitoral 6274$70; realizações de comícios e reuniões 500$00; e despesas gerais 436$50.

Paul Dijoud em Lisboa

Chega hoje a Lisboa o secretário francês para a imigração, Paul Dijoud, para uma visita de três dias, a fim de discutir com as autoridades portuguesas os problemas relacionados com os imigrantes naquele país.

Durante a visita o secretário de Estado da Imigração do Governo francês assinará ainda um acordo sobre problemas laborais, segundo revela um comunicado oficial.

CRÍTICAS DA F.A.S.T.I.

PARIS, 11 — (Especial para o «D. L.») — A Federação das Associações de Solidariedade com os Trabalhadores Emigrados — F. A. S. T. I. acaba de tomar posição sobre a prevista assinatura, ainda esta semana, de acordos bilaterais de emigração entre os Governos de Lisboa e Paris.

A F. A. S. T. I. que agrupa 165 associações repartidas pelo território francês, lamenta o facto de os trabalhadores imigrados portugueses não haverem sido informados dos trabalhos preparatórios destes acordos e da sua assinatura.

A F. A. S. T. I. denuncia a presente atitude dos dois Governos e reafirma o direito dos trabalhadores imigrados serem consultados sobre os acordos e as decisões que lhes dizem respeito.

PUB

BICOS DE PAPAGAIO

DORES LOMBARES. COSTAS ou PERNAS. HÉRNIA DISCAL, CIÁTICA, NEVRITE, DESVIOS E OUTRAS DOENÇAS DE COLUNA. Massagista diplomado no Brasil. Faz 2 a 4 aplicações com óptimos resultados. Tels. Lisboa 2233227, Porto 315765.

OFERECE-SE

REPRESENTAÇÕES DE ARMÁRIOS DE CASA DE BANHO, PARA AS ZONAS NORTE, CENTRO E SUL DO PAÍS.
CONTACTAR COM O FABRICANTE PELO TELEFONE 9831645 — PORTO.

Em ALVERCA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA LUSA Rua Joaquim Sabino Faria, 16

Nacional

REVISÃO DOS CÓDIGOS

Dar corpo jurídico à Revolução

Foram empossadas, como havíamos anunciado, as comissões que vão rever os principais códigos do sistema jurídico português.

Durante a cerimónia, que contou com a presença do Primeiro-Ministro, Mário Soares e de vários outros membros do Governo e ainda dos presidentes dos Supremos Tribunais da Justiça e Administrativo, o ministro Almeida Santos, usou da palavra para explanar o objectivo dos trabalhos que agora serão encetados e que sintetizou como «a tarefa de jurisdicizarmos a nossa Revolução».

«Renovado apenas no essencial», afirmou o ministro da Justiça, «o nosso sistema jurídico continua mais identificado com o passado do que com o presente e de modo nenhum com o futuro.

«De tal sorte», continuou, «que não é sequer um mal este desfasamento transitório entre a sociedade actual e o modelo de sociedade futura. Entendeu-se que era necessário algum tempo para que o povo soubesse a Constituição que queria. Continua a ser útil que o legislador, seu mandatário, disponha de tempo bastante para, serenamente, apreender a real vontade do seu mandante, ou sejam, os mais apropriados desenvolvimentos normativos do texto constitucional».

Depois de salientar a necessidade de dessacrilizar a justiça e de humanizar o Direito, o ministro condenou «a quase anarquia jurídica de que estivemos perto, com tribunais populares espontaneamente constituidos a absolver correlegionários e a condenar defuntos e a desmantelar institutos e valores que são a essência mesma da nossa civilização...».

O ministro referiu ainda o plano a que obedecerá a harmonização da legislação com a Constituição, salientando que ela se fará em duas fases

«Uma com o limite temporal da primeira sessão legislativa, ou seja 15 de Junho do ano que entrou, na qual se há-de de cumprir a tarefa de adaptar as normas anteriores à entrada em vigor da Constituição, atinentes ao exercício dos direitos, liberdades e garantias nela consignados. Uma segunda, esta sem «dies ad quem», destinada a compatibilizar a lei ordinária com a letra e o espírito da lei constitucional».

Almeida Santos apontou depois a necessidade de a legislação se harmonizar com o projecto de sociedade que se quer constituir: «Uma sociedade baseada na dignidade da pessoa humana e na vontade popular, empenhada na sua transformação numa sociedade sem classes, onde não haja lugar à exploração e à opressão do homem pelo homem».

A terminar, Almeida Santos referiu alguns dos aspectos particulares dos códigos a rever Código Civil, do Processo Civil, Penal, do Processo Penal e Comercial que pela sua inadequação ao espírito e letra da Constituição terão de ser revistos. Salientou nomeadamente a necessidade de repensar os princípios da liberdade contratual e da propriedade, da igualdade entre o homem e a mulher, da maioridade e ainda a necessidade da revisão do instituto da adopção, no que se refere ao Código Civil.

A encerrar a cerimónia falou em nome dos empossados o prof. Ferrer Correia, presidente da Comissão para a Revisão do Código Comercial.

O ministro da Justiça no uso da palavra

Militantes suspensos do P.S. contra violações ao programa do partido

«A actual orientação do Partido no Governo é contraditória com o programa do partido; é contraditória com a vontade da maioria do povo que pela terceira vez votou maioritariamente em nós para aplicarmos medidas socialistas, para não aplicarmos uma política que a direita não tem força para aplicar», sublinham os militantes suspensos do P.S., Francisco Fortunato e Alfredo Rodrigues, em comunicado de resposta ao gabinete de Imprensa do P.S.

Denunciando o facto de aquele gabinete ter publicado «um comunicado com problemas que relevam unicamente de divergências internas do P.S., não hesitando em ameaçar com acção judicial», os dois socialistas contestam a designação de «edição pirata» dada ao «Militante Socialista» e sublinham que a «Comissão de Trabalho continuou a funcionar normalmente com um executivo eleito em Conferência Nacional, em que participaram 250 representantes de 88 núcleos e secções no dia 4 de Dezembro».

Noutro passo, os dois membros eleitos (pela lista B) da Comissão Nacional do P.S. consideram que «actuação à margem do partido foi o golpe de força contra a Comissão de Trabalho, foi a maneira como no Largo do Rato se elegeu um «pretenso Executivo» para tentar enganar os militantes e trabalhadores: lista única, eleição para a qual a maioria dos núcleos não foram avisados e grande maioria dos que o foram recusar-se a participar em tal iniciativa».

QUE «MAIORIA SUBSTANCIAL»?

E prosseguem, referindo-se à lista única da citada Comissão que segundo aquele gabinete teria ganho por «maioria substancial: «maioria substancial numa assembleia de 90 pessoas, 10 das quais abandonaram a sala recusando-se a votar, dos restantes alguns votaram contra (núcleos das principais coordenadoras como: Amadora, Cabo Ruivo, Linda-a-Velha e Carnaxide, Hotelaria Almada, etc, ou não foram contactados ou foram impedidos de votar).

Francisco Fortunato e Alfredo Rodrigues criticam ainda o facto de o «executivo» ter sido eleito «na base de um regulamento que os militantes não puderam discutir nem aprovar, por decisão do Secretariado Nacional «e salientam que dele «faz parte Victor Gonçalves, dirigente do Sindicato dos Bancários, que não representa nenhuma estrutura dos bancários socialistas».

PERGUNTAS

A propósito ainda do ataque daquele gabinete à edição n.º 5 do «Militante Socialista» que a considerava «contrária aos objectivos da linha política do partido», os militantes suspensos perguntam:

. «Quais os objectivos do Partido? Não é construir neste País o Socialismo? Não foi isso que o Partido disse ao Povo?

«Construir o Socialismo é compatível com leis como a dos despedimentos que permitam aos patrões, à CAP e à CIP, lançar para a mendicidade milhares de famílias?

«Construir o Socialismo é compatível com propostas de lei como a da Greve que proíbe na prática o exercício da mesma, que proíbe piquetes de greve sujeitando-os a seis meses de cadeia?

«Construir o Socialismo é compatível com o envio da GNR para o Alentejo, da PSP para as escolas, e da Polícia de Choque para desalojar as famílias pobres das casas em que vivem?

«Não, não se avança para o Socialismo semeando o desespero, a miséria e o descontentamento na maioria do Povo — prosseguem Alfredo Rodrigues e Francisco Fortunato não se avança para o Socialismo, atirando a Juventude para «ghetos» sem saída, invadindo-lhes as escolas e encerrando-as com a polícia de choque.

«É por isso que nós afirmamos: a actual orientação do Partido no Governo é contraditória com o programa do Partido; é contraditória com a vontade da maioria do povo que pela terceira vez votou maioritariamente em nós, para aplicarmos medidas socialistas, para não aplicarmos uma política que a direita não tem força para aplicar.

MANTÉM-SE COMISSÃO DE TRABALHO

«A Comissão de Trabalho e o seu Executivo eleito em Conferência Nacional no dia 4 de Dezembro, afirma responsavelmente que continua fiel ao programa do Partido, à sua vocação e à vontade dos trabalhadores» — salienta ainda o comunicado.

«Afirma responsavelmente que repudia os actos de decisão e pirataria; é preciso repor a disciplina no Partido, é preciso que o Congresso o faça, mas sobre uma base política, sobre o programa do Partido e não sobre critérios administrativos e sobre a política governamental que nunca foi discutida nem decidida em nenhum Congresso, política que não emana de decisões democráticas, nem corresponde ao nosso programa.

«Nós apelamos para que todos os militantes do P.S. se mobilizem para que o Congresso discuta e decida a orientação política do Governo, em função do Programa do P.S., dos interesses do povo e do socialismo.

«Em todo o caso a Comissão de Trabalho e o seu executivo reservam-se o direito de pôr na Comissão de Conflitos, por usurparem a sigla da Comissão de Trabalho: Victor Gonçalves, João Luís Queirós, Fernando Oliveira Queirós, Manuel Mendes, José Manuel Bernardes, Maria Olga Ferreira, Sérgio Amorim, Aurélio dos Santos, Fernando Jorge Bacelar Soares e Luís Antero Cavaleiro Madeira.

Tomás Rosa quer reorganizar RTP nos Açores

PONTA DELGADA, 11 — A visita do presidente da C. A. da RTP aos Açores, capitão Tomás Rosa, teve como consequência a aceleração dos trabalhos de ampliação da rede de televisão neste arquipélago.

Ficou decidida, em moldes definitivos, a construção dos centros emissores das ilhas de S. Miguel e Terceira, bem como o aumento da cobertura da ilha do Pico com a instalação de três retransmissores. Serão também iniciados os trabalhos para a instalação de um centro emissor para a cobertura das ilhas das Flores e Corvo.

Por outro lado, os efectivos da RTP nos Açores vão ser aumentados em 50 por cento, sendo os correspondentes nas ilhas Terceira e Horta equipados com meios video-tape, de molde a permitir uma melhoria no domínio da informação.

Vítor Alves visita Santiago de Cuba

O major Vítor Alves visitou ontem Santiago de Cuba, a 960 quilómetros a leste de Havana, informa a Prensa Latina, referindo-se à visita a Cuba daquele membro do Conselho da Revolução.

Vítor Alves que foi recebido na quinta-feira passada pelo vice-presidente e membro do Politburo cubano, dr. Carlos Rafael Rodrigues, deslocou-se àquela cidade para contactos com membros do Governo de Havana.

Recorda um telex da Reuter que o membro do C. R. é «o português de maior destaque a visitar Cuba desde que Álvaro Cunhal, secretário-geral do P. C. P., assistiu ao 1.º Congresso do Partido Comunista Cubano, em Havana, em Dezembro de 1975.

Em questão no P.S. Comissões de Trabalho

A propósito da carta de dois militantes do PS, recebemos uma nota do Gabinete de Imprensa daquele partido afirmando «que nunca existiu uma Comissão Nacional de Trabalho do PS, mas sim comissões distritais» e que tais comissões estão «dependentes dos órgãos democraticamente eleitos em Congresso».

A nota informa ainda que «após a eleição dos órgãos estatutários no último Congresso foi remodelada a Comissão de Trabalho de Lisboa tendo sido eleito novo executivo».

MEDEIROS EM BELGRADO

Jugoslávia e não alinhamento estimularam muitos países

«A vossa política de não-alinhamento estimulou muitos países a recusarem o alinhamento automático pelos grandes blocos e contribuiu decisivamente para o equilíbrio mundial, para a causa da cooperação entre as nações com respeito pela igualdade de direitos e deveres» — palavras de Medeiros Ferreira durante um jantar que lhe foi oferecido pelo seu homólogo jugoslavo Milos Minic, ontem em Belgrado e no prosseguimento da visita do chefe da diplomacia portuguesa à Jugoslavia.

No seu discurso, Medeiros Ferreira fez o elogio do não-alinhamento, salientando a importância da posição política da Jugoslávia no contexto internacional, designadamente na Europa e na articulação da Europa com o Terceiro Mundo.

Falou Milos Minic. Salientou a importância de Portugal no contexto político internacional, e, aí, a importância das relações entre Portugal e a Jugoslávia, referiu-se encarecidamente à «detente» — «a política de desanuviamento» — disse — é um processo universal e indivisível que deve englobar todas as regiões do mundo e todos os problemas internacionais mais agudos».

Depois, referir-se-ia ao contributo de Portugal para o fim do colonialismo, à importância da edificação duma nova ordem económica internacional, ao papel que cabe aos países não-alinhados e em vias de desenvolvimento no que respeita a «propostas concretas para o regulamento de cada um dos problemas na ordem do dia».

Entretanto, foi assinado entre Portugal e a Jugoslávia um acordo sobre informação.

A visita de Medeiros Ferreira a Belgrado prossegue hoje com novos contactos entre o chefe da diplomacia portuguesa e Milos Minic, Vidoje Zarbovic, vice-presidente da República, e Dzemal Bijedic, primeiro-ministro. Amanhã Medeiros Ferreira irá às cidades de Liubliana e Zagreb, capitais da Eslováquia e da roácia.

O regresso está previsto para o fim desta semana.

SEARA NOVA

Acaba de sair o número de JANEIRO

Nele poderá encontrar, entre outros, os seguintes artigos:

As eleições para as autarquias
Manuel Augusto Araújo e Pedro Simões

A legislação de trabalho e as conquistas dos trabalhadores
José Barros Moura

Repensar o neo-realismo
Alexandre Pinheiro Torres

Brasil: as eleições da ditadura
A. Silva

As ciências sociais em Portugal
1.º período (1879-1929)
Vítor Sá

Compre já a sua Seara de Janeiro

mini férias na neve

PASSE 4 DIAS
NO TECTO DE PORTUGAL
PENHAS da SAÚDE
alojamento no magnífico hotel SERRA da ESTRELA

informações e inscrições:

mundial turismo

LISBOA AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR 90 R/C TEL. 56327 22 23 24
PORTO R. ALEXANDRE HERCULANO 17 TEL. 26544

Nacional

O microfone do sonómetro detecta decibéis a mais

Prossegue campanha contra ruído do tráfego

Na Praça de Londres e junto do campo do Belenenses prosseguem até ao fim do mês os testes da campanha contra o ruído de tráfego rodoviário, promovida pela Comissão do Ambiente com o apoio de meia centena de brigadas da PSP e da GNR.

As provas são executadas em aceleração máxima e com o microfone do sonómetro colocado entre dez a quinze metros do tubo de escape considerando-se transgressores as motos vulgares com ruídos superiores a 85 decibéis e os velocípedes de duas rodas com mais de 75 decibéis. A maior parte dos ruídos dos escapes livres que lançam o caos nas ruas são avaliados em cerca de cem decibéis.

Provou-se que uma pessoa sujeita a uma exposição de 75 decibéis, oito horas por dia durante 40 anos, ficará com a sua acuidade auditiva definitivamente degradada.

Até ao fim do corrente mês a actuação das brigadas é apenas de carácter informativo proporcionando-se aos motoristas interessados e aos possuidores de viaturas e motos com ruídos a possibilidade de procederem à avaliação em decibéis do som libertado normalmente pelos veículos.

A partir de Fevereiro, as entidades fiscalizadoras poderão passar a autuar aplicando os artigos 16 e 33 do Código da Estrada, que estabelecem normas regulamentadoras de medição sonora das viaturas. Os responsáveis sublinham que compete à sociedade «a defesa da qualidade da vida e não exclusivamente às entidades oficiais».

Esta campanha contra o ruído do tráfego rodoviário será apoiada por uma série de acções tendentes a sensibilizar a opinião pública para o problema, na RTP, Rádio e Imprensa.

Agentes da G. N. R. em actuação na Praça de Londres

PUB

AVISO — QUOTIZAÇÃO SINDICAL

A TODOS OS SINDICATOS, FEDERAÇÕES E UNIÕES

A TODAS AS COMISSÕES SINDICAIS, INTERSINDICAIS E DE TRABALHADORES

A TODOS OS DELEGADOS SINDICAIS

A TODOS OS TRABALHADORES

1. O Governo anunciou um diploma que altera mais uma vez o sistema de quotização sindical não hesitando mesmo em revogar convenções colectivas, livremente celebradas, que obrigam as entidades patronais a procederem à respectiva cobrança em relação aos trabalhadores sindicalizados.

O diploma agora anunciado interfere no funcionamento e organização interna das Associações Sindicais, até ao ponto de lhes impor um processo determinado de cobrança da quotização.

Tal diploma constitui mais uma tentativa de asfixiar economicamente, enfraquecer e dividir o movimento sindical. Representa uma cedência à pressão do patronato representado pela CIP e uma satisfação às exigências do imperialismo. Trata-se de um diploma violentamente contrário aos direitos e interesses mais elementares dos trabalhadores.

A ser promulgado e publicado para entrar em vigor, esse diploma representaria um grave ataque às liberdades democráticas e sindicais e à constituição da República.

Os trabalhadores e todas as associações sindicais condenam unanimemente as tentativas do patronato reaccionário baseado nos decretos-lei do Governo, que visam «partir a espinha» ao Movimento Sindical, como confessou o secretário de Estado do Trabalho.

Os trabalhadores e o Movimento Sindical encontrarão, na unidade e organização, com serenidade e firmeza, as formas de acção adequadas para **impedir a concretização de tais propósitos de recuperação capitalista.**

2. Mais uma vez, o Governo utilizou o processo de anunciar publicamente esta medida como um facto consumado, para tentar frustrar o funcionamento dos mecanismos constitucionais e permitir ao patronato pô-la imediatamente em prática.

A nossa posição, porém, é clara: condenamos tal diploma e vamos opor-nos com determinação à sua promulgação e entrada em vigor.

Enquanto não for promulgado e publicado, não está em vigor.

Os contratos colectivos são para cumprir como até agora.

Informam-se pois todos os trabalhadores e as suas organizações de classe de que o patronato e as empresas **continuam obrigadas a proceder à cobrança e remessa da quotização aos sindicatos.**

Lutaremos em massa para impedir a entrada em vigor de mais esta medida e defender a liberdade sindical.

Que sejam cumpridos os C.C.T. e as leis do País.

Que os órgãos do Poder respeitem e façam cumprir a Constituição.

Os trabalhadores reclamam a **não promulgação nem publicação do novo diploma.**

Lisboa 10-1-77

O Secretariado da Intersindical Nacional

PUB

SINDICATO DOS PROFESSORES da Grande Lisboa

CONVOCATÓRIAS

Convocam-se todos os **delegados sindicais e os Secretariados Provisórios de Setúbal e Santarém** a virem no dia 13-1-77, a partir das 15 horas, à Rua das Gaivotas, 6, a fim de:

recolher todo o material de propaganda
organização da participação dos delegados nas mesas de voto
distribuição dos votos pelas mesas de voto

Relativamente ao Referendo que se realiza a 19-1-77, sobre a participação ou não do nosso Sindicato no «Congresso para a reestruturação da Intersindical».

Convocam-se igualmente todas as **tendências** para uma reunião no dia 13-1-77, às 19 horas na Rua das Gaivotas, 6, para organizar a sua participação nas mesas de voto relativas ao referendo que se realiza a 19-1-77

A DIRECÇÃO

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal EDP (ex-UEP-Norte), a que se refere o processo 8/58 873, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Souto, concelho de Arcos de Valdevez, de uma linha aérea a 15 kV, com 7 metros, do apoio n.º 15 da linha para o posto de transformação de Yolda-Madalena, ao posto de transformação pertencente a António Dantas da Cunha.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 31 de Dezembro de 1976.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

VENDE-SE

Furgon **HANOMAG** *Diesel*

bom estado 1970 contacte pelo tel.

654531/2/3

MARROCOS

...país exótico ao pé de casa!

·fins de semana
·mini-semana
·uma semana
·cidades imperiais
·Tanger e Gibraltar

desde 2650.00

INFORMAÇÕES & RESERVAS

colaboração royal air maroc Europeia

AV LIBERDADE 233 TEL 536121 LISBOA 2

Em S. PEDRO DE MUEL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ CENTRAL

Trabalho

Entra na fase final o debate dos documentos para o Congresso

Ao tempo em que se inicia a distribuição pelos sindicatos dos documentos-síntese para discussão no Congresso de Todos os Sindicatos (propostas de Estatutos da Confederação Geral dos Trabalhadores, do Programa de Acção e da Lei Sindical), as comissões dinamizadoras distritais fomentam a realização de novos plenários nos locais de trabalho ou nos sindicatos, com vista a um cabal esclarecimento e ao debate das propostas da CNOC, agora reformuladas com base nas sugestões e nas propostas de alteração surgidas no decorrer das numerosas reuniões de trabalhadores levadas a efeito a partir de Novembro.

Assim, na região de Lisboa vão realizar-se, nos próximos dias 13 e 14, plenários de zona, nos locais e horas a seguir indicados: Dia 13, às 20.30 — zona de Vila Franca de Xira, Casa do Povo; zona de Mafra, à mesma hora, no Cineteatro; Torres Vedras, às 18.30, no Clube Artístico Comercial; Cascais, às 21 horas, na delegação dos Rodoviários. No dia 14, às 20.30, plenário em Mem Martins, na delegação dos rodoviários e metalúrgicos; Venda Nova, às 18.30, no refeitório da Cometna; Santa Iria de Azoia, às 21 horas, na Sociedade Santariense; Sacavém, às 18.30, na delegação dos metalúrgicos; Alhandra, às 21 horas, na Sociedade Euterpe.

Ao anunciar a realização destes plenários, a CDD de Lisboa afirma que a iniciativa resulta da convicção de que «a defesa dos interesses dos trabalhadores é tanto mais eficaz, quanto mais reforçada for a sua ampla, franca e aberta participação, de forma organizada, na luta pela unidade, vigilância e combate ao divisionismo, consolidação das conquistas alcançadas e luta contra a recuperação capitalista».

Além dos documentos para o Congresso, durante os plenários serão ainda analisadas as últimas leis antioperárias.

Entretanto, segundo a mesma CDD, centenas de comissões de trabalhadores e de comissões sindicais pediram já a sua inscrição como convidados ao Congresso de Todos os Sindicatos, ao abrigo do aro.º 7 do Regulamento. Prevê-se que haja 2 mil e 500 lugares para convidados, devendo as comissões de trabalhadores interessadas apresentar a acta da eleição.

Administração da Robinson impede esclarecimento

No seu último comunicado, a Comissão Nacional Organizadora do Congresso de Todos os Sindicatos insurge-se contra a administração da fábrica «Robinson», em Portalegre, que recentemente impediu a realização de uma sessão de esclarecimento integrada nos trabalhos preparatórios do Congresso.

Conforme o comunicado, «a administração, utilizando como porta-voz o engenheiro Cazal Ribeiro, resolveu proibir à Comissão Dinamizadora Distrital e a um elemento da CNOC a entrada na fábrica, ignorando assim e deliberadamente, o Decreto-Lei 215-B/75 e o art.º57 da Constituição da República Portuguesa».

Acrescenta o comunicado: «As leis antio perárias, que mais não pretendem que a destruição do movimento sindical, o desemprego, o retorno de salários de fome, não devem, segundo esses «senhores», ser do conhecimento dos trabalhadores. Perpetuar o obscurantismo é indelevelmente um dos objectivos da reacção. Assim, e conforme a lei nos confere, voltaremos a envidar esforços no sentido de facultar aos trabalhadores da «Robinson» o esclareciemnto a que têm direito».

RODOVIÁRIOS DE BRAGANÇA

Em assembleia geral, como determinam os estatutos, os trabalhadores rodoviários do distrito de Bragança decidiram participar no Congresso de Todos os Sindicatos, para o que decidiram enviar já a documentação necessária à CNOC.

Entretanto, mais algumas direcções sindicais optaram pela via referendista, apesar de ela estar a sofrer crescente contestação, por antiestatutária e antidemocrática, e impeditiva da discussão dos problemas que se deparam ao sindicalismo no nosso país. Por essa via, as direcções do Sindicato dos Escritórios do Porto e dos agentes técnicos da mesma cidade obtiveram votações contrárias à participação no Congresso.

Por seu turno, a direcção do Sindicato dos Enfermeiros da zona Norte convidou dois representantes da CNOC e outros dois da comissão de redacção da «Carta Aberta», para participarem numa sessão de esclarecimento a realizar na próxima sexta-feira, às 21.30 horas, no salão do INATEL. «A participação ou não no Congresso terá de ser oportunamente decidida pelos associados» — afirma a mesma direcção.

Representantes dos 640 sócios interessados na normalização da vida do Sindicato do Comercio expuseram razões aos jornalistas

PARA DEBATER PROBLEMAS DA CLASSE

Trabalhadores do comércio marcam reunião para amanhã

— aconselhada a abstenção no referendo do dia 14

. A actuação dos dirigentes do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio de Lisboa tem provocado crescente mal-estar e oposição no seio da classe, agora agudizados pela recusa em convocar uma assembleia extraordinária, para discutir problemas essenciais, e pela marcação de um referendo em obediência às determinações do grupo de direcções sindicais da «Carta Aberta».

Por isso, um sector significativo dos sócios daquele Sindicato está empenhado na normalização da vida do organismo, tendo convocado para amanhã uma reunião geral de trabalhadores do sector, no salão Nobre do Instituto Superior Técnico, pelas 21 horas, onde serão tomadas as medidas que se considerem adequadas à situação. Pretende-se, deste modo, superar as deficiências de funcionamentol em termos democráticos, da sua organização de classe, patenteados pelo facto de os dirigentes, em 16 meses de exercício, não terem convocado uma única assembleia geral para discutir e deliberar sobre questões de primordial importância para o sector, como sejam o Contrato Colectivo e a ameaça de alteração dos horários de trabalho.

A reunião é promovida por representantes dos 640 sócios que, em 15 de Dezembro, requereram ao presidente da mesa da assembleia geral uma assembleia extraordinárial destinada a analisar a situação da c o ntrataçao colectiva no sector, a legislação do trabalho e a posição a assumir perante o Congresso dos Sindicatos. Os corpos gerentes indeferiram o requerimento, convocando, em vez disso, uma «assembleia geral» referendo para a próxima sexta-feira, para decidir sobre a filiação na Intersindical e a participação no Congresso.

O referendo é considerado «antiestatutário» por este grupo de sócios, interessado na normalizaçao da vida sindical. «A Assembleia Geral é uma reunião onde os sócios têm que ter o *direito de discutir, apresentar propostas requerimentos e moções*, o que não acontece com a A. Geral-Referendo, que nem sequer é uma reunião», afirmam os promotores da reunião de amanhã. Para mais, «a continuidade ou não do nosso Sindicato na Confederação Geral dos Trabalhadores (Intersindical) envolve a alteração dos Estatutos».

ABSTENÇÃO

Essa forma de auscultar a classe também é «antidemocrática», pois «só à direcção é permitido fazer propaganda das suas posições com o dinheiro de todos os trabalhadores», «não há fiscalização das urnas», e «não é permitida a livre expressão de ideias e troca de opiniões dos associados antes de tomar decisões». Por outro lado, o referendo revelaria propósitos divisionistas, constituindo um passo para para liquidar o Sindicato, pois «ao reduzir os trabalhadores a meros votantes a direcção faz com que o Sindicato deixe de ser o local de encontro, debate e decisão».

Por todas essas razões, este grupo de sócios propugna a *abstenção* da classe no referendo do dia 14, uma vez que «participar nessa farsa seria dar o nosso aval a uns corpos gerentes que em 16 meses ainda não realizaram uma única assembleia geral (mesmo as exigidas pelos Estatutos: Orçamentos e Contas), não fazem reuniões de delegados, dão cobertura ao regresso dos patrões e despedimentos dos trabalhadores, apoiam eleições de delegados sindicais e comissões de trabalhadores manipuladas pelos patrões, negoeiam contratos colectivos como o retalhista que é um claro retrocesso em relação ao contrato anterior, dificultam e até sabotam o trabalho dos Sindicatos de Comércio dos outros distritos no que toca aos contratos colectivos nacionais. Para cúmulo recusam o direito dos trabalhadores de discutirem os seus problemas afirmando que a contratação, despedimentos, horário de trabalho, são questões vagas e abstractas.»

Pelos mesmos motivos, deu entrada, no Sindicato na passada sexta-feira, um requerimento dirigido ao presidente da mesa, em que se pede a anulação do referendo. «Uma tal Assembleia Geral espezinharia de forma tão afrontosa a liberdade de opinião e discussão e o exercício da democracia sindical previstos e garantidos nos estatutos do Sindicato que o sr. presidente não poderá sancionar a sua realização, sob pena de violação do mandato outorgado pela classe», afirmam os subscritores da petição.

No entanto, o requerimento não foi atendido, pelo menos até agora, e os dirigentes do Sindicato já manifestaram a intenção de levar a cabo o referendo, apesar da oposição que este suscitou.

«À MANEIRA ANTIGA»

Para os sócios interessados na normalização da vida sindical, os resultados do escrutínio, não têm, à partida, qualquer significado nem representarão a base de apoio dos corpos gerentes. Trata-se, em seu entender, de um acto «à maneira antiga», sem qualquer possibilidade de fiscalização por parte dos sócios nos actos de votação e contagem, baseado num sistema de distribuição de boletins de voto, que já revelou algumas irregularidades consoante afirmaram ontem, no decurso de um encontro com os órgãos de Informação, a que então fizemos referência.

Consideram também que o comportamento da direcção exemplifica os métodos de actuação das direcções sindicais afectas ao grupo da «Carta Aberta»: fuga ao contacto com os trabalhadores, quebra da tradição democrática do sindicalismo português, recurso aos referendos como forma de liquidar os sindicatos. Apontam, no entanto, uma particularidade: a Direcção do Sindicato do Comércio encontra-se ainda mais isolada da classe, actua de forma ainda mais dirigista e cupulista, e não dispõe de base social de apoio, dadas as características dos trabalhadores do comércio.

«O nosso Sindicato, associação de classe de 65 mil trabalhadores, é «terra sem lei», na qual os mais essenciais direitos dos sócios são espezinhados e as regras da democracia vilipendiadas» afirmam os sócios. «No nosso Sindicato realizar uma discussão democrática sobre os problemas que no dia-a-dia cada vez mais dificultam a vida já de si bem difícil dos trabalhadores é proibido».

Pelo menos 640 trabalhadores do comércio estão dispostos a alterar esta situação. Daí a reunião geral de amanhã, para a qual convocaram todos os colegas.

Ameaça de greve num hotel do Algarve

. Os delegados sindicais dos trabalhadores do Hotel «Sol e Mar» de Albufeira tinham esta manhã uma reunião com a entidade patronal no Governo Civil de Faro para tentar resolver o conflito laboral surgido no passado fim-de-semana naquela unidade hoteleira. Foram também convocados para a reunião representantes do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Hoteleira de Faro e o delegado do Ministério do Trabalho.

O plenário dos trabalhadores do hotel decidiu por maioria entrar em greve a partir das 18 horas de hoje, se até às 15 o patrão não repuser no hotel a maquinaria de pastelaria que de lá tirou no passado sábado à tarde. Na origem do conflito está a tentativa anterior do patrão, Fernando Barata, de proceder à transferência da secção de pastelaria para um dos outros estabelecimentos que possui em Albufeira. Os dois trabalhadores da secção — um deles é o delegado sindical Luís Roma — recusaram-se a ser transferidos, alegando tratar-se duma manobra patronal que visa despedimento. Caso idêntico se passou com um ex-trabalhador que começou por ser transferido e teve que sair pelos problemas causados posteriormente.

No sábado à tarde, Fernando Barata apresentou--se no hotel com uma série de indivíduos que desmontaram as máquinas e as carregaram, encontrando-se agora, segundo Luís Roma, na pastelaria Internacional, em Albufeira, também pertencente a Fernando Barata. Ainda segundo a mesma fonte de informação, entre esses indivíduos estava um trabalhador de oficina que se encontra tuberculoso e com baixa no hospital de São Braz, o qual se encarregou da missão específica de desmontar o forno da pastelaria. Em contacto com o director do referido hospital, este disse não ter tido conhecimento da saida do indivíduo do hospital.

No domingo de manhã, ainda houve um esboço de conflito por o pasteleiro se apresentar no hotel para fazer os bolos do costume. Nada de grave se registou, passando agora a ser servidos bolos apenas ao jantar, confeccionados noutras pastelarias do patrão, enquanto anteriormente havia bolos a todas as refeiçoes. Os trabalhadores esperam que não haja mais conflitos, embora ontem o patrão tenha tido uma demorada conversa com um sargento da G. N. R. e afirme que não transigirá.

Participaram no plenário deliberativo da greve 71 dos cerca de 100 trabalhadores do hotel, devido a férias e folgas do pessoal. Sessenta trabalhadores foram favoráveis à greve, 8 votaram contra e 3 abstiveram-se. Com esta forma de luta serão afectados os 75 hóspetodas as refeições. Os trabadores esperam no entanto que a questão se resolva satisfatoriamente, já que o turismo é a indústria mais importante do Algarve.

Encontro da Juventude da Marinha Grande

. . O Encontro de Jovens Trabalhadores da Região da Marinha Grande efectua-se no próximo dia 23, no Teatro Stephnens, desta vila, promovido pelo Departamento Juvenil do Sindicato Vidreiro da Marinha Grande e um grupo de metalúrgicos.

O Encontro tem como objectivo, além da discussão dos problemas específicos dos jovens trabalhadores do concelho, a participação activa e organizada da juventude trabalhadora na preparação do Congresso de Todos os Sindicatos e o reforço da participação da juventude no movimento sindical. Participarão nos trabalhos, que têm início às 10 horas do dia 23, as Comissões de Juventude dos Sindicatos da região da Marinha Grande, as estruturas dos trabalhadores estudantes da M. Grande e os delegados eleitos nas empresas, nas assembleias sindicais

Nacional

YUSSUF DADOO (P.C.A.S.) AO "D.L."

"A nossa luta devolv ao povo sul-africano

«Enfrentamos ainda uma longa e dura luta Mas confiamos que, com a nossa determinação, com os nossos recursos humanos, com a nossa força, triunfaremos e conduziremos à queda do regime racista, devolvendo a liberdade ao nosso Povo»

As palavras são de Yusuf Dado, secretário-geral do Partido Comunista da África do Sul, em declarações ao «DL»

«Parte integrante do movimento de libertação nacional» liderado pelo Congresso Nacional Africano (C N A), o Partido Comunista da África do Sul (P C A S) prepara-se para uma nova etapa no já longo combate que vem travando em difíceis condições — a Luta Armada

Para Yusuf Dadoo, as condições são criadas resta intensificar o trabalho de organização e mobilização das massas, agora também facilitado pelo extraordinário alento que a vitória dos povos das ex-colónias portuguesas levou ao Povo sul-africano

Mas na África do Sul o desfecho desta árdua luta não pode ser visto a curto prazo. Os interesses do imperialismo naquela zona de África são grandes e está provado que deles não abdicará facilmente.

A correlação mundial de forças não lhe é, porém, favorável. O imperialismo perde progressivamente, a iniciativa.

Para os patriotas sul-africanos, organizados em torno do P.C.A.S. e do C.N.A., trata-se de aproveitar todas as circunstâncias para desenvolver a ofensiva simultaneamente em duas frentes: interna, enquadrando e dirigindo o movimento popular para novas e mais altas formas de resistência; externa, aliando-se ao bloco socialista e ao movimento operário e às forças progressistas dos países capitalistas, na denúncia, no boicote, na solidariedade militante contra o regime racista de Vorster

UMA LUTA DEMORADA

Yusuf Daddo «O P.C.A.S. é parte integrante do movimento nacional libertador da África do Sul o Congresso Nacional Africano. Um e outro são organizações consideradas ilegais pelo Governo racista e, como tal, forçadas ao trabalho clandestino. A nossa actuação conjunta visa o derrubamento do regime racista e a tomada do poder pelo Povo. Trata-se de uma luta demorada, que se desenvolve em condições muito difíceis face à tirania fascista, à apertada vigilância policial. Mas apesar de tudo, com todas as baixas que sofremos pessoas torturadas e mortas nas prisões, centenas de líderes e activistas detidos, alguns cumprindo penas de prisão perpétua continuamos a trabalhar na mobilização popular e temos obtido alguns resultados. Com o nosso trabalho clandestino criámos muitas células novas, que enquadram o movimento popular e empenhamo-nos agora numa nova fase, a qual, dadas as condições em que se vive no nosso País, consideramos inevitável a Luta Armada! Trata-se de uma nova etapa da nossa luta que teremos de conjugar com o desenrolar da luta política».

AMPLAS PERSPECTIVAS

«Presentemente prossegue o secretário-geral do P.C.A.S. as condições são de molde a abrir amplas perspectivas para a nova fase da nossa luta. Por outro lado, temos a derrota decisiva do colonialismo português em Moçambique, Angola e Guiné-Bissau, e a grande vitória do povo angolano na sua segunda guerra pela independência, contra a conspiração imperialista que contou com o profundo envolvimento do regime racista da África do Sul; por outro lado, temos o ressurgimento do espírito militante do nosso povo, realizando levantamentos e greves políticas um pouco por todo o país, a despeito da repressão sangrenta de que é alvo, dando, com o seu exemplo, clara indicação de que o regime falhou miseravelmente.

«Torna-se evidente prosseguiu que o regime racista enfrenta uma séria crise, sobretudo de natureza política, sobretudo após a derrota dos seus exércitos em Angola, com a qual se quebrou o velho mito da invencibilidade dos brancos. Tudo isto faz com que o desespero aumente entre a classe dominante, enquanto a confiança na vitória se avoluma entre os nossos irmãos de luta.

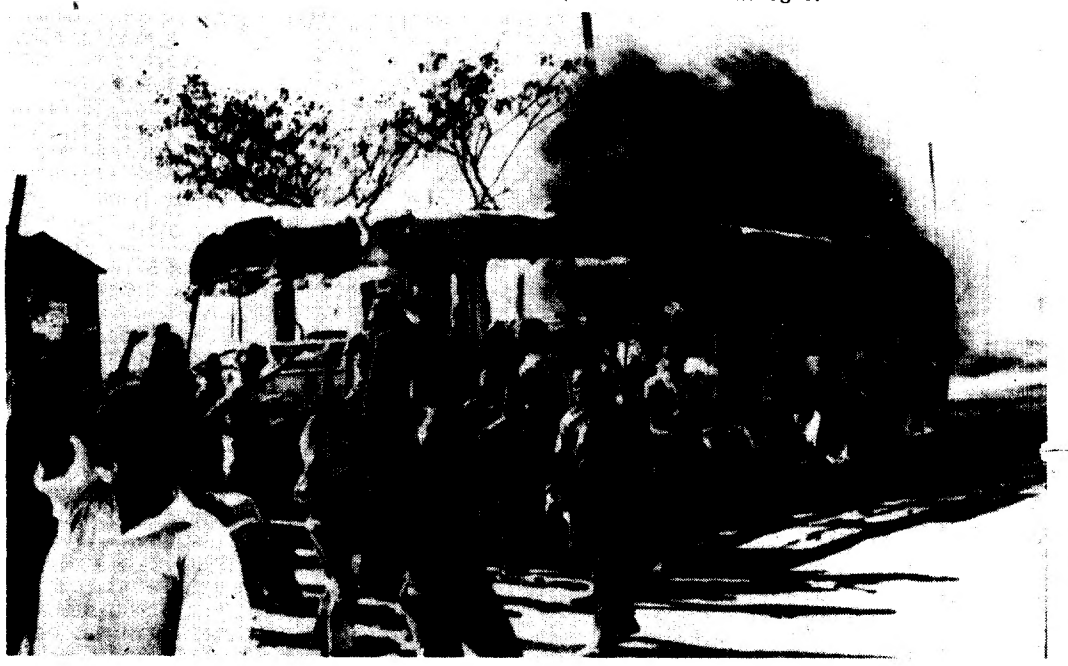
«Não temos dúvidas de que para salvar o regime racista da derrota final o imperialismo não regateará esforços. Isto começa já a fazer-se sentir com a sua táctica no Zimbawe e com a forma como tenta criar uma nova imagem do regime racista de Pretória. Não devemos esquecer que os imperialistas têm grandes interesses na África do Sul e em alguns países vizinhos, e que tudo farão para os defender. No que nos concerne, não temos ilusões: já tornamos clara a nossa rejeição das propostas e manobras do imperialismo conhecidas por «plano Kissinger»; proclamamos igualmente a nossa determinação em prosseguir a luta, elevando-a a outros níveis».

UMA FALSA POLÍTICA DE «DÉTENTE»

A agressão imperialista contra Angola, da qual a África do Sul foi o principal instrumento, reduziu a imagem de Pretória à sua verdadeira dimensão e despertou vivos sentimentos de repulsa em todos os povos africanos dificultando, assim, a acção de alguns Governos que, colocados voluntariamente ao serviço de interesses capitalistas ou iludidos pelo poderio económico sul-africano, estavam a embarcar na chamada «política de détente» praticada por Vorster. O primeiro-ministro sul-africano, porém, a despeito deste fracasso, não desiste da aproximação e novas tentativas de sedução de Estado africanos estão em curso. A que poderão conduzir?

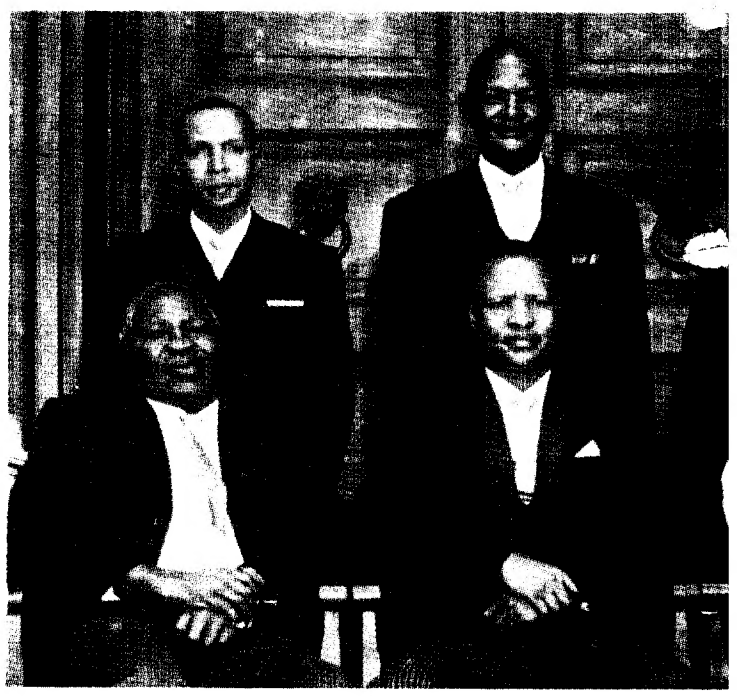
Yusuf Dadoo «É certo que Vorster e os seus auxiliares continuam a tentar captar alguns Estados africanos, acenando com o poderio industrial da África do Sul para os levar a assinar alguns acordos económicos. Tentam desta forma, criar uma nova imagem do regime racista, que possam exportar sobretudo para o Ocidente, pela via do rompimento do isolamento a que continua a estar votado.

«Estas tentativas não terão, contudo, qualquer êxito. E isto porque nenhuma transformação se poderá processar sem passar previamente por uma alteração radical na política interna sul-africana. Ora isto, como é evidente, Vorster não está preparado para fazer a sua política de «détente» é um logro.



Motim racial em Joanesburgo: um autocarro incendiado

«Internamente, como já disse, as velhas estruturas de domínio da classe dirigente branca sobre a maioria da população, que é negra, estão a ruir. O regime já não as consegue justificar e elas entram em declínio. Como saída, recorre-se a um vergonhoso e fraudulento esquema de independências para os bantustões, que não são mais do que reservas de mão-de-obra barata. No que nos diz respeito, rejeitamos esta política, que tenta dividir o nosso povo em grupos étnicos. Somos um só País e um só Povo, e esta divisão do nosso território em bantustões é uma fraude que repudiamos».



Este é o «Conselho de Ministros» do alegadamente indep

SINDICATO DOS TRABALHADORES ELECTRICISTAS DO CENTRO

COIMBRA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINARIA

CONVOCAÇÃO

Nos termos da alínea b) do art.º 33.º dos Estatutos, convoco todos os associados do S.T.E.C. para uma Assembleia Geral Extraordinária que se realiza no dia 15 de Janeiro de 1977, às 10 horas, no pavilhão do Olivais Futebol Clube – ao Olivais – Coimbra, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1 — Adesão ou não à Intersindical Nacional.
2 — Eleição dos representantes do Sindicato ao Congresso de todos os Sindicatos.
3 — Congresso dos Sindicatos. Documentos base de discussão.

Coimbra, 31 de Dezembro de 1976

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
José Luís Pascoal Soares

ASSEMBLEIA GERAL ORDINARIA

CONVOCAÇÃO

Nos termos da alínea c) do art.º 31.º dos Estatutos, convoco todos os associados do S.T.E.C. para uma Assembleia Geral Ordinária que se realiza no dia 15 de Janeiro de 1977, às 15.30 horas, no pavilhão do Olivais Futebol Club – Olivais – Coimbra, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1 — Apreciar e deliberar sobre o Orçamento para o ano de 1977, proposto pela Direcção.

Coimbra, 31 de Dezembro de 1976

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
José Luís Pascoal Soares

...verá a liberdade ...o"

Yussuf Dadoo quando prestava declarações ao nosso jorna

CLASSE MÉDIA NEGRA E LIBERAIS BRANCOS

Outra frente em que, no campo interno, se desenvolve a ofensiva de Vorster situa-se na tentativa de criação de uma burguesia negra, colaboracionista, capaz de, numa primeira fase, combater os seus próprios irmãos para defender os seus interesses de circunstância. Trata-se de uma política que vem sendo defendida por certos grupos financeiros sul-africanos, pressionados pelo imperialismo. Entre aqueles, destaca-se o multimilionário Oppenheimer.

Yusuf Dadoo «Sim, os imperialistas, jogando com os industriais do País, tentam institucionalizar uma certa liberalização, dando, aos negros, por exemplo, um lugar para viverem nas áreas reservadas aos brancos, removendo aquilo a que se costuma chamar «pequeno apartheid», ou sejam as restrições impostas aos negros quanto à frequência de lugares públicos (bancos de jardins, autocarros etc.). Trata-se de iniciativas menores que em nada influenciarão o processo revolucionário na África do Sul. É o tipo de coisas que não pode influenciar ou inverter a situação presente e esta é a de que as modificações que há que operar terão de ser radicais, ou seja, a libertação total do negro da subjugação ao poder dos brancos».

ATÉ ONDE PODEM IR?

A par destas «manobras» do imperialismo, outras forças sociais brancas envolvem-se também nas pressões exercidas no sentido da liberalização do regime. É o caso da Igreja e de certas facções de uma «intelectualidade radical». Como ver estas iniciativas?

Yusuf Dadoo «Tendo em vista toda a complexa situação na África do Sul, naquilo que, primeiramente, concerne à Igreja a Igreja Católica, a Igreja Angelicana e as outras Igrejas Protestantes a verdade é que a política de segregação racial as afecta, pois têm vastas congregações entre os negros, as quais vêem a sua actividade prejudicada pelas Leis do «apartheid». Depois, as próprias crenças religiosas perfilhadas não admitem o tipo de desigualdade instituído pelo «apartheid». Finalmente, o aumento de militância política entre a população negra tende a afastá-la da Igreja, e isto não lhe convém pelo que se dispõem a intervir. Há ainda que referir que nas diferentes Igrejas há sacerdotes bem intencionados, que discordam do regime (É certo que raramente levam a sua oposição até ao fim, mas, quando a sua consciência entra em conflito aberto com o poder, então têm coragem de resistir ao Governo e, por isso mesmo, alguns têm sofrido).

«Quanto aos estudantes brancos nas Universidades, os seus sentimentos liberais levaram-nos a organizar manifestações de apoio aos estudantes negros nas recentes greves. Isto foi feito sobretudo em Joanesburgo e na Cidade do Cabo onde se organizaram diversas iniciativas de solidariedade com a luta dos negros. Algumas publicações de protesto foram distribuídas entre a população branca e certos artigos foram até ao ponto de exprimir apoio ao Congresso Nacional Africano.

«Portanto, este tipo de coisas existe. E existe porque o sofrimento imposto pelo regime começa a atingir também alguns intelectuais liberais brancos e mesmo pequenos comerciantes brancos, o que os leva, aqui e ali, a criticarem a política governamental. Há, no entanto, que destacar que eles não constituem uma força coerente nesta luta. Apesar de tudo, são bem-vindos até ao ponto em que possam ir...»:

ORGANIZAÇÃO OU ESPONTANEISMO?

Os últimos acontecimentos na África do Sul, nomeadamente a revolta de vastos sectores negros em zonas urbanas, levanta, de imediato, uma questão trata-se de uma acção espontânea, produto do agravamento das contradições do regime, ou de uma acção organizada, convenientemente enquadrada por forças políticas?

Yusuf Dadoo «Bem, é uma mistura das duas coisas.

«Há que considerar que, apesar do P.C.A.S. e do C.N.A. continuarem na clandestinidade, nem por isso têm deixado de trabalhar na organização das massas populares. Isto tem permitido um certo enquadramento, quer da nossa parte, quer da parte do C.N.A.

«Tal enquadramento reflectiu-se, especialmente, nas acções estudantis, onde a discriminação existente, relativamente à educação dispensada às camadas brancas, criou uma enorme fonte de ressentimento. É desta acção que se gerou aquilo que se tem classificado como «movimento de consciência do negro» e que marca o seu despertar para a luta.

«É claro que, em toda esta movimentação de massas, também tem havido muito de espontaneismo. A verdade é que o ressentimento do negro atingiu um escalão que propicia esse tipo de acção. E quando crianças, jovens estudantes, foram massacradas nas ruas dos «ghettos» negros, as pessoas sentiram que tinha sido atingido o ponto de ruptura. Encontramos, desta forma, muito de espontâneo nas grandes greves negras, que chegaram a envolver 250 mil pessoas.

«Concluindo: estamos perante uma combinação das duas formas. Porém, o que de espontâneo existe, atingiu o seu ponto máximo. Não poderá agora avançar sem que uma grande acção organizativa transporte o movimento popular para um nível mais elevado de luta».

A ESTRATÉGIA DO IMPERIALISMO

«A NATO faz parte da estratégia do imperialismo na África do Sul», diz Yussuf Dadoo, referindo uma das suas componentes. Porem, tudo se desenvolve a partir de Washington.

A NATO, como Israel cuja interferência na África do Sul se torna evidente, são apenas capas do imperialismo norte-americano e da sua acção criminosa contra o povo sul-africano.

Yusuf Dadoo «São as nações da NATO que fornecem as armas com as quais o regime racista se mantém no poder. Isto em aberta violação das sanções decretadas pela ONU. Estes países desempenham, assim, um papel criminoso, ao apoiarem o regime racista no nosso País.

«Mas não ficamos por aqui. Outro aspecto assustador do desenvolvimento do apoio imperialista passa pelo fornecimento de reactores nucleares e outro material atómico pela França e pela República Federal Alemã, bem como pelo eixo Washington-Telavive-Pretória Este último «circuito» representa uma manobra particularmente perigosa dos Estados Unidos que, querendo mostrar que não fornecem armas à África do Sul, enviam-as para Israel (incluindo armas nucleares), de onde seguem para Pretória.

«Neste momento, devido aos fornecimentos de equipamento nuclear e de urâneo enriquecido, a produção de armas nucleares na África do Sul entrou no domínio das possibilidades práticas, o que levanta um novo risco, já não apenas para o povo sul-africano, mas para todo o Continente».

dependente Transkei

TRIBUNAL DA COMARCA CÍVEL DE LISBOA

6.ª VARA

ANUNCIO

Por este Tribunal correm editos de trinta dias, que começarão a contar-se da 2.ª e última publicação ao anuncio citando o réu para no prazo de 30 dias, findo o prazo dos editos, contestar a acção, sob pena de poder vir a ser condenado no pedido que, em extracto, é o seguinte: pagamento ao autor da quantia de - 229.411$00 - proveniente de fornecimentos que fez ao réu, nas custas e selos.

Acção ordinaria n.º 1974 2.ª secção

Autor Petróleos de Portugal, EP (Portugal), com sede em Lisboa

Réu António Lourenço Ramalho, separado de pessoas e bens que residiu na Rua José Lins do Rego, 22 1.º em Lisboa e ora ausente em parte incerta

Lisboa, 10 de Dezembro de 1976

O Corregedor,
(Barbosa de Almeida)

O Escrivão de Direito,
(Amilcar Costa)

Recado ao Leitor

Propomos ao leitor que participe na valorização do seu jornal.

Propomos-lhe que contribua para a dignificação da actividade publicitária.

O «Diário de Lisboa» entende que a publicidade se justifica plenamente, quando e orientada por um critério de utilidade social.

O «Diário de Lisboa» considera que assim, a publicidade e um serviço prestado aos leitores.
Por isso vendemos espaço. Espaço util.
Por isso solicitamos a participação dos leitores na utilização desse espaço.

Espaço que pode ser seu se aceitar as nossas regras de utilidade social e de qualidade.
Qualidade e serviço oferecido aos leitores que colocam o «Diário de Lisboa» no segundo lugar (em expressão nacional e em vendas) entre os quotidianos da tarde e o tornam (por exemplo) o mais lido por um público socialmente activo, entre os 15 e os 43 anos.

Secção de Publicidade do **Diário de Lisboa**

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM CARNES DOS DISTRITOS DE LISBOA E SETÚBAL

Relatório de Contas da LISTA «B», sobre os gastos na Campanha ELEITORAL para as ELEIÇÕES do Dia 28/11/1976.

VALOR RECEBIDO DA COMISSÃO ELEITORAL 40.000$00

DESPESAS :

3.000 Autocolantes	4.510$00	
3.000 Cadernos de Programas de Acção e 1.000 Cartazes de propaganda	11.330$00	
Anúncio no «Diário de Lisboa», sob a local de Mesa de Votação	1.939$20	
Anúncio no «Diário», sob a local de mesa de Votação	1.776$00	
Despesa com deslocação e delegados de Setúbal	378$00	
Telefonemas e deslocações de Francisco Moeno	303$00	
Despesa de Material — Cola e pincel, transporte de vários elementos da «Lista B», sob colagem de propaganda, Esclarecimentos e almoços, como gastos com delegados à Mesa de Voto de Lisboa e Torres Vedras	5.216$00	
Sêlo	80$00	
Sub soma	25.575$70	
Despesa do anúncio no «Diário de Lisboa» do relatório de contas	1.616$00	27.191$70
Importância a devolver à Comissão leitoral		12.808$30

Lisboa, 1 de Janeiro de 1977

O Representante da LISTA «B»

Francisco António de Almeida Morena

António Silvino Rosa dos Santos

ORGATÉCNICA

XXV ANIVERSÁRIO 1951 * 1977

ORGANIZAÇÃO TECNICA DE MÁQUINAS E MATERIAL PARA ESCRITÓRIO, LDA.

AV. JOÃO XXI, 12 r/c E. LISBOA TEL. 725779

Agradece e presta homenagem aos clientes com quem mantém desde essa data assíduos contactos comerciais e de assistência a máquinas de escritório:

Alluminante
Alfredo Cavalheiro, Ld.ª
António Veiga Empresa de Construções, S.A.R.L.
Prof. Dr. Cândido de Olibeira
Electricidade de Portugal (Ex. C.E.A.L.
Electricidade de Portugal (Ex. Hidro Eléctrica do Zêzere)
Companhia dos Grandes Armazéns Alcobia
Escola Lusitânia Feminina
Estabelecimentos Isidoro M. de Olibeira, S.A.R.L.
Garol Garagem
João Soromenho
Knoll Lusitana
Liceu de Camões
Manufactua de Artigos de Campismo
Dr. Manuel Pinto
Materiais Novobra
Nunes E Vicente
Plessey Automática Eléctrica Portuguesa
Promalte Produtos Maltados, Ld.ª
Patuleia E Patuleia (Bombarral)
Tribunal Judicial da Lourinha (Lourinhã)
Congeladora José Nicolau (Peniche)
Companhia Portuguesa de Congelação (Peniche)
Promar, Ld.ª (Peniche)
Maria José Fonseca (Camaroa)

Agradecemos a colaboração dada pelos nossos habituais **FORNECEDORES E BANQUEIROS**

ANUNCIAMOS

O nascimento de uma nova **ORGANIZAÇÃO** independente, que apoiada nos seus técnicos e na nossa expansão comercial, preencherá as necessidades em material Electrónico dos nossos antigos e futuros clientes.

ORGATRÓNICA

ORGANIZAÇÃO VENDE E ASSISTÊNCIA DE EQUIPAMENTO ELECTRÓNICO, LDA.

AV. JOÃO XXI, 12 r/c. E. LISBOA TEL. 725779

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Setúbal em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/58 678, arquivo 45, para o estabelecimento na freguesia de S. Sabastião, concelho de Setúbal, de uma linha mista a 30 kV, com 4729 metros, constituída por um troço aérea com 4659 metros e por um troço subterrâneo com 70 metros, do apoio n.º 10 da linha Cachofarra-Movauto à subestação da Mague.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 31 de Dezembro de 1976.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Ponte da Barca em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal EDP (ex-União Eléctrica Portuguesa) a que se refere o processo 8/58 912, arquivo 4 para o estabelecimento na freguesia de S. Miguel, concelho de Ponte da Barca, de uma linha aérea a 15 kV, com 1953 metros, do apoio n.º 16 da linha para o posto de transformação de S. Miguel-Sobredo para o posto de transformação de S. Miguel-Lourido, da Câmara Municipal de Ponte da Barca.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de licenciamento, em 3 de Janeiro de 1977.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

Estrangeiro

Armas israelitas ao serviço da repressão

Segundo o jornal americano «Christian Science Monitor», o material bélico recusado pelo Pentágono é melhorado e vendido por Israel. O mesmo jornal informa que os representantes de Telavive e de Washington entabularam negociações secretas com vista à exportação de armamento para o Chile. O regime de Pinochet receberá espingardas «Shafrir» e outro material militar israelita, fabricado sob licença americana. Sabemos que Israel utiliza o dinheiro recebido dos EUA, da RFA e de outros países capitalistas, não apenas para comprar importantes quantidades de armamento moderno, mas também para criar a sua própria indústria de guerra, utilizando a mais recente tecnologia americana.

Actualmente Israel é capaz de fabricar importantes quantidades de armas modernas, como sejam os sistemas electrónicos de detecção e perseguição de objectivos móveis, caças «Kfir», baterias DCA «Shafrir» e «Gabriel» instaláveis em navios de guerra e outras armas de fogo.

Isto permite a Telavive aumentar as suas exportações de armas. De acordo com o ministro da Defesa, Israel exportou durante 1976 armamentos de guerra no valor de 320 milhões de dólares, devendo este valor ultrapassar, nos próximos anos, um bilião de dólares.

É importante realçar que as armas exportadas por Israel se destinam prioritariamente aos países onde é mais acesa a luta pela liberdade e independência. Os rodesianos fuzilam civis com as pistolas metralhadoras «Usi»; a polícia sul-africana está equipada com material electrónico israelita e os colonialistas e separatistas do Biafra beneficiaram do auxílio israelita, durante a guerra civil na Nigéria. Mas a mesma política é seguida em relação à América Latina. O jornal «Liberdad», editado na Costa Rica, escrevia que os EUA se servem dos israelitas para intervirem na política interna do país, pois não ousam fazê-lo abertamente. O jornal indica que Israel exporta, para as Honduras e Salvador grandes quantidades de armamento como sejam, aviões, metralhadoras e canhões, visando agravar as tensões nesses países. Importantes contigentes de armas estão também sendo exportados para a Nicarágua. (**«Novosti»**)

Revolução etíope elogiada no "Pravda"

«Nesta etapa o povo etíope já obteve grandes vitórias» escreve Valentink Korovikov, correspondente do «Pravda» em Addis-Abeba, na edição de ontem deste jornal. «A nova Etiópia juntou-se às forças progressistas e anti-imperialistas de África e do mundo».

Este Estado, virado para o socialismo, está a adoptar, com êxito, medidas para eliminar as sobrevivências do feudalismo.

Os camponeses receberam milhões de hectares de terra e foram libertados das dívidas e da necessidade de pagar as rendas aos senhores da terra. Associações camponesas estão a ser criadas por quase todo o país. Incluem para cima de 5 milhões de famílias.

Centenas de milhares de antigos servos são hoje eleitos para os comités dessas associações e tornaram-se lutadores por uma Etiópia democrática. Milícias populares e unidades de autodefesa, que englobam já meio milhão de pessoas, têm sido criadas nos distritos rurais nos últimos meses.

Pela primeira vez na história do país, as nacionalidades adquiriram o direito à autonomia regional e desenvolvem as suas próprias línguas e cultura.

«A classe operária etíope, não muito numerosa existe menos de uma centena de milhar de operários industriais está a desempenhar um importante papel na construção da nova Epiópia» escreve correspondente do «Pravda». Estão a ser feitos preparativos no país para a criação de um partido político assente no proletariado. O partido baseará o seu trabalho nos princípios do socialismo científico.

As mudanças revolucionárias no interior do país provocaram sérias mudanças na sua política externa, diz Korovikov. A Etiópia toma agora parte activa na luta de libertação anti-imperialista no continente. A cooperação com os países socialistas e com a União Soviética em particular é cada vez mais forte.

A visita efectuada à União Soviética por uma delegação etíope, em Julho de 76, foi muito frutuosa. Os seus resultados estão ainda a fazer-se sentir na expansão dos laços entre os dois países.

PUB

A TODOS OS SINDICATOS ADERENTES AOS PRINCÍPIOS DECORRENTES DA CARTA ABERTA

Vai realizar-se nos próximos dias 14 e 15 de Janeiro de 1977, em Coimbra, no Anfiteatro 2 na Faculdade de Letras, novo encontro de Sindicatos aderentes aos princípios decorrentes da Carta Aberta.

Convidam-se para este encontro todos os Sindicatos aderentes àqueles princípios **MESMO QUE NÃO TENHAM SIDO FORMALMENTE CONVOCADOS.**

Para este encontro, a Comissão de Redacção da Carta Aberta, propõe a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1. Análise das consequências para o Movimento Sindical face à realização do II Congresso da Intersindical e medidas a tomar.
2. Análise da situação distrital
   a) Situação decorrente das decisões de 27 de Novembro de 1976
   b) Dinamização.

Lisboa, 7/1/77

A COMISSÃO DE REDACÇÃO DA CARTA ABERTA

Notariado Português

DÉCIMO OITAVO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA A CARGO DA LICENCIADA EM DIREITO MARIA DA GLÓRIA SAMPAIO FILIPE DE SOUSA

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de vinte e seis de Novembro de mil novecentos e setenta e seis, lavrada de folhas quarenta e uma, a folhas quarenta e duas, do livro C-98 das notas deste Cartório, Abel Gomes Leite Vasques e Adelaide Martins Nunes, que também usa Adelaide Martins Nunes Vasques, como únicos sócios, dissolveram de mútuo acordo a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, sob a firma «Azevedo, Sousa, Limitada», com sede em Lisboa.

Que, o activo social era representado apenas pela quantia em dinheiro de oito mil escudos, que em liquidação e partilha, foi adiudicado aos ex-sócios na proporção das suas quotas ou seja quinhentos escudos ao ex-sócio Abel Gomes Leite Vasques e sete mil e quinhentos escudos à ex sócia Adelaide Martins Nunes ou Adelaide Martins Nunes Vasques.

É certidão de narrativa parcial, que fiz extrair, a qual vai conforme o original, quanto à parte transcrita, e certifico que na parte omitida da referida escritura nada há em contrario ou além do que fiz transcrever.

Lisboa, sete de Janeiro de mil novecentos e setenta e sete

O AJUDANTE

(João Pedro Barradas)

LONDRES

FÉRIAS · NEGÓCIOS

Partidas TODAS as QUINTAS e DOMINGOS de **Novembro a Março**

* **Fim de Semana** 4 dias
* **Mini-Semana** 5 dias
* **Maxi-Semana** 8 dias

DESDE **4.500$**

Avião + Hotel c/ banho + Visita cidade + Transportes + Assistência

Programas ● Reservas

VIAGENS RAWES

Lisboa-Correspondência R. Bernardino Costa 47
Expediente Trav. do Corpo Santo 15 Tel. 370231
Faro-Rua Conselheiro Bivar 72 Tel. 23196/6

Estrangeiro

Complexo militar-industrial intensifica pressões sobre Carter

O epartamento de Defesa norte-americano vai levar por diante a produção de novas ogivas que duplicarão o potencial nuclear dos mísseis intercontinentais Minuteman III informam fontes afectas à Administração. Segundo a UPI/ANOP, esta decisão é tomada em consequência do «reforço das posições soviéticas», tecla que está a ser batida pelo complexo militar-industrial a fim de pressionar o novo presidente, Carter.

As novas ogivas não terão, no entanto, um poder destrutivo tão grande como originalmente se projectava, devib a problemas de aperfeiçoamento que exigiriam correcção cujo custo se elevaria a 4890 milhões de dólares. Foi o secretário cessante de Defesa, Donald Rumsfeld, que notificou o Congresso desta decisão. A ogiva, cuja produção vai prosseguir, é a Mark 12-A, que pode transportar três MIRV com uma potência de 350 quilotoneladas cada um. Os MIRV actuais, transportados pelos Minuteman II ICBM tinham a potencia de 170 quilotoneladas (cada quilotonelada equivale à força destrutiva de 1000 toneladas de TNT). O Congresso aprovou no ano passado um pedido do presidente Ford para que fosse concedido um suplemento de 322.400 milhões de dólares para mais 64 mísseis Minuteman III com as novas ogivas.

Outra justificação que os responsáveis apresentaram para levar por diante este programa foi a duma pretensa dificuldade em conseguir um novo acordo SALT com a URSS. Esta justificação é singular, numa altura em que tanto o novo presidente americano, Jimmy Carter, como o secretário-geral do PCUS, Leonid Brejnev, têm travado um diálogo mutuamente encorajador e em que ambos manifestaram já o desejo de chegar a novo acordo SALT.

À medida que se aproxima a data da tomada de posse da nova Administração dia 20 multiplicam-se as pressões sobre a equipa de Carter, no sentido de intensificar a corrida aos armamentos e de «endurecer» posições quanto ao desanuviamento e à coexistência pacífica. Um estudo da CIA ontem tornab público cifra o orçamento soviético para o ano passado em 120 mil milhões de dólares (contra os 90 mil milhões do orçamento dos EUA). A CIA informa que a URSS gasta mais com o seu armamento que os EUA, em todos os domínios excepto nos aviões tácticos de combate. Para as suas forças não nucleares os soviéticos gastam, segundo a CIA cerca dum terço mais do que os americanos. Segundo a agência France-Presse, Jimmy Carter, perante as pressões públicas exercidas directamente pelo complexo militar-industrial vai ter possivelmente muitas dificuldades em cumprir as suas promessas eleitorais de redução de cinco a sete mil milhões de dólares no orçamento de defesa dos EUA» esta frase dá a chave da agitação belicista que prossegue no país e que vai decerto intensificar-se ainda mais. Respondendo a esta campanha, o órgão do PCUS, «Pravda», declara que a ameaça soviética ao Ocidente não existe nem nunca existiu. E o «Pravda» escreve:

. «As forças do complexo militar-industrial estão firmemente decididas a impedir o novo governo de pôr em prática a intenção proclamada pelo presidente Carter de dar prioridade às negociações com a União Soviética sobre a limitação dos armamentos estratégicos ofensivos e de procurar soluções para os problemas das relações sovieto-americanas, que são de uma grande importância para a paz mundial».

Por seu lado, o secretário-geral do PCUS, Leonid Brejnev, em entrevista concedida ao jornalista sul-africano Alex la Guma e comentada pelo jornalista americano Kingsbury-Smith, declarou que as referências a «ameaça soviética» são absolutamente destituídas de fundamento, e que a URSS nunca ameaçou nem ameaça ninguém. «Espalhar o mito da ameaça vermelha declarou Brejnev só aproveita aos políticos que se entregam a perigosos jogos militares e que não se preocupam nada com a sorte da humanidade nem com a dos seus próprios povos, mas apenas com os fabricantes de armas que tiram enormes lucros das invenções sobre a agressão do Leste».

Hoje Jimmy Carter sai de Plaing (Georgia) a caminho de Washington para a série final de conversações sobre defesa e política externa, antes da sua investidura. Carter terá hoje à noite uma conferência preliminar com o seu conselheiro de política externa, Zbigniew Brzesinski, e amanhã terá todo o dia uma sessão com dirigentes da Câmara e do Senado. Na quinta-feira, Carter terá uma sessão privada com a comissão conjunta bs chefes de Estado-Maior para discutir o orçamento de Defesa e ficar inteirado acerca das propostas sobre novas armas.

Enquanto isto, Henry Kissinger declarou ontem à noite que Carter prosseguirá em relação à China a política seguida por Nixon e Ford e que honrará o chamado «compromisso de Xangai». Por sua vez, o primeiro-ministro belga, Leo Tindemans, dclarou ontem à noite à TV italiana que a Europa deve escolher alguém ao mais alto nível para se deslocar aos EUA, a fim de conferenciar com o presidente eleito Carter.

E.U.A. — AMÉRICA LATINA
Exemplos das "novas" relações

Poucos dias depois do quase ex-presidente norte-americano Gerald Ford ter cometido mais uma das suas costumeiras «gaffes», ao propor a pura e simples anexação de Porto Rico, e a nove dias da posse do novo presidente Jimmy Carter, de quem se diz que pretende melhorar as relações com a América Latina, com melhoria de condições para esta última, dois telegramas da EFE, transmitidos pela ANOP, demonstram outras tantas coisas: primeiro, que não é só Gerald Ford o grande ignorante das realidades ao sul do Rio Grande; segundo, que, pelo menos até o momento, os EUA continuam a encarar esta região do mundo como o seu «quintal», onde tudo pode ser resolvido com golpes militares, a ferro e fogo. Vejamos:

. O professor Alfredo De Grazia, da Universidade de New York sugeriu ontem numa carta ao importante «The New York Times» que os Estados Unidos devem convidar o Panamá para que se converta no 51.º Estado norte-americano. Por outras palavras: um professor universitário quer fazer a mesma coisa que Ford pretendia quanto a Porto Rico. De Grazia diz que «o milhão e meio de panamenhos têm uma forte base legal para as suas pretensões sobre o Canal e sabem ter sofrido uma discriminaçao racial, económica e nacional ao longo da história daquela via». Esquecendo que os panamenhos também sabem o que podem alcançar com a sua independência e com as reformas ultimamente postas em prática pelo Governo do general Omar Torrijos o insigne professor diz-se convencido de que o convite seria bem aceite, concluindo com genialidade: «Tanto os panamenhos como o Canal tornar-se-iam inteiramente norte-americanos e compartilhariam direitos iguais».

Como complemento deste manifesto de ignorância e colonialismo, a EFE noticia a seguir que o embaixador norte-americano na Guiana ameaçou pessoalmente o Governo progressista de Georgetown com o bombardeamento e a destruição do aeroporto desta capital se as tropas cubanas que se dirigiam para Angola continuassem a utilizá-lo como escala de abastecimento na sua rota para a África. A denuncia foi feita pelo conhecido escritor latino-americano Gabriel Garcia Marquez numa extensa declaração em que também denuncia a recusa da Texaco em vender gasolina para os aviões cubanos. Esta negativa obrigou os aparelhos da Força Aérea de Cuba a transportarem o seu próprio combustível para o ameaçado aeroporto de Georgetown. Esta gasolina, porém, «Por um incompreensível acidente», apareceu contaminada com água e resíduos, o que impediu a sua utilização.

Primeiro, a proposta para anexação de Porto Rico, depois, a possibilidade de um «convite» ao Panamá para se transformar na 51.ª estrela da bandeira norte-americana, por último, a ameaça de bombardeamento de Guiana fazem prever que, se realmente Carter quiser manter relações respeitosas, equitativas e cordiais com a América Latina terá, antes de mais nada de promover entre alguns dos seus compatriotas, «sessões de esclarecimento» sobre o que os povos latino-americanos pensam dos governos que já passaram pela Casa Branca. Feito isso, a tarefa do novo presidente dos EUA, nesse sentido, deverá continuar pela extirpação do secular conceito das «Repúblicas das Bananas», onde o «gringo» tudo pode e tudo faz, sem a mais leve oposição. Cada vez mais, e irreversivelmente os tempos são outros.

C.O.

Prisão de Daud em França provoca estado de alerta

Agentes de segurança da polícia francesa entraram em rigoroso estado de alerta, nomeadamente nos aeroportos e nas fronteiras, contra possíveis ataques de retaliação pela prisão do dirigente da OLP, Abu Daud. A vigilância é exercida, de modo particular, em torno de aviões franceses, israelitas e da RFA, para prevenir atentados bombistas e desvios. Nas fronteiras, todas as atenções estão voltadas para a detecção de possíveis membros de organizações guerrilheiras palestinianas que tentem entrar em território francês.

Ao mesmo tempo que estas medidas eram tomadas, o Governo da França ignorou virtualmente os protestos das nações árabes, exigindo a libertação de Daud. Ontem, embaixadores, representando todos os Estados da Liga Árabe, visitaram os Ministérios dos Negócios Estrangeiros e do Interior.

Michel Poniatowski, ministro francês do Interior procurou aliviar a pressão, dizendo que a iniciativa da prisão de Abu Daud fora tomada pela RFA. Entretanto, já está provado que o líder guerrilheiro foi detido antes da Alemanha Federal ter passado um mandato internacional para a sua captura.

À noite, a ORTF (televisão oficial), anunciou que era pouco provável que a França extraditasse Daud para Israel, como é o desejo já expresso pelo Governo sionista. Razão maior: o temor das represálias, que fatalmente viriam de modo violento e imprevisível.

Com excepção do comentário de Poniatowski, o Governo de Paris persiste na recusa de comentar o facto, sob cerradas críticas da Imprensa qe aponta para a falta de coordenação entre os serviços governamentais.

Em Bona a situação também não é fácil.

Funcionários dos serviços judiciais disseram que poderia ser necessário procurar provas do envolvimento de Daud nos acontecimentos de Munique, em 1972, no estrangeiro. Um deles notou que o mandato de caputra teria que ser passado logo após o ataque à Aldeia Olímpica, quando morreram 17 pessoas, se na altura dispusessem de provas. Acrescentou: «Agora, encontramo-nos numa aituação em que temos de provar o que realmente não sabemos».

Enquanto isso, em Israel, o Parlamento deverá apreciar hoje quatro moções pedindo que se processe a extradição o mais rapidamente possível, apesar das previsões afirmarem que esta solicitação não será atendida pela França.

Por fim, a alegação francesa de que Daud foi preso por entrar em território nacional com passaporte falso também caou por terra quando Ezzedine Kalak, representante da OLP em Paris declarou: «Informámos as autoridades francesas da data da chegada da delegação palestiniana, da sua residência e até s o licitámos protecção da polícia». Daud já declarou aos investigadores que o interrogam que nunca esteve na RFA.

Diligências em Madrid e agitação no País Basco

. Enquanto o Governo espanhol continua hoje as suas diligências para conseguir uma transição pacífica da ditadura para um regime democrático, uma nova onda de violencia alastra nas províncias bascas do Norte do país. Ontem, cinco pessoas, das quais dois polícias, ficaram feridas nos subúrbios do porto de Bilbau, durante a segunda noite de agitação em protesto pela morte de um rapaz de 15 anos, durante uma manifestação em favor da amnistia, há dois dias. Por outro lado, espera-se que trabalhadores da cintura industrial de Bilbau entrem hoje no seu segundo dia de greve em protesto pelos métodos que têm sido utilizados pela Polícia e que compreendem balas de borracha, bombas de fumo e gás e cassetetes, que são tuilizados indiscriminada e violentamente. A agitação no País Basco está inserida na campanha pela amnistia, que libertará 200 presos politicos, 150 dos quais, nacionalistas desta região.

Ontem o GRAPO assumiu a responsabilidade por um incidente num'a fábrica militar, nos arrabaldes de Madrid, quando três guardas da empresa foram feridos a tiro após uma mal sucedida tentativa para conseguir que os operários que lá trabalham aderissem a uma greve em favor da amnistia.

No terreno político, primeiro encontro formal entre o Governo de Suárez e os membros da delegação oposicionista é realizado esta tarde e nele serão tratados, como assuntos iniciais, as medidas para a libertação de todos os presos e para o reconhecimento de todos os partidos. Ao mesmo tempo, as Cortes, em que a maioria dos deputados foi nomeada por Franco, debaterão os planos para desmantelar definitivamente a organização sindical oficial, que foi um dos pilares onde esteve assente o poder do «Caudillo».

Sobrinha de Mao atacada em jornais de parede

Jornais de parede hoje surgidos em Pequim lançam violentos ataques contra uma sobrinha do falecido presidente Mao, Wang Hai-jung informam círculos da capital chinesa.

Wang desempenha o cargo de vice-ministro dos Negócios Estrangeiros e estava habitualmente presente nos encontros que Mao manteve com dirigentes estrangeiros nos últimos anos de vida.

Considerada como membro do «Grupo Chu», Wang foi vivamente saudada em Outubro último, quando surgiu numa manifestação contra o «Grupo dos Quatro».

Desconhecem-se ainda todavia pormenores sobre as acusações que lhe são formuladas, as quais constituem uma surpresa para observadores diplomáticos em Pequim.

Entretanto, cerca de um milhão de chineses concentraram-se ontem pelo terceiro dia consecutivo na Praça Tien An Men em manifestações de homenagem ao falecido primeiro-ministro Chu En-lai e de ataque a actuais dirigentes. As autoridades chinesas não fizeram qualquer esforço para impedir as manifestações. Segundo o jornal «Yomiuri», a Polícia que guardava o local da construção do mausoléu de Mao Tsé-tung não estava armada.

O número de figuras políticas criticadas nos jornais de parede elevou-se ontem a cinco, quando o nome do antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, Chiao Kuan-hua, neles surgiu pela primeira vez acrescentam as notícias publicadas pela Imprensa japonesa. Chiao foi acusado de estar ligado ao «Grupo dos Quatro», chefiado pela viúva de Mao Tsé-tung, Chiang Ching.

Também o ministro da Saúde Pública, senhora Liu Hsiang-ping, foi violentamente atacado. Um jornal, assinado por membros do pessoal do respectivo Ministério afirmava que Liu merecia «morrer 10 000 vezes».

Outras figuras criticadas nos três dias de manifestações foram Wu Teh, presidente do Comité Revolucionário de Pequim, o vice-primeiro-ministro e comandante da Região Militar de Pequim, Chen Hsi-lien, e Ma Hsaiao-lin, encarregado das milícias locais e dos batalhões dos arredores da capital.

Por outro lado, o primeiro secretário do Partido Comunista da província do Kuantung, Wei Kuo-ching, revelou que agentes da viúva de Mao tinham procurado derrubar as autoridades desta província e convidou a população a lutar contra um punhado de partidários impemitentes. Segundo a Rádio Cantão, captada em Hong-Kong, Wei fez estas declarações numa conferência agrícola em Cantão, acusando o «Bando dos Quatro» de ter tentado semear o caos na província, ao lançar rumores desfavoráveis à direcção provincial e central do partido.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

Espectáculos

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

"Voando sobre um ninho de cucos"

de Milos Forman

FICHA:
Título original: One Flew over the cuckoo's nest
Realização: Milos Forman (USA-1975)
Argumento: Lawrence Hanben e Bo Goldman, **segundo romance de** Ken Kesey
Fotografia: Haskell Wexler e Bill Butler
Música: Jack Nitzsche
Cenários: Edwin O' Donvan
Montagem: Richard Chew
Interpretação: Jack Nicholson (Randal P. MacMurphy), Louise Flecher (enfermeira Ratched), William Redfield (Harding), Michael Berryman (Ellis), Will Sampson («grande chefe» Bromden), Peter Brocco (Matterson), Brad Dourif (Billy Bibbit), etc.
Distribuição em Portuga:: Rank
Cinemas: S. Jorge e Quarteto
Classificação: Não aconselhável a menores de 18 anos
Duração: 125 minutos.

Poucas vezes, no cinema, um filme terá atingido um tão alto grau de fascinação e provocado um tal desejo de escrita como neste caso. Escrita que dirá, se o souber, como essa fascinação é exemplar contraponto de contrários, repulsa e atracção fundidas em tempo de cinema, perturbação acima de tudo.

Não estamos, como pode parecer, num filme que aborde problemas psiquiáticos, que discuta terapias, que esteja por ou contra este ou aquele método, sequer que denuncie uma qualquer situação concreta num hipotético estabelecimento hospitalar. Não é por esse lado que este filme cresce e se afirma e analisá-lo segundo esse ângulo é provocar-lhe uma evidente castração. Do que este filme fala é de algo mais profundo e mais antigo, ancorado, se quisermos, na eterna repressividade de todas as Ordens, na recuperação fatal de todos os que de algum modo, a perturbam. E naturalmente, docemente, perenemente...

De Milos Forman é sabida a sua predilecção pelos microcosmos autoconsistentes, em forma de parábola, a sua qualidade de saber fazer surgir a crueldade de uma aparente bonomia, por vezes ultrapassando mesmo os fluidos limites entre o olhar que constata e aqueloutro que violenta.

Neste filme é isso mesmo que importa. Fazer com que subam à superfície as relações de violência que um primeiro e breve olhar não perceberia. Transmutar um universo limpido e suave, de música branda e cores deslizantes e neutras, numa qualquer angústia que cresce entre os poros de um filme que nunca abandona, na sua própria construção, um carácter deliberadamente doce, um humor que breve será esgar; a violência do autor está quase só nessa permanente proximidade dos rostos, nesse desvendar adiado, nesse centrar-se sobre as pessoas que evoluem no seu limitado espaço intemporal.

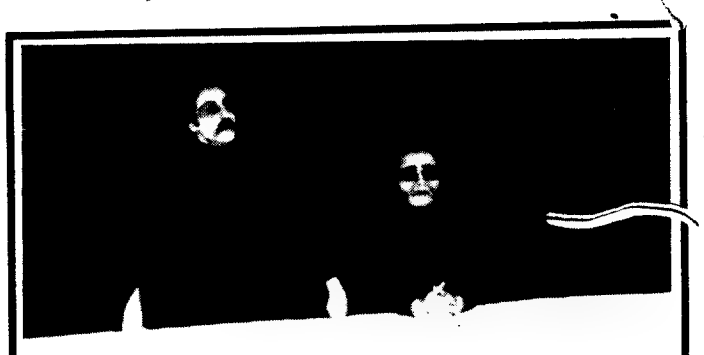
Dois factores essenciais: a não marcação de um quotidiano que tão só tem duração porque ciclicamente se repete e porque há algo que muda, a actuação do personagem central (Jack Nicholson); um espaço que é fechado e portanto obsessivo. Mundo com regras que a maioria voluntariamente assume e aceita, presa de uma lógica que é já interiorizada e portanto quase inamovível, sob o olhar materno-castrador da única importante personagem feminina: a enfermeira Ratched (Louise Fletcher).

O sexo é, de resto, um dos assuntos fulcrais do filme; sexo recalcado, adiado, para lá da máscara de equilíbrio (logo será insuportável) de Ratched, dos fantasmas femininos que vagueiam pela memória dos personagens, das duas amigas de MacMurphy que este introduz no hospital e que desencadeiam a impensável libertação, logo regularizada. Libertação que não haverá para o herói mas apenas para aquele que soube crescer por dentro, compreender, ganhar forças para agir. A libertação não se oferece, conquista-se.

Claro que este universo concentracionário, quiçá Kafkiano, não é o de uma instituição mas da grande instituição que é qualquer sociedade conhecida. O espaço **off** é apenas do domínio do desejo, que Forman afirma possível atingir, não do domínio de um preexistente real. É por isso que se nos afigura destituído de qualquer fundamento acusações do género que afirmam não fazer este filme uma análise do que **se passa no espaço off. A razão é que ele não existe senão no domínio das hipóteses. O off** é o reino da libertação, do mito, do prazer lúdico, da verdadeira vida e não o do real quotidiano que vivemos. O quotidiano é lá dentro, é a angustia e o medo, a castraçao e a caridade, a recusa do risco e a inibição do prazer.

Ou seja, o nosso próprio quotidiano de miséria, a nossa segurança vigiada, que é urgente reconhecer neste **écran**.

A imagem não é lisonjeira, possamos nós olhá-la de frente e a direito.



Semana de Luta dos Grupos Independentes

Mais de 20 grupos de teatro independente escolheram esta semana para divulgar junto do público as razões por que recusaram a política cultural da Secretaria de Estado da Cultura, tendo anunciado ontem, no decurso de uma conferência de Imprensa a série de actividades culturais previstas.

A semana termina no Domingo com uma festa na Feira das Indústrias a partir das 15 horas. Até lá a Comuna, representará, na sua sala «A Ceia» (na foto), no dia 13; «Fogo», 14; «O Muro», 15; A Cornucópia, no Teatro do Bairro Alto, «O Treino antes da Corrida», nos dias 13, 14 e 15; «A Barraca», no Trindade, «História de Fidalgotes e Alcoviteiras», nos mesmos dias; Casa de Cultura da Margem Sul, «A Excepção e a Regra», em Moscavide, nos dias 14 e 15; Teatro Hoje, «O Equívoco», na Casa da Comédia, nos dias 13, 14 e 15; Os Cómicos, no Teatro do Bairro Alto, «Do Teatro do Bairro Alto aos Cais do Sodré»: a 13, 14 e 15; Teatro Popular de Almada, «A Grande Jogada», na Academia, nos mesmos dias: O Bando, em Moscavide, apresentará «O Pastor», no dia 15; A Cooperativa Rafael de Oliveira, o espectáculo «História com Grades», no Capricho Moitense, no dia 13; no Teatro Alhandrense, 14; e nos Bombeiros Voluntários do Cadaval, no dia 15; finalmente, o Teatro Estúdio de Lisboa, representará, no Vasco Santana, «O Escritório», nos dias 13, 14 e 15.

GRUPO TEATRO HOJE

Amanhã — ESTREIA

o equívoco de albert camus

Carlos Fernando
Elisa Lisboa
M.ª Jesus Aranda
Mário Viegas
Marta Ribeiro
ENCENAÇÃO
Gastão Cruz
CENARIO E FIGURINOS
José Rodrigues
NA CASA DA COMÉDIA
Rua S. Francisco de Borja, 24 Telef. 687291
Todas as NOITES às 21.45
SÁBADOS MATINÉES às 16h.
DOMINGOS SESSÃO UNICA AS 18 HORAS
Descanso semanal às 2.ªs feiras
M/ aconselhável a menores 13 anos

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
Diariamente às 21.30 h.
O Muro
Inspirado nas aventuras de «JOÃO SEM MEDO», de José Gomes Ferreira
5.ª FEIRA — «A CEIA»
6.ª FEIRA — «FOGO I»
Integrados na semana de LUTA DE TEATRO
PREÇO ÚNICO - 40$00
Condições especiais
PRAÇA DE ESPANHA
METRO: PALHAVÃ
Telefone 76 26 24

MARIA VITÓRIA
TELEF. 36 17 40
• HOJE E TODOS OS DIAS •
2 SESSÕES: AS 20.30 e 22.45 H.
Aos DOMINGOS e FERIADOS «MATINÉES», às 18 horas
- ÀS 2.ªs FEIRAS: DESCANSO -
UM ÊXITO!
A MELHOR REVISTA DOS ÚLTIMOS ANOS!
A NOVA PLURALIREVISTA
Não acons. m/18 a.
O BOMBO DA FESTA!
A atracção japonesa • YUKIE •

IVONE SILVA
em
«Angústia para o jantar»
UM POPULAR ELENCO, COM:
SALVADOR • HENRIQUE SANTANA • LYGIA TELLES
À frente de muitos outros e de Um Corpo de Baile Internacional

Os 16 paradoxos de Manuela de Azevedo

CARLOS PORTO

Tivemos oportunidade, antes e depois do 25 de Abril, de conviver com Manuela de Azevedo que faz crítica de teatro, bailado e artes plásticas no «Diário de Notícias». Nada temos a dizer em relação a esse convívio, embora superficial, quer nas boleias que nos concedeu nas idas à província para ver teatro, quer nas reuniões da Comissão Consultiva para as Actividades Teatrais. Poderemos dizer, em resumo, que considerávamos Manuela da Azevedo uma pessoa séria, não podendo deixar de lamentar sermos obrigados a usar o verbo passado. Vamos dizer porquê colhendo em escritos que recentemente publicou as nossas razões.

Para se entender o que remos dizer é preciso ter em conto o facto de Manuela de Azevedo ter pertencido, como já referimos, à C.C.A.T. a cuja acção se deve o que podia vir a ser a verdadeira arrancada do teatro português se outras forças a isso não se opusessem. Vejamos então os paradoxos de Manuela de Azevedo que escolhemos em função das contradições que enformam as suas afirmações:

(1) «Um agrupamento que resistiu à censura e aos subsídios dos governos de Salazar e Caetano não pode ser vencido por uma crise económica profunda, é certo, mas dentro de uma sociedade em **que os trabalhadores de Lisboa e da cintura industrial ou não, ganham muito mais.**» **in** «Carta aberta às directoras do Teatro Estúdio de Lisboa» 11/12/1976.

Aqui deixamos a resposta aos trabalhadores...

(2) «Não há dinheiro, é certo, o gonçalvismo esvaziou os cofres do Estado (idem).

E os subsídios para o Maria Matos e para o S. Luís. E os 95 mil contos para o novo edifício da Cultura?

(3) «A Luzia Maria Martins e a Helena Félix têm tomado atitudes políticas que eu repudio (falo de atitudes e métodos, respeito ideologias).» (Idem).

Mas então as atitudes e os métodos daquelas artistas não estiveram de acordo com a sua ideologia? E que atitudes e que métodos?

. (4) «Mas eu pergunto que razões terão levado uma grande companhia histórica e de grandes responsabilidades a vincular-se a **movimentos revolucionários aventureiristas e de extrema-esquerda, como é o caso da AGIT...**» (Idem).

A Associação de Grupos Independentes de Teatro — que reúne a quase totalidade dos grupos de Lisboa — é um movimento revolucionário aventureirista e de extrema-esquerda? Então uma calúnia desta jaez pode admitir-se?

. (5) «Bem sei que a certa altura da vossa companhia, fazendo um acto de contradição se revelou contra certa crítica que em lugar de apreciar o vosso teatro pelo seu grau de qualidade, traindo a sua missão de criticar, atraiçoando, pois, a sua dignidade de críticos, passou a dizer mal dos vossos espectáculos não porque fossem piores mas porque Mao Tsé-Tung ainda não tinha morrido e os senhores de Moscovo ainda não tinham tentado de novo a reconciliação agora à vista...» (Idem).

Aqui, a articulista do «Diário de Notícias» mete-se connosco, embora usando um subterfúgio. Dirigindo-se a Luzia Maria Martins e a Helena Félix o facto não deixa de ser cómico pois foi exclusivamente a este crítico que aquelas artistas se dirigiram. Como é possível que a «política», a partidarite, o estalinismo de que tantos socialistas e outros políticos situados mais à direita dão constantemente provas, ceguem a este ponto? Pelas palavras de M.A. fico a saber que ao criticar «Fashen» traí a minha missão de crítico, ou seja, a minha dignidade, e isto porque Mao Tsé-Tung ainda não tinha morrido e os senhores de Moscovo (de quem recebo ordens por um intermédio de um telefone vermelho) ainda não tinham tentado de novo a reconciliação agora à vista (!) Isto é de rir ou de chorar?! Como hei-de convencer as Manuelas qua andam por aí que o crítico não recebe ordens de ninguém, nem ninguém pretende dar-lhe ordens? E depois como concliar a minha crítica com as atitudes de Luzia Maria Martins que M.A. denuncia? Que grande confusão...

(6) «Mas a rarefacção a que a AGIT quis sujeitar os outros acabou rarefazendo-se a si própria». (Idem)

Que rarefacção? A quem?

(7) «Quando o teatro é bom e se integra nas grandes coordenadas da vida do coração e do pensamento, o público, com o seu instinto quase divinatório, acorre e aplaude...» Então se o público acorre quando teatro é bom e M.A. acha que o T.E.L. faz bom teatro como é?

. (8) «O grande público há-de esquecer-se que o Vasco Santana foi eleito pelos MUTIS para as suas sessões, que GDUPS e outros esquerdinos elegeram o Vasco Santana seu novo feudo soprado do Alentejo; os críticos afectos ao PC ontem os incensavam e hoje vos anatemizam, acabarão por se esquecer da sua vocação instrumentalizadora — e retomarão o seu papel de honestos críticos». (Idem)

. O grande público foi alguma vez ao Vasco Santana, a não ser em sessões esporádicas organizadas para o efeito? Então é por causa do MUTI que o grande público não vai o Vasco Santana? E que tem o grande público (e a D. Manuela) contra o MUTI? Então que conceito de liberdade é esse? É a que vêm os GDUPS? Quando elegeram eles o Vasco Santana seu novo feudo sprado do Alentejo(!)? E como se atreve a afirmar que os críticos afectos ao P.C. deixaram de ser honestos. Somos, na verdade, demasiado honestos para lhe respondermos como merece.

(9) «A companhia (Os Cómicos) tem todas as condições para ser subsidiada e não se sabe porque há-de uma atitude demagogicamente política ser solidária com quem fizer da anarquia um lema destinado a agredir o povo com teatro que através de eleições, a todos os níveis, já demonstrou repudiar.» **in** «Do Teatro ao Cais de Sodré» e o mais que adiante se lerá...» 16-12-1976.

Expliquem-nos este embróglio: aqui está uma companhia que tem todas as condições para ser subsidiada mas não o é (porque subsídio sem pagamento da folha de companhia é ludíbrio) **mas assume uma atitude demagogicamente solidária, quando é o destino do próprio grupo que está em jogo?!**

. (10) «Há quem deseje fazer teatro para minorias? Pois, que o faça. Não há censura, não há forças repressivas que o impeçam. Mas não se exija da bolsa da maioria do povo — a que é canalizada através de impostos e contribuições — o pagamento de **um** teatro que ele não deseja ver. **Quando muito, exijam-se subsídios proporcionais aos próprios resultados eleitorais...**» (Idem)

. Este pedaço realmente dispensa comentários: a sua clareza é total. Então a frase final é uma maravilha: ficará certamente como um dos grandes ditos de ano. Daquele género só o Thomaz...

Continua na pág 15

Televisão

Canal da Crítica

Mário Castrim

AS GRANDES RASTEIRAS E A GRANDE JOGADA

Nos últimos meses, a subserviência da Televisão Portuguesa face aos poderes constituídos assume aspectos variados. Um deles consiste na vantagem que lhes concede de serem os últimos a falar. Deste modo, a imagem e as palavras com mais possibilidades de ficar na retina e na memória dos espectadores é a do ministro, do secretário, do subsecretário, enfim, de qualquer tário.

A Televisão foi ouvir a propósito disto ou daquilo, um trabalhador, um dirigente sindical, um cooperativista. Logo a seguir mete entrevista com o ministro ou responsável do sector visado e lá vem a *informação*, o *esclarecimento*, o *desmentido*. É natural que os senhores ministros ou secretários não considerem isto manipulação. É natural...

Ontem assistimos a mais uma violência nesta cadeia de violências.

A propósito da situação criada aos grupos independentes de teatro pela política da Secretaria da Kultura (se isto é assim quando é Secretaria, que fará quando for Ministério...) a qual teve por consequência a paralisação da actividade de teatro não comprometido com a degradação, o *telejornal* apanhou o depoimento de Morais e Castro.

O qual, como não podia deixar de ser, protestou contra tal política e apontou como imediata consequência dela o desemprego para 300 trabalhadores do teatro. Tal política explicou compreender-se-á, em toda a sua fraudulenta actuação, se imaginarmos que o Estado, em relação aos hospitais, apenas subsidiaria o aluguer do edifício e a compra do material e deixasse a sobrevivência dos médicos, dos enfermeiros, do restante pessoal, por conta das senhas compradas pelos doentes.

Se se souber que os salários dos trabalhadores do teatro representam 80 por cento do total dos encargos, entende-se melhor o alcance da machadada disferida pela Secretaria da Kultura.

A RESPEITO DE SUBSÍDIOS

Ora aconteceu que nem de propósito o secretário da Kultura deu conferência de Imprensa, ou coisa parecida. Ora aconteceu que o *Telejornal* foi ouvi-lo. Ora aconteceu ainda que lhe apanhou, do discurso, a parte em que Sua Ex-Celência respondia exactamente à questão dos desempregados.

Sua Ex-Celência, que não, que desempregados, nada; que falar-se em desemprego era andar na *mare alta da mais descarada demagogia*. Esta imagem de pescador de águas turvas fundou-a ele no seguinte raciocínio: não há ameaça de desemprego, e porquê não há ameaça de desemprego? *Pela simples razão de nunca ter havido emprego. Subsidiar não e empregar...*

Mas vamos lá a saber. Sua Ex-Celência exerce uma função de dirigente, perdão!, de dirigente kultural. Entre os móveis da sala da kultura Sua Ex-Celência é mesmo considerado um dos trastes mais valiosos. Que me conste, o Estado não lhe subsidia as secretárias, o papel higiénico e outro que aproveita para uns restos de inspiração e expiração: o Estado também lhe paga, a ele, secretário; a ele, o Estado paga-lhe a guitarra e as unhas. Paga-lhe até para dar a imagem pública de que tem as unhas limpas.

O teatro exerce uma acção cultural. Um país sem teatro, faz-se ideia da monstruosidade? Como a música, por exemplo. Ora sabe-se que o teatro e a música não são actividades lucrativas. Como o não é a assistência social como o não é a instrução, como o não são a Rádio e a Imprensa. Cortar os subsídios para salários corresponde, na prática, a cortar toda a actividade imprescindível a uma correcta organização social. Admite-se que os subsídios tenham como contrapartida a satisfação de determinadas condições de ordem laboral. Eliminá-los, porém, não é solução adequada. A menos que se pretenda acabar com todas as veleidades de uma verdadeira cultura teatral.

Será isso então o que se pretende?

ASSIM SE JOGA

Quando morre o teatro, morre muito mais do que um simples divertimento: morre uma poderosa arma para o conhecimento do homem e da sociedade.

O teatro falado em português parece ter morrido na televisão. Agora só lá vai do estrangeiro. Grandes autores, grandes actores, grandes pri-

Continua na pág. 18

Os 16 paradoxos de Manuela de Azevedo

Continuação da pág. 14

Uma coisa desejamos perguntar: o facto do «Diário de Notícias» receber avais do Estado quer dizer do Povo diz alguma coisa à sr.ª D. Manuela? A D. Manuela não sabe que o teatro, e todas as artes, são feitos necessariamente, e enquanto não houver uma completa transformação da sociedade, para minorias? Arre, que é saber muito pouco.

(11) Efectivamente, se encaramos as actividades teatrais... logo se entende como os seus reportórios e objectivos tinham apenas a desagregação da sociedade portuguesa, portanto, levar a Revolução até às últimas consequências que abrissem o caminho a uma ditadura de esquerda era fundamentalmente a intenção desse teatro...» in «Muita parra e muita fervura para água estagnada» 1/1/1977.

Eis as acusações não fundamentadas... Que pena que não tivessem sido feitas na altura isto é, nas reuniões da C.C.A.T. da qual, como já dissemos, M.A. fazia parte.

(12) «Com profunda decepção, pois, poderia concluir-se que o 25 de Abril não serviu o teatro e a abolição da censura não foi utilizada com a finalidade de alertar o público para novas formas da cultura. Em suma não vai hoje ao teatro mais gente do que ia. E isto porque, em lugar de se seguir uma política de captação, de sedutor aliciamento, se preferiu agredir o espectador em potência, até ao fundo das suas crenças, dos seus fetiches, dos seus costumes, da sua moral e das suas tradições.» (Idem). Aí isto poderemos responder que não há, por ora, estatísticas, que permitam garantir afirmação de que hoje vai mais gente ao teatro de qualidade do que ia antes do 25 de Abril, embora estejamos convencidos disso. O êxito do «Círculo de Giz Caucasiano» é para nós uma prova. Quanto às restantes afirmações são mera repetição de coisas já ouvidas a pessoas que estão perfeitamente fora disto e nada mais fazem do que propaganda anti-revolucionária. Para nós, que as vimos, as lágrimas derramadas pelos trabalhadores de uma aldeia de Trás-os-Montes, onde nem sequer chega a televisão, essas lágrimas de despedida de um desses espectáculos a que M.A. se refere valem por todas as palavras de ódio e de mentira.

(13) «Mas se os grupos e companhias optarem por uma óptica partidária — como exigir do Governo que este lhe pague, sem fiscalização, sequer, as armas com que o teatro pretende agredi-lo?» (Idem) . Será óptica partidária fazer Brecht ou Sean O'Casey, José Gomes Ferreira ou Gil Vicente, Kroetz, ou Maquiavel, Molière ou Hável»?

E quem disse à D. Manela que os grupos não queriam ser fiscalizados?

..(14) «Há, pois, que pedir à Secretaria de Estado (da Cultura) uma revisão mais realista do problema (até porque não pode pagar o justo pelo pecador) e às companhias e grupos uma não menos realista visão da realidade. Esses grupos atingidos, que insultam a Secretaria e o secretário da Cultura, acusando-os de querer aplicar uma forma de pressão ou de censura, são os mesmos que há um ano, na rádio, na televisão, nos palcos, nas salas de conferências exigiam a nacionalização do teatro, com o seu consequente «contrôle» do Estado. Assim, com o teatro todo nacionalizado, só a linha seguida pelo Estado podia ser representada». (Idem).

Não é verdade que os grupos exigissem a nacionalização do teatro. O problema foi levantado em vários sítios e por várias pessoas pela simples razão de que estamos num País livre e os trabalhadores têm o direito de discutirem os problemas que lhes dizem respeito e de proporem as soluções que acharem mais justas. E não é verdade que a nacionalização do teatro representasse, na óptica daqueles que a defendiam e defendem, o seu controlo pelo Estado. São invencionices.

(15)... «José Viana «ressuscita», já neste fim de época, para um público muito particularmente seu (na sala da Incrível Almadense, muito burguês e capitalistamente alcatifada para o efeito...) O Teatro Experimental de Cascais dá-nos um irónico e inesperado Brecht, com a «Ópera de Três Vinténs»... (Idem)

. Bem 1 — José Viana reapareceu não na Incrível mas na Academia Almadense... 2 O teatro foi arranjado à custa e pelos trabalhadores... Os trabalhadores têm direito ao conforto da alcatifa (ou julga que são só os burgueses que têm esse direito?). 3 — Então um crítico de teatro diz que a «Ópera de Três Vinténs» é um Brecht inesperado?!

(16)... «O comportamento do Teatro da Cornucópia que a par de alguns espectáculos de bom nível (por exemplo «Ah K») se aplica a uma campanha demolidora das actividades teatrais a que leva atreladas outras companhias e nada têm a ver com a política do espectáculo, antes com o espectáculo da política...» (idem).

Com que então o Teatro da Cornucópia é que é o vilão da história e os outros grupos limitam-se a segui-lo como cãezinhos atrás do dono?! Espantoso, positivamente. Esperamos que os outros grupos respondam como é devido.

Gastâmos algum espaço com Manuela de Azevedo por nos parecer tratar-se de um caso exemplar. Não há dúvida: a Política é também uma Ética. Para terminar só queremos fazer um pedido: gostaríamos que D. Manuela de Azevedo comparasse o actual Conselho Sectorial do Teatro (sob a égide do Governo socialista) com a Comissão Consultiva para as Actividades Teatrais do tempo do impropriamente chamado gonçalvismo...

teatro do bairro alto
R. Tenente Raúl Cascais 1-A (ao Rato)
Tel. 66 15 15. 66 92 05
teatro da Cornucópia
O treino do campeão antes da corrida
de Michel Deutsch
SÓ ATÉ 22
Todas as noites às 21.45
Domingos, às 18 e às 21.45 horas
Descanso à 2.ª feira
M. 18 anos

2 SALAS
2 ESPECTÁCULOS
Os Comícios
APRESENTAM
«Do Teatro ao Cais Sodré»
de JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA
Encenação de FERNANDO HEITOR
TODAS AS NOITES
às 21.45 horas

Hoje

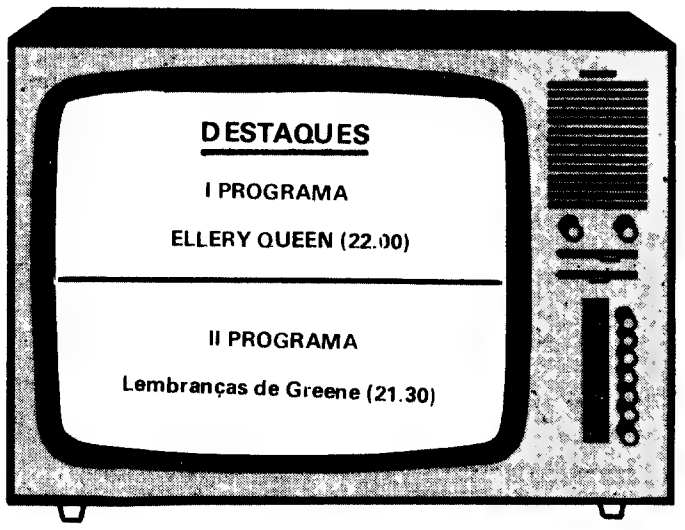
Ellery Queen

I PROGRAMA

13.30 **Ciclo Preparatório TV**
18.05 Fecho
2.º Período
18.30 Abertura e **Ratos Ratolas e Diário das Fábu as.**
19.00 **Peço a Palavra** Crianças «debatem» alguns temas.
19.30 **Inglês a Sorrir**
20.00 **Telecinema** Magazine de Actualidades Cinematográficas
20.30 **Telejornal** 1.ª edição.
21.05 **Momento Político** Programa da Secretaria de Estado da Comunicação Social.
22.20 **Ellery Queen** «A aventura do Cão Chinês» (2.º episodio)
Ellery Queen e o inspector vão pescar para uma aldeia isolada. Mas mesmo aí ocorre um assassínio, e a fama dos dois detectives faz com que um dos candidatos ao lugar de xerife da terra tente metê-los na investigação do caso.
22.15 **Programa da Direcção de Informação**
23.05 **Telejornal**
23.25 Fecho

II PROGRAMA

20.30 **Telejornal**
21.00 **Documentário**
21.30 **Lembranças de Greene** Baseada na obra de Graham Greene.
22.25 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

1.º Período

13.30: Ciclo Preparatório TV. **18.05**: Fecho.

2.º Período

18.30: Abertura e Sapatinhos de Ballet. **19.00**: Abre-te Sésamo **19.30**: Ligeiríssimo — Festival da Canção José Cheta, Teatro Monumental e Teatro da Almada. **19.50**: Vamos jogar no Totobola. **20.00**: «A National Gallery». **20.30**: Telejornal 1.ª edição. **21.05**: Musica e silêncio. **21.40**: Mocambo filme produzido em 1954 de John Ford com Clark Gable Ava Gardner e Grace Kelly. **23.50**: Telejornal 2.ª edição. **00.05**: Fecho.

II PROGRAMA

20.30: Telejornal. **21.00**: Teatro Estudio de Vózef Szauna. **21.50**: O Homem e a música Verdi. **22.55**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Geral

REITOR NO 24 DE ABRIL

Cotelo Neiva reintegrado na Universidade de Coimbra

COIMBRA, 11 — Várias reuniões plenárias na Academia de Coimbra estão previstas para esta semana com o objectivo fundamental de discutir a situação criada pelo funcionamento dos Conselhos Científicos e pelo regresso dos professores saneados.

Estão já marcados plenários da Faculdade de Ciências e Tecnologia, hoje, e da Faculdade de Medicina, na quarta-feira. A Assembleia Magna para debate dos mesmos pontos foi fixada para quinta-feira.

Recorde-se a propósito dos saneados que foram reintegrados na Universidade de Coimbra ao abrigo do artigo 320.º da Constituição (que fixava o dia 31 de Dezembro como termo da instrução dos processos a cargo da Comissão de Saneamento e Reclassificação que, contudo, os não concluiu nem tão-pouco propôs quaisquer sanções) que entre eles se contam os drs. Joaquim Miguel Júdice (Direito), Cotelo Neiva (reitor ao tempo de 24 de Abril de 1974) Simões Redinha (director da Faculdade deCiências na mesma data) e Pinto Coelho (estes últimos da Faculdades de Ciências).

Estes regressos de velhos dignatários do fascismo foram aliás, objecto de uma nota recente do Conselho de Ministros.

ESTRUTURAS UNIVERSITÁRIAS EXIGEM REABERTURA DA ISCP

Reuniram-se em Coimbra 31 estruturas universitárias Comissões de Escola e Associações de Estudantes na sequência de anteriores encontros das estruturas dos estabelecimentos de ensino superior que estiveram na base da demissão colectiva apresentada há tempos pelos antigos Conselhos Directivos.

Em análise e debate esteve a actual situação nas Faculdades do País, situação decorrente da recente publicação pelo MEIC e ratificação pela Assembleia da República do decreto de gestão. Conforme foi determinado logo no início do debate as resoluções não teriam carácter deliberativo ficando marcada uma próxima reunião nacional nos fins de Janeiro.

Foi, no entanto, aprovada uma moção em que as estruturas presentes exigem a reabertura do ISCP e o abandono da Faculdade por parte das forças policiais.

Em ALCÁCER DO SAL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ SADO

Resposta do dr. António Maria Pereira ao dr. Luiz Francisco-Rebello

Recebemos do dr. António Maria Pereira a seguinte carta em alegada resposta a uma entrevista que recentemente nos concedeu o dr. Luiz-Francisco Rebello:

«Em entrevista publicada no «Diário de Lisboa» de 14 de Dezembro de 1976, o dr. Luiz Francisco-Rebello, presidente da Sociedade Portuguesa de Autores, refere-se a mim em termos caluniosos que atingem a minha reputação.

Quanto à matéria de fundo da entrevista, respeitante à problemática do direito de autor em Portugal, noutro local demonstrarei a total falta de fundamento das afirmações do dr. Luiz Francisco-Rebello; não posso, porém, desde já, deixar passar em claro, as insinuações injuriosas deste senhor, razão por que, ao abrigo da Lei de Imprensa, solicito a V.Ex.ª a publicação deste carta.

Quando, há dias, representei o Governo português, na Reunião do 2.º «Comité» de Peritos Governamentais que, sob o alto patrocínio da UNESCO e da Organização Mundial da Propriedade Intelectual, se reuniu em Paris para discutir a dupla tributação em matéria de direitos de autor, um alto funcionário da UNESCO veio ter comigo antes do início das reuniões, perguntando-me se eu me importava de tomar desde logo a palavra para propor para a vice-presidência do «Comité» os chefes da delegação da União Soviética o vice-ministro das Finanças deste país, senhor Maslennikov da Líbia e do Japão. E acrescentou: «peço-lhe isto porque Portugal é actualmente um dos raros países, que, pelo seu prestígio internacional conquistado graças à Revolução de Abril, pode formular esta proposta sem risco de objecções políticas de qualquer outro país». E, rematando, com um sorriso, o meu interlocutor, acrescentou: «se tivesse sido antes do 25 de Abril, nunca lhe pediria isto e não sei sequer se o «Comité» consentiria na sua presença aqui...».

Respondi que, como representante do Portugal democrático e anticolonialista do pós-25 de Abril, me sentia orgulhoso pelo pedido que me era feito; e acrescentei que antes do 25 de Abril não havia qualquer hipótese de me ter sido feito pedido semelhante pela razão muito simples de que sempre me recusei a representar internacionalmente o Portugal salazarista-caetanista das P.I.D.E.'s, das censuras e da guerra colonial.

Há, porém, quem, antes do 25 de Abril não tivesse esses pruridos.

Quanto aos diplomatas de carreira, que, por força das suas funções, tinham de suportar os vexames e humilhações que nos areópagos internacionais lhes eram inflingidos que remédio, são os ossos do ofício...

Mas nunca compreendi que, de cara alegre, certas pessoas se prestassem voluntariamente a esse «frete». Um desses «caras alegres» é o muti-ilustre Luiz Francisco-Rebello, presidente da Sociedade Portuguesa de Autores, o qual, acolitando o professor Oliveira Ascensão que ele agora trata por «técnico fascista hoje no Brasil» defendia no campo de direito de autor, e para além ainda do que aquele professor sustentava, a posição colonialista portuguesa.

Isto porque à Sociedade Portuguesa de Autores, que o dr. Rebello representava, convinha continuar a cobrar direitos de autor nas nossas ex-colónias tal qual como às sociedades monopolistas interessava continuar a exploração colonial que todos conhecemos. Assunto este que, se necessário, poderei desenvolver.

É portanto, o esforçado e voluntário representante internacional da ditadura fascista-colonialista anterior ao 25 de Abril, dr. Luiz Francisco-Rebello, quem se permite agora afirmar, a respeito do signatário que «a sua visão pessoal do 25 de Abril (que o levou a Caxias em consequência do golpe contra-revolucionário de 28 de Setembro) não lhe permitem, evidentemente, a leitura correcta de uma Constituição progressista».

Sobre as razões da minha passagem por Caxias já as esclareci publicamente no meu livro intitulado «A Burla do 28 de Setembro», cujo texto foi recentemente confirmado em toda a linha no relatório, que, por resolução do Conselho da Revolução, foi elaborado acerca das violências e sevícias sobre presos políticos, e cuja publicação escandalizou a Nação (com excepção, ao que parece, do muti-ilustre dr. Rebello).

Nesse relatório se diz, designadamente a respeito das prisões do 28 de Setembro, o seguinte: «E, pois, necessário concluir que as prisões do 28 de Setembro se efectuaram sem motivação criminal, à margem de qualquer finalidade processual e sem preocupação de legalidade. O 28 de Setembro constitui, assim, a data chave em que verdadeiramente se inicia o ciclo da violência e da arbitrariedade, pelo abandono das finalidades revolucionárias de garantia de direitos e de criação de um Estado legal e pela criação de um aparelho repressivo com poderes extremamente latos e indefinidos...

Apesar de terem sido presas cerca de trezentas pessoas, não foi, ao que parece, instaurado um único processo criminal, e nem sequer foi entregue qualquer queixa ou acusação a algum serviço regular ou especial da Promotoria da Justiça. *Trata-se, pois, de um acto de violência colectiva*, cuja amplitude delineada era aliás muito maior, pois centenas de pessoas fugiram e muitas outras não foram encontradas em casa, o que fez com que fossem naturalmente esquecidas».

E em preâmbulo ao Relatório, lê-se em nota da Presidência da República: «Este relatório é pois um escândalo. Patentia a vertigem ou a antecâmara do Estado totalitário moderno onde as prisões se baseiam na denúncia gratuita ou planeada unicamente em função do fim, onde as prisões se fazem sem culpa formada, nem investigação onde são admitidas prisões não obstante se desconhecerem elementos incriminadores, ou só porque o detido evidencia perigosidade potencial.

Portugal viu-se numa situação de não-direito, onde as mais desregradas, sórdidas e desencontradas paixões humanas deram campo ao exercício tumultuário do aviltamento colectivo. É o quadro histórico do terror, de que as situações fácticas descritas foram prenúncio e que potenciariam o nascer de um Estado autocrático moderno.»

A minha passagem por Caxias, a que o muti-ilustre dr. Rebello alude, como vítima da violência bruta denunciada no Relatório, não me envergonha; envergonhar-me-ia, sim, se, no passado, alguma vez tivesse voluntariamente representado em assembleias internacionais o Estado totalitário e colonialista anterior ao 25 de Abril, sustentando as teses integracionistas que provocavam o escândalo da comunidade internacional.

Como também me envergonharia se, numa altura em que o Partido Socialista sofria as maiores dificuldades e era atacado em todas as frentes pelo gonçalvismo, tr[illegible] numa evidente manobra de adaptação ideológica, escrito uma carta como a que o muti-ilustre dr. Rebello fez publicar no «Diário de Notícias» de Saramago, de 19/7/75 em que acusa o maior partido português de «traição aos verdadeiros socialistas e ao socialismo» (!) e «de traição à Nação portuguesa e a todas as classes trabalhadoras» (!) razão por que ele, dr. Rebello, que (depois do 25 de Abril, evidentemente) se tinha inscrito no Partido Socialista, agora, em Julho de 1975, no auge do gonçalvismo, com os socialistas em desesperada luta pela sobrevivência, o abandonava!

Como se vê, durante o marcelismo, o muti-ilustre dr. Rebello surge como representante do Governo colonialista português, defendendo as suas posições; o marcelismo cai, o Partido Socialista começa surgindo como grande partido português, no início da Revolução muti-ilustre dr. Rebello imediatamente nele se filia; a certa altura o Partido Socialista entra em dificuldades, que atingiram o climax durante o Verão gonçalvista de 1975; esse é o momento que o muti-ilustre dr. Rebello, sempre igual a ele próprio, escolhe para denunciar o partido de «traidor» e deixar de ser socialista.

E é um homem com esta coerência de atitudes no passado que se atreve a denunciar a minha «passagem por Caxias» pretendendo daí demagogicamente tirar argumentos para contradizer as minhas opiniões em assuntos de propriedade literária!!!

Mas, pior que tudo isto, é o facto de Luiz Francisco-Rebello, na sua ânsia de preservação de confortáveis posições, em vez de discutir os problemas do direito de autor no campo dos princípios, como eu fiz, nas minhas entrevistas

preferir enveredar pelo golpe baixo pessoal, de efeito demagógico, fiel à doutrina de que os fins a atingir justificam todos os meios. Mesmo quando esses meios se traduzem, como é o caso, na traição a uma amizade que eu, apesar de tudo, ainda considerava existente e que nunca, por qualquer modo, pus em causa ou atingi.

O que confirma que o 25 de Abril, além de muitas outras virtudes, teve esta: revelar o verdadeiro fundo de certas personalidades que em tempos de calmaria não aflorava à superfície...

Creia-me, senhor director, com os protestos da minha consideração

António Maria Pereira

N.R. O direito de resposta, mesmo à margem da lei, e até com algum abuso do nosso espaço, é reconhecido pelo «DL e como regra nesta casa praticado. Não partilhamos opiniões do Dr. António Maria Pereira, concretamente, não aceitamos o seu entusiasmo por um «Relatório que estranhamente precedeu «outros relatórios e que pretendeu ir ao fundo em matérias de que outros relatórios se contentaram com divulgações preliminares. Mas, neste jornal, há um certo entendimento da liberdade de opinião, da liberdade de crítica e da liberdade de crítica e da liberdade de resposta. As nossas colunas ficam à disposição do Dr. Luiz Francisco Rebello.

AMANHÃ: RESPOSTA DE LUIZ-FRANCISCO REBELLO

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP-Norte), a que se refere o processo 8/58 651, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Trezoi, concelho de Mortágua, de uma linha aérea a 15 kV, com 370 metros, do apoio n.º 21 da linha para o posto de transformação de Mortágua, ao posto de transformação de Trezoi-Meligioso, da Câmara Municipal de Mortágua.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 30 de Dezembro de 1976.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP-Norte), a que se refere o processo 8/58 877, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Tadim, concelho de Braga, de uma linha aérea a 15 kV, com 59 metros, do apoio n.º 2 da linha para o posto de transformação de Justino Barbosa (Chenop) ao posto de transformacão de Tadim-Carrasco, da Câmara Municipal de Braga.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 31 de Dezembro de 1976.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — (ex-UEP-Norte), a que se refere o Processo 8/58 880, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Frazão, concelho de Paços de Ferreira, de uma linha aérea a 15 kV, com 47 metros, do apoio n.º 7 da linha para o posto de transformação de Manuel Dias Carneiro ao posto de transformação de Frazão-Vila Nova, da Câmara Municipal de Paços de Ferreira.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 31 de Dezembro de 1976.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

Desporto

FUTEBOL CÁ POR CASA

Portugal-U.R.S.S. só para o ano

Portugal não poderá jogar esta época com a U.R.S.S. disse (à ANOP) César Grácio, secretário-geral da Federação Portuguesa de Futebol, contactado a propósito de uma entrevista concedida por Nikita Simonian (treinador da selecção nacional de futebol da União Soviética) ao jornal «Sovietskaya», na qual declarou que a equipa nacional da U.R.S.S. defrontaria, até ao mês de Abril deste ano, as selecções da Itália, da Jugoslávia e de Portugal.

Aquele porta-voz da Federação Portuguesa acrescentou que o nosso país já tem programados os jogos para a época de 1976/77. Referiu (ainda) que o Portugal-U.R.S.S. chegou a ser marcado para 9 de Junho do ano passado, mas foi adiado pelos responsáveis pelo futebol soviético. A terminar, declarou que o Portugal-Suíça (que terá lugar no dia 30 de Março) é o único jogo de carácter particular que os portugueses efectuarão até ao final desta temporada. *A concretizar-se, o Portugal-U.R.S.S. só poderá ser integrado na época de 1977/78,* acrescentou.

EUROPA

Entretanto, o coronel Carrilho do Rosário, vice-presidente da Federação Portuguesa, partiu para Zurique. Convocado pela comissão organizadora do campeonato europeu de futebol, o representante português, contactado pela ANOP, disse que, na qualidade de membro da comissão, não deixará de tomar posição (de acordo com as ideias da Federação Portuguesa) sobre o assunto.

Revelou que a Federação concorda com a proposta da U.E.F.A., embora também não lhe desagrade e da federação alemã. Defende a federação portuguesa, porém, a manutenção do apuramento dos 3.º e 4.º classificados. E preconiza, igualmente, a conveniência de os grupos da competição de «esperanças» serem compostos pelos mesmos países da prova maior, para que os jogos se realizem nas mesmas datas e não haja, assim, necessidade de um maior número de interrupções nas provas nacionais.

Acrescentou que irá defender que seja abolida a disposição regulamentar que condiciona à aceitação dos adversários alterações de última hora, na lista de jogadores que os países enviam à U.E.F.A., com uma certa antecedência dos jogos.

Disse (mais) que a proposta-base da U.E.F.A. propõe a supressão (no actual regulamento) do artigo que vem estabelecendo que a prova não se realiza sem um mínimo de 16 países inscritos e pretende que seja criada uma nova disposição, segundo a qual todos os participantes nos jogos da competição estejam obrigados a garantir condições de segurança suficientes e sejam excluídos quando se registem desacatos, de que resultam danos e perdas para a U.E.F.A.

A U.E.F.A. propõe que se realize apenas uma eliminatória e uma fase final: abolindo-se (portanto) os quartos-de-final, até agora disputados pelos vencedores dos oito grupos da primeira fase. Apurados para a fase final todos os vencedores dos oito grupos da primeira fase: em vez dos quatro apurados nos quartos de final. A organização da fase final será entregue a um ou dois países, para ela apurados: e não, a um dos quatro vencedores dos quartos de final, como até aqui.

Mais pormenores da proposta uefeira:

. Sorteios para a formação dos dois grupos da fase final e, dentro de cada um deles, disputa em «poule» numa só «mão» e com dois pontos na vitória, um por empate e zero por derrota:

. Final entre os vencedores dos dois grupos:

. Em todos os casos, se houver igualdade em pontos e desempate (sucessivamente) por maior diferença de golos, pelo maior número de golos marcados, pelo resultado do jogo entre as equipas empatadas e, por último, através de sorteio.

Primeira fase disputada em 17 meses: ou seja até Dezembro do segundo ano de curso da prova em vez dos 18 meses actuais, que vão até Janeiro do terceiro ano.

A comissão organizadora do campeonato europeu de futebol é constituída pelos seguintes elementos: Artemio Franchi, presidente (Itália), Harold Thompson, vice-presidente (Inglaterra) e os membros Carrilho do Rosário (Portugal), Nikilai Ryashentsev (U.R.S.S.), Danail Nikolov (Bulgária) Fernand Sastre (França) e Ellert Schram (Suécia).

MADEIRA

Realizou-se ontem, na Madeira, um encontro particular de futebol entre o Académico de Fátima e o Académico de Espinho. O Académico de Fátima (do regional da 1.ª divisão da Madeira) venceu (por 2-0) o Académico de Espinho (clube que se encontra na 1.ª divisão regional do Porto). O encontro teve lugar no campo do Liceu do Funchal.

PORTO

A equipa da «velha guarda» do F. C. do Porto, desloca-se a Espanha, em fins de Março ou princípios de Abril, para a realização de um encontro de futebol que, será integrado nas festas da cidade de Carvalhino.

Orlando Moreira, antigo futebolista do Oriental, é o novo responsável técnico pelo «plante» do «onze» de Marvila, colocado em situação de subalternidade no campeonato nacional da 2.ª divisão

Juniores do Benfica em marcha impecável

. Realizou-se a 13.ª jornada do campeonato nacional de futebol na categoria de juniores, a que concorrem 48 clubes distribuídos por quatro zonas. No fim desta ronda, a nota mais saliente é a regularidade da equipa do Benfica: único concorrente que conta por vitórias todos os jogos disputados.

Integrado na zona D, o Benfica encontrou-se na última jornada com o Atlético: ganhou por 4-0, e continua em primeiro lugar com mais três pontos que o seu próximo competidor (o Almada). Belenenses segue em 3.º com menos quatro pontos que o guia e a par com o Vitória de Setúbal.

As duas principais equipas de Lisboa foram integradas em séries diferentes. O Sporting disputa o bloco C, mas já não tem um «palmarés» tão «impecável» quanto o do Benfica: os «leões» vão à frente da sua série, mas com três pontos perdidos, correspondentes a uma derrota e um empate.

O Sp. de Braga e o F. C. do Porto são os líderes das zonas A e B. Na zona A, o Sp. de Braga (que no último domingo foi ceder um ponto perante o Leixões) segue à frente com 22 pontos (2 derrotas e dois empates); na série B, o F. C. do Porto que no domingo passado ganhou expressivamente ao Sp. da Covilhã (pela marca de 8-1) vai à frente, com 23 pontos (uma derrota e um empate).

As distâncias que separam o Braga e o F. C. do Porto dos segundos classificados nas suas zonas são de 2 e 3 pontos, sobre o Vitória de Guimarães e o Boavista respectivamente.

Olimpismo em controvérsia

. Os Estados Unidos pretendem justificar a sua derrota na Olimpíada de Montreal com uma campanha informativa contra o desporto na Republica Democratica Alemã e outros países socialistas, comenta o semanário «Voz Proletária», de Bogotá (Colômbia).

A propaganda é organizada e financiada por grupos de delinquentes que controlam grande parte da actividade desportiva nos Estados Unidos e recorre a versões inverosímeis, como dizer que o socialismo *«fabrica desportistas de proveta, injecta hormonas masculinas às mulheres e desumaniza os atletas* acrescenta «Voz Proletária».

Em comentário intitulado *«o desporto na RDA e as calúnias do imperilaismo* , a publicação pretende com isso justificar ante os aficionados norte-americanos e de outras regiões o fracasso dos Estados Unidos nas recentes provas mundiais.

O semanário cita, para o efeito, um destacado remador norte-americano, que confessou ter-se drogado, pouco antes de uma competição olímpica, para endurecer os músculos.

«As 90 medalhas obtidas na Olimpíada pela RDA e a quantidade ainda superior conseguida pela União Soviética, tiram o sono aos norte-americanos» . salienta «Voz Proletária».

O semanário reproduz ainda declaracões prestadas, durante a sua recente visita à Colômbia, pelo vice-presidente da Liga Pró-Divulgação da Ideia Olímpica (dr. Alfredo Heil) que refutou afirmações intencionais sobre o suposto profissionalismo dos atletas socialistas, dizendo:

«O conceito de amador compreende um problema filosófico assim como o mundo se desenvolve, o conceito de amador desenvolve-se paralelamente .

Por exemplo: nas primeiras Olímpiadas, cada participante devia custear as despesas. Nessa altura, para o capitalismo, era amador. No entanto, esses desportistas deviam ser membros de família rica, pois um de menores recursos económicos não podia participar» . afirmou Heil.

«E agora, se se trata de um desportista operário de um país socialista a quem o Estado custeia as despesas para a sua formação e desenvolvimento, diz-se que é profissional concluiu o citado especialista, em «Voz Proletária».

A incógnita "canarinho"

. HAVANA (Por Elmer Rodriguez, da «Pensa Latina» — Exclusivo da ANOP em Portugal) — O Brasil é a grande incógnita sul-americana para o «Mundial» de Futebol de 1978 — opinam comentadores latino-americanos, face ao iminente início da fase de qualificação da zona. Depois do desaire sofrido pelos brasileiros, no último campeonato mundial (4.º lugar, depois da República Federal da Alemanha, da Holanda e da Polónia) o treinador Zagalo viu-se obrigado a ceder o seu lugar a Osvaldo Brandão. Acostumados ao luxo de um futebol avassalador e quase sempre triunfante, os aficionados brasileiros viveram o retrocesso absoluto que de uma época esplenderosa recusou aos limites da miséria defensiva.

O Brasil terá o seu primeiro jogo no próximo dia 20 de Fevereiro, em Bogotá, frente ao seleccionado colombiano: rival de pouca categoria, mas que poderá servir de barómetro para avaliar qual a verdadeira força actual do «onze» brasileiro. Embora muitos comentadores augurem êxitos ao seleccionado de Osvaldo Brandão, haverá que aguardar o comportamento da equipa, onde, dos veteranos, figura apenas o médio Rivelino.

O Brasil pertence ao grupo 1 da América do Sul, onde estão também a Colômbia e o Paraguai, este ultimo um adversário de força e tradicionalmente aguerrido, o que o converte num difícil contendor.

A organização do torneio de qualificação decidiu que os vencedores de cada grupo (no 2 estão a Bolivia, o Uruguai e a Venezuela; no 3, o Equador, o Chile eo Perú) se reunam em Buenos Aires, no Verão para celebrar um certame triangular. Os dois primeiros classificados nesse triangular conquistarão o direito a estarem presentes no «Mundial» de 1978, enquanto o 3.º terá de medir forças com o vencedor do grupo nove europeu, composto pela União Soviética, Hungria e Grécia. O vencedor do prelio terá também passaporte para a Argentina.

Os especialistas consideram o Brasil a grande incógnita da zona latino-americana. Enquanto alguns esperam o ressurgimento do futebol brasileiro, outros pensam que terão de passar ainda alguns anos até que surja uma selecção semelhante à que conquistou os «mundiais» de 1958, 1962 e 1970.

LÁ FORA

LIGA ESPANHOLA

. Alguma sensação na jornada de domingo da I Liga Espanhola de futebol: o **derby** madrileno Atlético-Real terminou com a vitória da primeira equipa por 4-0. Assim, o Real perdeu mais dois pontos e encontra-se agora a nada menos que seis do guia, o Barcelona, que entretanto bateu facilmente o Elche por 4-1. O Barcelona segue em primeiro lugar com 23 pontos. Em segundo o Atlético de Madrid, com 21; em terceiro, o Real Sociedad, com 19; em quarto, Espanhol de Barcelona e Real Madrid, com 17. Das equipas onde trabalham portugueses, só o Santander (com Damas e Quinito) teve uma boa jornada: foi a Málaga ganhar por 2-1 (Damas defendeu um «penalty»), e está sensivelmente a meio da tabela classificativa, com 16 pontos. O Saragoça (com Jordão a jogar não muito bem, a não marcar, pelo menos) empatou em casa com o Valência e está em penúltimo lugar, com 11 pontos. O Salamanca (onde Alves continua a ser o melhor, com exibições de grande nível que a Imprensa espanhola tem feito questão de assinalar) empatou 0-0 em casa com o Las Palmas, e está em antepenúltimo, com 14 pontos. Tanto o Salamanca como o Saragoça têm na sua frente o espectro da despromoção.

«RECORD»

O atleta soviético Alexander Grigoriyev estabeleceu um novo «record» da Europa, de salto em altura, transpondo 2 metros e 26 centímetros. Grigoriev (de 21 anos) a tomar parte numa campeonato de atletismo em Minsk, saltou no «estilo Fosbury».

O anterior «record» pertencia a Valeri Brumel (também da União Soviética) e fora estabelecido há 16 anos, com a marca de 2 metros e 25 centímetros.

A Federação dos Jornalistas Desportivos da URSS acaba de divulgar a lista dos dez melhores desportistas soviéticos do ano, resultante do tradicional referendo que efectua anualmente, baseada no critério de cerca de 250 comentaristas do desporto. Nomes distinguidos: Nikolai Andrianov (ginástica); Victor Saneev (atletismo); Tatiana Averina (velocidade sobre o gelo); Vassili Alexeev (halterofilismo); Tatiana Kazankina (atletismo); Nelli Kim (ginástica); Marina Kochevaia (natação); a dupla ljudmila Pakhomova e Alexander Gorchkov (patinagem artística); a dupla Irina Rodnina e Alexander Zaitsev (pat. artística) e Vladislav Tretiak (hóquei).

Paralelamente, um inquérito fornecido pela redacção desportiva da agência «TASS» revela os favoritos do desporto mundial 1976. À cabeça da lista figuram nomes como os da surpreendente ginasta romena Nadia Comaneci, do cubano Alberto Juantorena e do halterofilismo Valeri Charii (URSS).

TOTOBOLA

Jogue connosco

Varzim - Leixões	1
B.-Mar - Portimonense	1
Montijo-Guimarães	X
Porto - Benfica	X
Atlético Belenenses	X
Sporting-Boavista	1
Braga - Setubal	X
Estoril-Académico	1
Espinho - Fafe	X
Aqueiros - Riopele	1
Farense-Feirense	2
Barreirense - CUF	X
Sintrense - Marítimo	2

TAÇA E SORTEIO

Realiza-se hoje (às 18 e 30) na sede da Federação Portuguesa de Futebol (em Lisboa) o sorteio relativo à próxima jornada da «Taca de Portugal». Interessadas 31 equipas: 13 pertencem à 2.ª divisão, 10 a 3.ª e 8 à 1.ª nos escalões da temporada em curso.

Da II Divisão: União de Lamas, Cuf, Oriental, Famalicão, Paços de Ferreira, Gil Vicente, Feirense, Sanjoanense, Fafe, Olhanense, Espinho, Farense e Almada.

Da III: Arrifanense, Aliados do Lordelo, Cova da Piedade, Benavente, Infesta, Maria da Fonte, Alverca, Limianos, Bragança e Nacional.

As 8 concorrentes da 1.ª divisão ainda em prova são Sporting, Benfica, Vitória de Setúbal, Boavista, Vitória de Guimarães, Sporting de Braga, Porto e Montijo.

De notar que oito dos clubes da 1.ª Divisão já foram afastados: e alguns deles por adversários dos escalões inferiores. Assim (por exemplo) o Beira Mar foi arredado pelo Famalicão, o Belenenses pelo União de Santarém, e o Leixões perdeu no confronto com o Aliados do Lordelo facto a assinalar especialmente, porquanto se trata, esse já famoso Aliados, duma equipa da 3.ª escala oficial de valores.

Entretanto, realizam-se nos dias 23 e 30, nos Açores, os jogos para apuramento do representante e do arquipélago na «Taça».

Geral

Canal da Crítica

Continuação da pág. 15

mores de realização televisional. Tivemos ontem mais uma prova com «O Barrete de Guizos» de Luigi Pirandello. Como exercício teatral (exercício teleteatral) foi um serão memorável. E tudo tão simples, tudo tão sóbreo e despojado: cenários nenhuns, artifício quanto bastasse (nem uma gota mais) e tudo foi o jogo constante da câmara, do rosto humano, das palavras que, para serem extraordinárias, não precisaram de ser gritadas, sublinhadas a traço grosso: bastaram-lhe o pudor, o silêncio de serem ditas.

Não pretendo abolir da Televisão estes exemplos de bem fazer teatro não discutindo agora se é este ou não o teatro que mais interessa ao nosso povo, neste momento. Acho que eles exercem a sua função como alargamento de horizontes culturais. Só que isso é uma coisa e outra muito diferente é aparecerem como substitutos do teatro falado em português, cumprido por actores portugueses numa televisão portuguesa. Isto é que não pode aceitar-se. Se os nossos realizadores não exercem, nem os actores, nem os cenógrafos, nem os operadores de câmara como é que algumas vezes passamos a ter bom teatro na televisão? Como, se por geração espontânea nada existe?

O carinho pelo teatro existente em Portugal é prática que, na televisão, não se faz quotidianamente. Por exemplo: quinze dias leva de cena um dos mais importantes trabalhos teatrais dos últimos anos. Refiro-me à *Grande Jogada*, de José Viana, na Academia Almadense. Onde, além de José Viana, trabalham Maria Dulce, Dora Leal, Rogério Paulo, António Machado, etc., num empreendimento de descentralização teatral que será de grande importância. Pois bem: até hoje, sobre a *Grande Jogada*, nem uma palavra se ouviu na Televisão Portuguesa.

Assim se joga no Lumiar...

Bancário tocou alarme por engano

PORTO, 11 — Poucos minutos antes das 9 horas de hoje a baixa portuense foi alertada pelas sereias de dois carros-patrulha da P.S.P. que se dirigiam a grande velocidade para a Rua de Mouzinho da Silveira. Em contacto com o comando da corporação foi-nos dito que tal facto se ficou a deve a ter soado inadvertidamente o alarme da filial do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, instalada no prédio n.º 111 daquela artéria, accionado por um funcionário.

Farmácia assaltada no Porto

PORTO, 11 — Na madrugada de hoje, pouco antes das 3 horas, um guarda da P.S.P., em serviço na Rua da Constituição, prendeu um indivíduo que participou num assalto à Farmácia da Constituição, sita naquela rua, no prédio n.º 93, tendo dois fugido por uma janela das traseiras.

O detido foi conduzido à esquadra policial daquela área, onde foi identificado. Trata-se de Vítor Manuel Martins Cardoso, de 19 anos, solteiro, desempregado.

O objectivo do assalto terá sido o furto de medicamentos para os jovens se drogarem, já que dali desapareceram várias embalagens.

BARES · BOITES
RESTAURANTES
TIPICOS
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 364859°368197. Rosy Striptease seuse

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 261461/164526/264596/264621/264945

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIÁRIO DE LISBOA está à venda no CAFÉ REMO

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado o vento era em geral fraco e caiam aguaceiros em alguns locais de Norte e Centro.

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA
Máxi ..... 15°
MONTALEGRE
Mínima ..... 4,8°

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado; vento geralmente fraco soprando por vezes moderado de Noroeste; períodos de chuva ou aguaceiros; queda de neve nas terras altas de Norte e centro.

Im

TEMPERATURAS DO AR
09.00 H

PORTO	3°
COIMBRA	4°
PORTALEGRE	2°
LISBOA	6°
FARO	6°
FUNCHAL	15°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
6.41	3,6 m	0.02	1,2 m
19.12	3,6 m	12.36	1,2 m
DIA 12			
7.32	3,7 m	0.55	1,4 m
20.10	3,5 m	13.34	1,4 m
DIA 13			
6.36	3,6 m	2.02	1,5 m
21.22	3,5 m	14.45	1,5 m

AMANHÃ
NASCER ÁS 7.55
OCASO AS 17.36

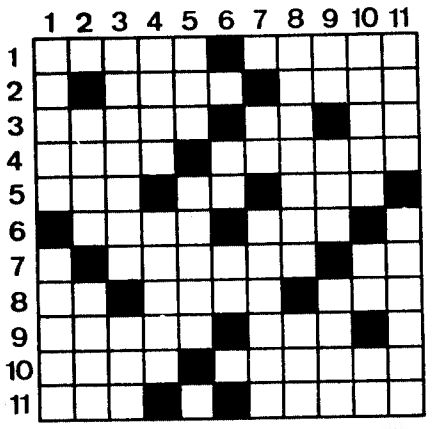
DIA 12 DIA 19 DIA 27 DIA 4

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 11646

HORIZONTAIS:

1 Facto. Soltar balidos.
2 Bosque. Invulgar.
3 Perfume. Sufixo que designa estado. Grande ribeira da Ásia Russa.
4 Cova. Caixilho de impressão usado em fotografia.
5 Arara. Pronome pessoal. O mesmo que ion.
6 Transfere para outro dia. Cabelos brancos.
7 Amantes. Vareja.
8 O sono das crianças. Um dos estados do Brasil. Óxido de cálcio.
9 Tempo do verbo ir. Caminho.
10 Remedeia. Latir.
11 Pedra de altar. Ecoara.



VERTICAIS:

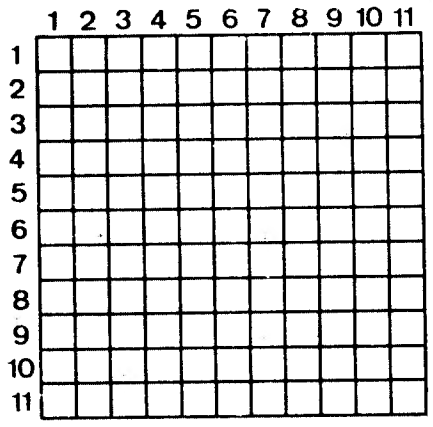
1 Enterra. Negócio.
2 Invulgar. Rezar.
3 Sacrificada. Eia!
4 Caruma. Desumana.
5 Fruto da ateira. Mulheres muito ataviadas.
6 Nome de letra. Grama.
7 Sufixo que designa estado. Filtravas.
8 Corte das ramas nos sobreiros adultos (pl). Passado.
9 Nota musical. Em as. Rosto.
10 Furioso. Saudável. Brisa.
11 Uma das incarnações de Vixnú, na mitologia hindu. Exprimira por palavras.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7706

HORIZONTAIS:

1 Fatia. Africanos.
2 Tostam. Árvore sapotácea indiana.
3 Acrescentei. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho.
4 Aqui. Em má hora. O sono das crianças.
5 Aguçava.
6 Estimar. Dádiva.
7 Perscrutou. Falda.
8 Aprel Igual.
9 Boato (fig.). O Arão da Bíblia.
10 Sujeitara.
11 Ósmio (s.q.). Relata. Laço.



VERTICAIS:

1 Vomita. Liga de cobre e zinco.
2 Artigo definido. Elemento que entra em algumas palavras com a significação de ar.
3 SuaSenhoria.Causaraamuo.
4 Cálcio (s.q.). Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Paraíso terreal.
5 Poisara no mar (o avião). Nome de mulher.
6 Oferecer. Bário (s.q.). Doutor.
7 Acarinhada. Ente.
8 Nota musical. Antepassado. Crisol.
9 Artéria. Causara amuo a.
10 Cidade da Argélia. Medida itinerária do Japão.
11 Rústicos. Prendo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7705

HORIZONTAIS:

1 Has. NÃO. Ala.
2 At. Morta. Ar.
3 Ocos. Ágata.
4 Mãos. Amem.
5 Ari. Ovar. Gó.
6 Oásis. Trio.
7 Mal. Moer.
8 Síria. Ave.
9 Ua. Em.
10 Espiara.
11 Arruas. Uso.

VERTICAIS:

1 HÁ. NÃO. OUE.
2 Atoaram. Asa.
3 Coisas. Pr.
4 Mós. Ilidir.
5 Nós. Os. Au.
6 Ar. MV. Miara.
7 Ota. Atoa. As.
8 AGARRE. O.
9 Am. Ira. Eu.
10 Látego. Ve.
11 Aramo. TEMPO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11645

HORIZONTAIS:

1 Cacia. Ha. Gó.
2 Rãs. Amear.
3 Leis. Erin.
4 Eia. Uri. Ota.
5 Amen. Ossa.
6 Italo.
7 Acero. Anule.
8 Ruga. Orar.
9 Ama. Dio.
10 Ondas. Loiça.
11 Era. Abro.

VERTICAIS:

1 Cale. Barros.
2 Eia! Cu.
3 Criam. Égide.
4 Ias. Eira. Ar.
5 Ás. Unto. Asa.
6 Br. Mm.
7 Ha. Iola. Ala.
8 Ame. Sono. Ob.
9 Eros. Urdir.
10 Gaita. Laico.
11 Orna, Seroa.

PROVÉRBIO Não há mão que agarre o tempo

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP-Norte), a que se refere o processo 8/58 663, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Carapinheira, concelho de Montemor-o-Velho, de uma linha aérea a 15 kV, com 391 metros, do apoio n.º 38 da linha para o posto de transformação de Tentugal ao posto de transformação de Carapinheira-Casal do Corso, da Câmara Municipal de Montemor-o-Velho.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 30 de Dezembro de 1976.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP-Norte), a que se refere o processo 8/58 742, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Valongo, de uma linha aérea a 15 kV, com 251 metros, do apoio n.º 4 da linha para o posto de transformação de Colquímica-Indústria Nacional de Colas, Lda., ao posto de transformação de Valongo-Pedreiras, da Câmara Municipal de Valongo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 30 de Dezembro de 1976.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP-Norte), a que se refere o processo 8/58 809, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Leça do Balio, concelho de Matosinhos, de uma linha subterrânea a 15 kV, com 55 metros, do apoio n.º 15 da linha Amieira-Maia I e II, ao posto de transformação pertencente a Manuel Esperança Vieira.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 30 de Dezembro de 1976.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

farmácias de serviço

LISBOA

ALEGRIA — Est. de Benfica, 180-A-B. Tel. 780511.
ANTUNES ROSAS — P.ª Cidade do Luso, lote 199. Tel. 313610.
ANUNCIADA — Rua do Vigário, 74. Tel. 866360
BASTOS ANDRADE — C.ª Santo André, 107-111. Tel. 860450
BOTÂNICA — Rua Junqueira, ... 638132
CARTAXO — Av. da Igreja, 21-C. Tel. 897958.
CASTRO — Av. Almirante Reis, 76-A. Tel. 721973
CASTRO FONSECA — Rua 4 de Infantaria, 28-A Tel. 688857.
CONCEIÇAO — C.ª D. Gastão, 30-32. Tel. 381279
DALTON — Av. Mouzinho de Albuquerque, 7-A. Tel. 843571
FERNANDES — R. de S. José, 187. Te. 326476
FIGUEIRAS — Av. Marquês de Tomar, 20-22. Te. 44995
HIGIÉNICA — Rua Heliodoro Salgado, 20-A. Tel. 844361
IBÉRIA — Rua Barão de Sabrosa, 235-A (à Alameda). Tel. 728277
IMPERIAL — Av. Guerra Junqueiro, 30-B. Tel. 726860.
LISBOA — Rua Cláudio Nunes, 73-A. Tel. 703393
MIRANDA — Campo Pequeno, 36-B-C. Tel. 770776
MOURA — Trav. da Memória, 55. Tel. 630944
OLIVEIRA — Rua da Prata, 240. Tel. 321415
PAIVAS E PARENTE — Rua de Santo António à Estrela, 96. Tel. 665196
PATULEIA, H.os — Alameda Linhas de Torres, 262-B. Tel. 790332
RUALTO, LDA. — Rua Arco do Carvalhão, 5-A-B. Tel. 651721
S. BENTO — Rua Poiais de S. Bento, 73. Tel. 601673
S. JOÃO DE DEUS — Rua Pedro Ivo, 1-A-B. Tel. 725140.
UNIVERSAL — R. Actor Taborda, 5-7. Tel. 44158

Permanente

ALEGRIA — Est. de Benfica, 180-A-B. Tel. 790511.
BASTOS ANDRADE — C.ª Santo André, 107-111. Tel. 860450
DALTON — Av. Mouzinho de Albuquerque, 7-A. Tel. 843571
FERNANDES — Rua S. José, 187. Tel. 326476
S. JOÃO DE DEUS — R. Pedro Ivo, 1-A-B. Tel. 725140
UNIVERSAL — Rua Actor Taborda, 5-7. Tel. 44158

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (Tel. 2112048)
ALCABIDECHE
Carvalho, Até às 21 horas

PORTO SALVO
Porto Salvo, até às 21 horas
CARCAVELOS
Central, Até às 24 e das 0 às 9 horas
S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085). Até às 21 horas
NOVA OEIRAS
Leal, Até às 21 horas
PAREDE
Junqueiro, Até às 21 horas
AMOREIRA
Amoreira, (Tel. 2622313/ /267314). Até às 22 horas
CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (Telef. 280141) Até às 21 horas
Cascais, R. Conde de Monte Real — B.º Caixas (Telef. 282407) Até às 24 e das 0 às 9h
MONTE ESTORIL
Ostende, R. de Espinho, 1 (Telef. 260391) Até às 21 horas
OEIRAS
Central, R. Conde Ferreira, 29 (Telef. 2430058) Até às 22 horas
PAÇO DE ARCOS
Godinho, Av. Patrão Lopes, 4 (Telef. 2432039) Até às 24 e das 0 às 9 horas
PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (Telef. 2471054) Até às 24 e das 0 às 9 horas

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518) Serviço permanente; **Carmele**, R. Elias Garcia, Lote, 28 (Tel. 933303) Até às 22 horas; **Helénica**, R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933613) Até às 22 horas; **S. Jorge**, R. Pedro del Negro, 5 - Reboleira' (TEl. 938703) Até às 22 horas
DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (Tel. 971121) Até às 22 horas
QUELUZ
Correia, L. do Mercado, 3 (Tel. 950906)
CACÉM
Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, Lote 5-D
MEM MARTINS
Químia, Est. Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Tel. 980456)
SINTRA
Marrazes, Estefânia (Tel. 2930058)
COLARES
Abreja (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020)
ALMADA
Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (Tel. 2750504)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A (Tel. 2040141)
BARREIRO
Moderna, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (Tel. 2073443)
COVA DA PIEDADE
Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (Tel. 2767356)
MOITA
União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)
MONTIJO
Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 2310370)
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471)
SETÚBAL
Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz (Tel. 22408); **Portugal**, R. Camilo Castelo Branco (Tel. 23211)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

(De dia e só até às 22 horas)

VILARINHA — Rua da Vilarinha, 161 — Tel. 682014; **GUERRA** — Rua de Costa Cabral, 43 — Tel. 52444; **LEMOS E FILHOS** — Praça de Carlos Alberto, 31 — Tel. 21309; **CASTRO CARNEIRO** — Rua do Padre Cruz, 146 — Tel. 62092; **LIGA ASS. MÚTUOS** — Rua do Bonjardim, 286 — Tel. 21711; **HENRIQUES** — Praça da Batalha, 64-A. — Tel. 25173; **SERPA PINTO** — Rua de Serpa Pinto, 645 — Tel. 488697.

(De dia e toda a noite)

MORENO — Largo de S. Domingos, 44 — Tel. 23545; **BONFIM** — Rua do Bonfim, 73 — Tel. 52444; **GUIMARÃES** — Rua de Francos, 37 — Tel. 60103; **VASQUES** — Rua das Condominhas, 794 — Tel. 62027.

COIMBRA

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

PAIVA — Praça do Comércio — Tel. 23231

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

CINE AUDITÓRIO
21.15 (14 anos)
«Do Alto do Terraço»
A. B. C.
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Cada Cor seu Paladar»
S. LUÍS
21.30 (13 anos)
«Tudo no Jardim»
MONUMENTAL
21.15 (18 anos)
«Uma estranha forma de Amar»
TEATRO DO BAIRRO ALTO
Sala 1
21.45 (18 anos)
«Do Teatro ao Cais do Sodré»
Sala 2
21.45 (18 anos)
«O Treino do Campeão antes da Corrida»
TRINDADE
21.30 (13 anos)
«A Barraca»
VASCO SANTANA
21.30 (13 anos)
«O Escritório»
MARIA VITÓRIA
20.30 e 22.45 (18 anos)
«O Bombo da Festa»

LISBOA/Cinemas

JARDIM
21.15 (18 anos)
«Adeus Irmão Cruel»
ROYAL
21.15 (18 anos)
«O Pecado Serve-se Quente»
PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«O Gato e o Rato»
RESTELO
21.15 (18 anos)
«É Preciso Viver Perigosamente»
CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Machíssimo»
CAPITÓLIO
21.15 (18 anos)
«Requintes de Amor»
CINEARTE
21.15 (18 anos)
«A Última Golpada»
EUROPA
21.15 (6 anos)
«Jerry, Primeiro Turista no Espaço»
MONUMENTAL
21.15 (6 anos)
«O Ministro e Eu»
VOX
21.15 (6 anos)
«O Soldado do Aventureiro»
OLIMPIA
«Os Teatros Eróticos de Paris» (18 anos)

SATÉLITE
21.15 (18 anos)
«Easy Rider»
PARIS
21.15 (18 anos)
«Iniciação de Flossie»
LUMIAR
21.15 (13 anos)
«De Arma em Punho»
CALEIDOSCÓPIO
21.15 (6 anos)
«Branca de Neve e os Sete Anões»
ROCIO
21.00 (18 anos)
«Sinos no Inferno»
SALÃO IDEAL
21.00 (18 anos)
«A Pistola»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (13 anos)
«O Homem que Mente»
AMADORA
Lido
21.15 (13 anos)
«O Comboio do Inferno»
AMADORA
Cinestúdio
21.30 (13 anos)
«Mili»
MEM MARTINS
Cine Chaby
21.15 (18 anos)
«Quando o amor é sensualidade»
SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«Arizona Colt»

OUTRA BANDA

ALMADA
Academia
21.15 (13 anos)
Teatro regista «A Grande Jogada»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.15 (18 anos)
«Chamavam-lhe Amen»

LINHA DE CASCAIS

PAÇO DE ARCOS
Chaplin
21.15 (13 anos)
«Os Caminhos da Liberdade»
OEIRAS
Oeiras Cine
21.15 (18 anos)
«A Principal Testemunha»
ESTORIL
Casino
21.15 (13 anos)
«A Guerra Acabou»

ESTORIL
Palácio
21.15 (18 anos)
«Adeus Irmão Cruel»
CASCAIS
S. José
21.15 (13 anos)
«O Vale»
CASCAIS
Oxford
16 e 21.15 (anos
«Garganta Funda»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«As Coisas que o Padre Faz»

PORTO/Cinemas

SALÃO BEBE
21.15 (13 anos)
«A Flauta Mágica»
BATALHA
21.15 (13 anos)
«O Soldado Aventureiro»
OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Um amor como o nosso»
ÁGUIA DE OURO
21.15 (13 anos)
«Passado Inesquecível»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Por Quem vamos Morrer»
VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«As Férias Grandes»
CARLOS ALBERTO
21.15 (13 anos)
«Um Homem uma Cidade»
TRINDADE
21.30 (6 anos)
«O Ministro e Eu»
JÚLIO DINIS
17.45 e 21.15 (18 anos)
«O Mercenário»
S. JOÃO
21.15 (18 anos)
«Saxe Motel»
RIVOLI
21.15 (18 anos)
«O Mercenário»
COLISEU
21.15 (13 anos)
«Viva Rama Viva Krishama»
ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«Ben e Charlie»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«A História de Fernão Capelo Gaivota»
ESTÚDIO 400
21.15 (18 anos)
«A Organização»

cinemas

ALVALADE

Tel. 897480 — 15.30, 18.30 e 21.10

Os prados floridos, as montanhas, os vastos horizontes, são o pequeno mundo de

HEIDI

8.ª semana

um filme de Werner Jacob

Para todos

APOLO 70

Tel. 763319 — 14, 16,30, 19 e 21,15

Ficção científica ou o epitágio de humanidade

À BEIRA DO FIM

de Richard Fleischer

Não acons. a menores de 18 anos

Hoje às 24 horas
Grupo D (18 anos)

O CIRKLO VERMELHO

AVIS

Tel. 47163 — 15.30, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos
Com Les Charlots
10.ª Semana

OS MALUCOS EM HONG-KONG

BERNA

Tel. 776098 — 14, 16.30, 19 e 21.15

O mais audacioso salvamento deste século

VITÓRIA EM ENTEBBE

Com Helmut Berger, Linda Blair, Kirk Douglas

Não acons. a menores de 13 anos

CALEIDOSCÓPIO

Tel. 795093 — 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

O espectáculo de Natal por excelência

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

Um filme de Walt Disney
11.ª Semana
Falado em Português

PARA TODOS

rádio

1.º PROGRAMA

16.00: Noticiário — Musivária (erc). **17.00**: 2.ª parte de um programa de variedades realizado no Teatro S. Luís e organizado pela Radiodifusão Portuguesa. **17.45**: Orquestras. **18.00**: Música portuguesa. **18.30**: A casa e a vida. **19.00**: «Poemas e poetas» — Música variada. **20.00**: «Jornal da noite». **20.30**: Melodias. **21.00**: 13.º episódio do folhetim «As minas de S. Francisco», de Fernando Namora, numa adaptação de Jorge Ferreira da Silva. **21.18**: Música instrumental. **21.30**: Biografia dos galardoados com a Ordem da Liberdade: João Sarmento Pimentel. **22.00**: «Contraponto». **00.15**: «Jazz». **00.30**: Vozes na noite.

2.º PROGRAMA

16.15: «Encontro com os nossos artistas». **17.00**: Música do Barroco — Concerto em dó maior OP 3 n.º 12, de Manfredi — Peças de órgão, de Claude Balbastre. **17.30**: As grandes sinfonias — Sinfonia n.º 8 em dó menor, de Bruckner. **19.00**: Música portuguesa em foco. **20.00**: Conjuntos de câmara — Concerto em mi menor op. n.º 2, de Albinoni — Sexteto n.º 2, em sol maior, O 36, de Brahms. **21.00**: Concerto pela orquestra sinfónica do Porto. **22.00**: Ópera — 3.º acto da ópera «Guilherme Tell», de Rossini. **22.30**: «O Gosto pela música», pelo dr. João de Freitas Branco. **23.00**: Intercâmbio Musical — Festival Mozart em Wurzburgo, 1976 — gravações cedidas pela Rádio da Héssia, Francfort — Concerto pela Orquestra Sinfónica da Rádio de Francfort — 1.ª parte — Sinfonia em lá maior, K 201 — Concerto em dó maior, p/flauta, harpa e orquestra, K 299 — intervalo — 2.ª parte — Sinfonia em dó maior, K 551 «Sinfonia Júpiter». **01.00**: Fecho.

3.º PROGRAMA Nacional e Regional (290 m)

16.00: «Variante» (continuação). **16.10**: Casos ao acaso. **16.20**: Retrospectiva. **17.10**: Prevenção e saúde. **18.00**: «Contacto» — Antologia; Contacto jazz; Actualidade; Pesquiza; Contacto rua e Fórmula 1. **20.15**: Correspondência Londres. **21.00**: Música, só música. **21.30**: «Quando o telefone toca». **23.03**: «Nocturno». **23.06**: Novas de alegria. **24.00**: «Nocturno» (continuação). **00.30**: «Imprevisto». **02.00**: Fecho.

3.º PROGRAMA Local (187,5 m)

18.00: «Entardecer». **19.30**: Romance duma cidade (repetição). **20.15**: Música e poesia. **21.00**: Fecho.

4.º PROGRAMA Emissão total em Estereofonia

19.00: Em órbita. **20.00**: Programa da noite. **22.00**: Auditório. **24.00**: Prisma. **02.00**: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00: Noticiário. **16.05**: Sequência da Tarde. **18.15**: Igreja em Notícia — Palavra do Dia. **18.30**: Transmissão do Terço da Igreja de S. João de Brito. **19.00**: Programa da Liga dos Amigos de RR. **20.00**: Objectivo. **20.53**: Apelos. **21.05**: Pentagrama. **21.30**: Ao encontro da grande música. **22.00**: Quando o telefone toca. **22.30**: Temas vivos. **23.05**: Trifónico. **23.30**: Dicionário de Economia. **23.55**: Meditando. **00.00**: Noticiário/No final — Actualidade Internacional — Voz da América. **02.00**: Encerramento da Estação.

CASINO ESTORIL

Tel. 2645 1 264996 — 17.00 e 21.15

Não acons. a men. de 18 anos

O IMPLACÁVEL

C/Jean-Paul Belmondo e Bruno Cremer

CASTIL

Tel. 630194 — 15, 17, 19 e 21.15

A MINHA MULHER AGRADA-TE... ADORO A TUA

Interdito a menores de 18 anos

Duas mulheres, dois homens e as variações do amor em quatro tempos
Este filme contem cenas event. chocantes

CONDES

Tel. [illegible] — 14, 16.30, 19 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

A missão impossível

O RAID RELÂMPAGO DOS COMANDOS

C/Charles Bronson

EDEN

Tel. 320768 — 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Alain Delon em

ZORRO

4.ª Semana

Um filme de Duccv Tessari

Não acons. a menores de 13 anos

ESTÚDIO

Tel. 535134 — 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. a meno. de 13 anos

PROCESSO DIMITROV

5.ª Semana
de Cristo Christov
O Julgamento do Século!

ESTÚDIO 444

Tel. 779095 — 14.30, 16.45, 19, 21.15

(Interdito a men. de 18anos)

FESTA PRIVADA

7.ª Semana
c/ Isle Damsgard

IMPÉRIO

Tel. 555134-5 — 15.15, 18.30, 21.15

Malcolm McDowelle
Christopher Plummer

O DUELO DAS ÁGUIAS

(Aces High)

Real de Jack Gold

Não acons. a menores de 18 anos

4.ª Semana

LONDRES

Tel. 801313 — 14.00, 16.30, 19 e 21.15

Não acons. a men. de 13 anos

OH! MEUS AMIGOS

Pietro Fermi

2.ª Semana

MUNDIAL

Tel. 538743 — 15.15, 18.30, 21.15

Para todos

ONDE ESTÁ O ÓSCAR?

Com Louis de Funés

NIMAS

Tel. 574313 574513

14.15, 16.30 18.45, 21.15

Não acons. a men. 18 anos

CHOVE EM SANTIAGO

Meio ano de lotações esgotadas

O Chile de Allende e Pinochet

ODEON

Tel. 326283 — 15.15, 18.15, 21.15

Int. a men. de 18 anos
3.ª Semana

ESQUADRÃO DO DRAGÃO

Com os grandes ídolos das artes marciais

PATHÉ

Tel. 821933, 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Int. a men. de 18 anos

A INICIAÇÃO DE FLOSSIE

Este filme pode ser considerado pornográfico

POLITEAMA

Tel. 323805 — 14.15, 16.30, 19 e 21.30

Para todos

O SOLDADO AVENTUREIRO

3.ª Semana
com Bud Spencer

RESTELO

Tel. 610376 — 21.15

Na. acons. a men. 18 anos

E PRECISO VIVER PERIGOSAMENTE

ROMA

Tel. 727778 — 15.30, 18.30 e 21.15

REMÉDIOS DE AMOR

C/Birgit Bergen Enzi Fuchs

Interdito a men. 18 anos

ROXY

Tel. 48560 — 14, 16.30, 18.45 e 21.15

O mais audacioso salvamento deste século

VITÓRIA EM ENTEBBE

C/Helmut Berger, Linda Blair, Kirk Douglas

Não acons. a menores de 13 anos

S. JORGE

Tel. 554153 — 15.15, 18.30, 21.15

VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS

Em 4.ª Semana
5 Óscares o Melhor Filme do Ano!

TIVOLI

Tel. 570595 — Hoje às .15

Não acons. a men. de 13 anos

Ingrid Bergman, Gregory Peck em

A CASA ENCANTADA

A obra-prva de Alfred Hitchcock
Hoje às 15.15 e 18.30

BRANCA DE NOVE E OS SETE ANÕES

UNIVERSAL

Tel. 774412 — 15, 19, 21

O ANO 01

Um filme de Alain Resnais, Jacques Doillon e Jean Rouch
Não Acons. a M/ 13 anos

Às 17 e 23 h.

OS MÁRTIRES DO AMOR

Grupo C

D. JOÃO V — DAMAIA

Tel. 971794

Int. men. 18 anos

REZA PELO MORTO E MATA O VIVO

DL
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

O Cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, esteve esta manhã no Palácio de Belém a apresentar os tradicionais cumprimentos de Ano Novo ao Presidente da República. Com a nova dinâmica da vida portuguesa é natural que o encontro tenha ultrapassado o formalismo característico destas cerimónias para permitir uma breve troca de impressões entre o Presidente e o representante máximo da Igreja

O P.A.P. EM FORMAÇÃO
"Ultras" vão da O.A.L. ao E.L.P.

. Figuras tidas como afectas aos círculos mais reaccionários nacionais são dadas como ligadas ou próximas do P.A.P. — Partido da Aliança Portuguesa — que, conforme ontem noticiámos, se encontra em formação. Nomes como Luís Arouca, director do semanário «ultra», «Liberdade» (actualmente suspenso), José Pinheiro da Silva, director do semanário «Vária 8» tido como muito próximo do M.I.R.N. (e actualmente também suspenso) e Valdez dos Santos, director do «decano» da informacão fascista, o «Jornal Português de Economia e Finanças».

Os nomes de alguns militares na reserva são dados como tendo sido contactados para pertencerem ao P.A.P. Um matutino lisboeta de direita — e portanto normalmente bem informado nestes assuntos — indica hoje os nomes de Silvino Silvério Marques, Bettencourt Rodrigues e Kaúlza de Arriaga, acrescentando, no entanto, que, segundo se supõe, os três teriam «declinado» o convite. Aponta-se, no entanto, que Silvino Silvério Marques se encontraria presentemente ligado ao M.I.R.N. de Kaúlza, isto na sequência de ligações reveladas aquando das eleições presidenciais e da possível participação do derrotado ex-comandante-chefe em Moçambique.

Quanto a Bettencourt Rodrigues, ex-governador na Guiné, o seu nome é tido como muito mais importante do que o de Kaúlza ou Silvério Marques entre «ultras» de direita.

Todos estes nomes, de civis e ex-militares, aparecem relacionados com as ex-colónias e com os sectores mais reaccionários dos «retornados», sendo mesmo alguns apontados como estando ligados à «Organização África Livre» (O.A.L.), dominada por Jorge Jardim, e cujos elos ao E.L.P. e a acções terroristas em Portugal começam a ser revelados à medida que a P.J. e P.J.M. desvendam novos pormenores daquela rede. É assim que o nome de Pinheiro da Silva é ontem citado por um vespertino como «participante activo» na «O.A.L.», ao lado de outros nomes como Burity da Silva e Baticã Ferreira.

Reforça-se assim a ideia de que Manuel Pires de Morais, ontem dado como uma das principais figuras do P.A.P., é apenas um «testa de ferro» cujo nome foi avançado nesta fase de formação do partido a fim de cobrir outras figuras que não há interesse em pôr, para já, em relevo.

POSIÇÃO DO C.D.S.

«Quem quiser associar-se associa-se».

Este o comentário do dirigente «centrista» Amaro da Costa ao ser instado pelo «D.L.» a pronunciar-se sobre as tentativas para formação do P.A.P.

Quanto à participação de elementos do C.D.S. nas reuniões preparatórias que vêm decorrendo, Amaro da Costa afirmou: «Não me consta. Quanto a Manuel Pires de Morais foi efectivamente deputado do C.D.S. na Constituinte. Os órgãos competentes do partido não o incluiram, porém, nem convidaram, a englobar-se nas listas para a Assembleia da República, o que foi, creio, caso único e poderá ser um índice revelador». Sobre a «personalidade» de Pires de Morais acrescentou ainda: «Tratava-se de uma pessoa que dificilmente poderia enquadrar-se na linha do partido». Sobre se se tratava de um elemento «excessivamente radical», Amaro da Costa limitou-se a afirmar que «eu diria que sim», acrescentando tratar-se de «uma pessoa de certa tendência radical e de uma certa emotividade». Finalmente, quanto às posições ultimamente assumidas por semanários fascistas de crítica ao C.D.S., diria: «Respeitamos a Imprensa desde o momento que não calunie. Respeitamos por isso que a «Barricada» elogie o P.S.D. e nos critique e que «A Rua» proceda de forma idêntica».

nota

O ADMINISTRADOR

Em fins de 1946 (a Segunda Guerra Mundial terminara um ano antes; o MUD, congregando toda a oposição portuguesa, sofria golpes mortais da repressão salazarista e os tribunais de excepção, os plenários, iniciavam a sua faina, que só viria a terminar com o 25 de Abril) publicava-se o «Boletim da Legião Portuguesa».

Folheamos, por acaso, alguns desses números, repletos de ataques à liberdade, à democracia, ao comunismo e de hinos à ordem e à obediência aos «chefes».

Três nomes assumiam, nessa altura, a responsabilidade do Boletim: João Ameal (director); Capitão Couto Carpinteiro (redactor principal) e António S. Spínola (administrador.

AS FONTES «FIDEDIGNAS»...

Na sua primeira página o diário da manhã «O Dia» publica uma «notícia sensacional», a de que Samora Machel «escapou há dias a mais um atentado contra a sua vida». O citado diário da manhã diz que quem afirmou isso foi «a emissora oficial rodesiana, em Salisbúria, citando como fonte da sua informação um ex-responsável da P. I. D. E.

É caso para dizer que as «fontes fidedignas» estão inquinadas...

"Kwanza" é assunto extremamente delicado

. «A delegação em Lisboa do Banco Comercial de Angola (BCA) não tem quaisquer poderes para proceder à troca da nova moeda daquele país («Kwanza») pelos escudos coloniais, visto ser um simples escritório de representações e não proceder a operações bancárias» declarou à ANOP um informador daquele estabelecimento bancário.

Medina Carreira, ministro das Finanças, disse a um matutino portuense:

«Não posso fazer comentários. Trata-se de um assunto extraordinariamente delicado, que com certeza vai exigir muita ponderação. Todas as implicações têm de ser estudadas atentamente».

Medina Carreira acrescentaria ainda que tinha tomado conhecimento dessa operação pela Imprensa, não estando em «condições de comentar o assunto».

Também a este propósito, um informador do Banco de Portugal declarou à ANOP, que ainda não havia «elementos do exterior que permitissem uma definição da nova moeda em termos de possível conversão».

Reconhecendo que o noticiário da Imprensa serviu como fonte ao próprio Banco de Portugal, o mesmo informador dividiu a questão segundo duas ópticas:

. «É uma medida de natureza essencialmente política — disse — pela qual o Governo angolano elimina qualquer responsabilidade sobre os cinco milhões de contos de «angolares» que se estima existirem no nosso país. Quanto a este aspecto, se porventura merecer medidas políticas, elas estão fora da nossa alçada. No que respeita à posição técnica, trata-se de uma mudança de moeda e não é a primeira vez que acontece, se bem que o mecanismo não seja vulgar. Não se sabe ainda qual virá a ser a paridade do «Kwanza», nem a forma de relação entre esta nova moeda e o escudo, ou sequer se essa relação se vai estabelecer».

O escândalo dos "pides"

Continuação da pág. 1

Por sua vez, os trabalhadores ao serviço do Sindicato dos Metalúrgicos do Distrito de Lisboa, repudiando a sentença final pronunciada no julgamento do assassino do escultor Dias Coelho, que afirmam «constituir um insulto à Justiça, ao regime democrático que se pretende neste país, a todos os antifascistas e ao Povo Português» consideram que o facto de terem sido tomadas como circunstâncias atenuantes «o zelo posto pelo réu na perseguição aos que lutaram pela Democracia e pela Liberdade, e os louvores que por esse motivo lhe foram dados pelo regime fascista, mais não é do que uma provocação à ordem constitucional estabelecida, um encorajamento aos actos terroristas e a demonstração clara da necessidade do saneamento do aparelho da Justiça neste País».

Idêntica posição foi assumida pela Comissão de Trabalhadores da Metalúrgia Luso-Italiana

Muitas outras manifestações de repúdio contra as sentenças continuam a chegar à nossa redacção, destacando-se as moções aprovadas pelos trabalhadores da Direcção-Geral da Investigação e Protecção dos Recursos Vivos e do Ambiente Aquático, da Secretaria de Estado das Pescas,

AEPPA APELA À CONCENTRAÇÃO FRENTE AO TRIBUNAL DE SANTA CLARA

A Associação de Ex-Presos Políticos Antifascistas, num vigoroso comunicado em que salienta que «o nosso povo que durante 50 anos sentiu na carne a repressão fascista não tem a memória curta e não esquece os crimes dos seus piores inimigos» e alude ao «julgamento-farsa do criminoso Seixas», cuja sentença será provavelmente lida na próxima quinta-feira, «apela a todos os democratas e antifascistas para que se concentrem em massa frente ao Tribunal de Santa Clara pelas 18 horas para aí exprimir o seu protesto e a sua repulsa pelo que se está a passar. Ao mesmo tempo temos que apresentar bem clara a alternativa popular, o Tribunal que julgue de facto a P.I.D.E.»

Entretanto, e enquanto se espera a publicação das alterações no decreto-lei atrás referido, as libertações de ex-agentes da P.I.D.E.-D.G.S. prosseguem. Desta vez, o Tribunal Militar de Santa Clara ilibou os «pides» Mário Fernandes Gonçalves e João Garção Fernandes, que apresentaram um certificado de «bom comportamento».

Uma vez mais os habituais «certificados de bom comportamento» emanados do director da Cadeia Penitenciária de Lisboa, fizeram o «gáudio» da assistência.

Tengarrinha e Cabrita falaram de política e sindicalismo

Em sessão ontem promovida pelo M. U. T. I., no Teatro Vasco Santana, José Tengarrinha e Daniel Cabrita falaram sobre o tema «Política 1976. Trabalho e Sindicalismo», após um período inicial de informações em que foi referida a situação dos trabalhadores dos grupos de teatro independente.

O tema «Política 1976» foi desenvolvido por Tengarrinha, que focou o avanço das forças direitistas após o 25 de Novembro de 1975, ameaçando as conquistas da revolução e desenvolvendo uma campanha contra o Conselho da Revolução.

Daniel Cabrita, por seu turno, focou as questões de trabalho e o sindicalismo, numa intervenção que, tal como a do outro orador, mereceu o maior interesse da assistência.

A próxima sessão do M. U. T. I. terá lugar no próximo sábado, em Beja.

REMODELAÇÃO EM CABO VERDE
Linha histórica do P.A.I.G.C. saiu reforçada

. O Governo da República de Cabo Verde acaba de sofrer uma remodelação que se traduziu, no essencial, na saída de dois ministros — Amaro da Luz e Sérgio Centeio — e na concentração das decisões de política económica nas mãos de Oswaldo Lopes da Silva, que já exercia o cargo de ministro da Economia.

Oswaldo Lopes da Silva foi um destacado comandante durante a luta armada de libertação nacional tendo-lhe sido confiados, nomeadamente, os cálculos balísticos para o ataque e tomada de Guiledge, importante praça fortificada na região Sul da Guiné. Antes de seguir para a luta armada havia estudado em Lisboa no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras. A partir desta remodelação passa a ser ministro da Coordenação Económica. Por seu turno, quer Amaro da Luz, ex-ministro das Finanças, quer Sérgio Centeio, ex-ministro da Agricultura, são extremamente jovens tendo concluído os seus cursos superiores em Portugal e regressado a Cabo Verde após o 25 de Abril

Reunião do C.R.

O Conselho da Revolução reúne-se amanhã no Restelo para análise da situação político-militar. Não foi divulgada a agenda na especialidade mas admite-se que o assunto do julgamento dos «pides» possa vir a ser objecto de uma abordagem, dada a agitação que está a levantar e a forma escandalosa que assumiu.

Como conservar
Dentes Postiços
com mais firmeza no seu lugar
A sua dentadura postiça causa-lhe aborrecimentos movendo-se, caindo ou abanando quando come, ri ou fala? Polvilhe apenas as suas placas com um pouco de DENTOFIX. Este pó fixa os dentes postiços com maior firmeza e maior conforto. DENTOFIX evita aquela sensação gomosa e pastosa tão desagradável. Não magoa. Elimina o mau hálito das dentaduras. Peça DENTOFIX hoje mesmo em qualquer farmácia, drogaria ou perfumaria.

auto férias estadias em hoteis e apartamentos
ALGARVE•SESIMBRA•ESTORIL
desde 60 esc. por dia e por pessoa
Av. Liberdade 233 Tel. 536121 Lisboa 2
Europeia

Lutas de libertação na África Austral

. Orientada por Carlos Candal e Macaísta Malheiros, representando o Conselho da Paz, e por Silva Graça, mebro da Associação Portugal-Moçambique, terá lugar esta noite, pelas 21 e 30, no Campolide Atlético Clube, uma reunião-colóquio sobre a Conferência de Genebra, a luta dos movimentos nacionalistas do Zimbabwe e a luta da SWAPO, na Namíbia.

Sorteios do futebol europeu

. Efectuaram-se hoje, em Zurique os sorteios para as eliminatórias dos quartos de final dos três torneios europeus de futebol entre clubes, cujos resultados foram os seguintes:

. Taça UEFA: Atlético de Bilbau — Barcelona, Queens Park Rangers (Inglaterra) — Aek (de Atenas), Madgdburgo (República Democrática Alemã) — Juventus (de Turim) Feyenoord (de Roterdão) — RWD Molenbeek (da Bélgica).

Taça dos vencedores de taças»: Levski Spartak, de Sófia (Bulgária) — Atlético de Madrid, Anderlecht (Bélgica) — Southampton (Ingleterra), MTK de Budapeste (Hungria) — Hamburgo SV (República Federal Alemã) e Slask Wroclaw (Polónia) — Nápoles.

«Taça dos Campeões»: Bayern de Munique (RFA) — Dinamo de Kiev (URSS), ST — Etienne (França) — Liverpoool (Inglaterra), Borussia Moenchengladbach (RFA) — Bruges (Bélgica) e Zurique (Suiça) — Dynamo de Dresden (RDA).

Em todas estas competições os jogos da primeira «mão» serão disputados em 2 de Março e os da segunda em 16 do mesmo mês.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA EM DEZEMBRO: 45 813